



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE FRONTEIRA**

**FRONTEIRAS E CONEXÕES ONLINE E OFFLINE: SOCIABILIDADE DE**  
**MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA.**

Ruane Cláudia Queiroz Silva

**Macapá, 2021**

Ruane Cláudia Queiroz Silva

**FRONTEIRAS E CONEXÕES ONLINE E OFFLINE: SOCIABILIDADE DE  
MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA.**

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Estudos de Fronteira da Universidade Federal do Amapá – UNIFAP como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Professor Dr. Handerson Joseph

**Macapá, 2021**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal do Amapá.  
Elaborado por Mário das G. Carvalho Lima Júnior – CRB-2/1451

Silva, Ruane Cláudia Queiroz.

Fronteiras e conexões online e offline: sociabilidade de migrantes brasileiras na Guiana Francesa / Ruane Cláudia Queiroz Silva; orientador, Handerson Joseph. - Macapá, 2021.

168f.

Dissertação (Mestrado) - Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Estudos de Fronteira.

1. Fronteiras – Brasil – França. 2. Sociabilidade – Redes sociais. 3. Mulheres – Migração. I. Joseph, Handerson, orientador. II. Fundação Universidade Federal do Amapá. III. Título.

**CDD – 320.12 / S586f**

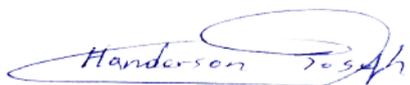
Ruane Cláudia Queiroz Silva

**FRONTEIRAS E CONEXÕES ONLINE E OFFLINE: SOCIABILIDADE DE  
MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA**

Dissertação de Mestrado submetida à Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteiras da Universidade Federal do Amapá, como requisito para obtenção do grau de Mestre em Estudos de Fronteira.

Data: 14 de dezembro de 2021.

**BANCA EXAMINADORA:**



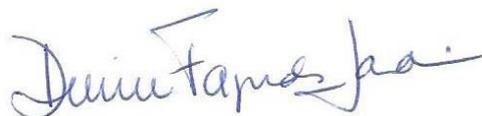
---

Prof. Dr. Handerson Joseph (orientador)  
Universidade Federal do Amapá e Universidade Federal do Rio Grande do Sul



---

Profa. Dra. Carmentilla das Chagas Martins (Membro  
Interno) Universidade Federal do Amapá



---

Profa. Dra. Denise Fagundes Jardim (Membro  
externo) Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Dedico aos meus pais Regiclaudo e Maria Regina,  
Ao meu irmão Ruan Maurili,  
Às minhas avós, Martinha (*in memorian*) e Oneide (*in memorian*),  
À Clemice Ferreira (*in memorian*).

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela dádiva da vida e por me dar forças para não desistir dos meus objetivos, mesmo em meio a tantas dificuldades. E pelas alegrias e conquistas a mim proporcionadas durante todo o processo acadêmico no mestrado.

Agradeço aos meus pais e irmão, vocês são a minha base. Obrigada por me incentivarem e proporcionarem todos os recursos necessários para que eu siga na carreira acadêmica, mesmo em meio a um momento de incertezas e retrocessos políticos no Brasil, os quais afetam diretamente a produção de ciência. Ao meu noivo Eduan Gomes, por todo amor, carinho, cuidado e incentivo durante minha jornada no mestrado, e que muitas vezes, mesmo sendo de uma área acadêmica oposta à minha, escutava pacientemente eu falar das minhas pesquisas. Obrigada por me ajudar no longo processo de transcrição literal das entrevistas, e pelos apontamentos, que sempre contribuíam.

A Joel Nascimento, pela amizade, força, companheirismo e por toda parceria acadêmica desenvolvida durante o mestrado, a qual resultou em frutos de crescimento e amadurecimento científico, em áreas de pesquisa por nós compartilhadas. Agradeço aos meus amigos e familiares, os quais celebraram comigo a aprovação no processo seletivo do mestrado, que assistiam minhas apresentações de trabalho, e torcem para que novos objetivos sejam alcançados. Em especial, Renara Chagas, pela ajuda na versão em língua francesa do resumo.

A todos os professores de quem fui aluna no mestrado, os quais foram essenciais na minha formação e com quem tanto aprendi. Agradeço ao meu orientador, prof. Dr. Handerson Joseph, o qual tenho grande admiração, obrigada por todas as críticas e orientações essenciais para construção e conclusão desta pesquisa.

Aos membros da minha banca de qualificação, professoras: Dra. Denise Jardim e Dra. Carmentilla Martins, agradeço a gentileza e generosidade nos comentários e sugestões, fundamentais no momento de reformulação do objeto de pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF) da Universidade Federal do Amapá, agradeço pelo apoio e auxílios econômicos para realizar pesquisas de campo, e por contribuir no custeio de deslocamentos para realizar curso de extensão e apresentação de pesquisa, em outros Estados do Brasil.

Agradeço as minhas interlocutoras, eu as admiro imensamente. Obrigada por gentilmente cederem tempo e compartilharem comigo suas histórias de vida, essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

*Somos a flor desta montanha, a que, acariciada pelos ventos, não se curva.  
Somos tão fortes que, mesmo que fiquemos sem água,  
não nos esvaneceremos.  
Não sei se nascemos assim ou as circunstâncias nos fizeram assim.  
À medida que temos sede, nossas raízes  
adentram mais profundamente a terra.  
Eles estão tentando nos arrancar do solo, mas conhecem a força de  
uma flor que brota na montanha.*

(Meral Cicek)

## RESUMO

Mesmo com as restrições de circulação de pessoas, isolamento social e *lockdown*, a socialização entre as mulheres brasileiras residentes na Guiana Francesa, mantém-se fomentada pelo avanço tecnológico e uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs). A presente pesquisa tem o objetivo de analisar as sociabilidades de migrantes brasileiras na Guiana Francesa, a partir de suas vivências e experiências através das redes virtuais e socioespaciais. Mais especificamente, visa estudar o cenário migratório de brasileiras para a Guiana Francesa; investigar as interfaces entre sociabilidade e migração na contemporaneidade; e descrever suas histórias de vida, desde a saída do Brasil até a chegada e instalação na Guiana Francesa, com o intuito de mapear os meios de sociabilidade desenvolvidos por elas no referido território. Tem-se como questão norteadora: as interações sociais online e offline de migrantes brasileiras podem implicar em reconfigurações das suas sociabilidades na Guiana Francesa? A partir da netnografia, entrevistas semiestruturadas e pesquisa “online em comunidade”, na rede virtual (Facebook), foi possível discutir e compreender um fenômeno social que vai muito além dos espaços geográficos ou territoriais, mas que acontece também através da internet, num contexto de mundo globalizado, cada vez mais atravessado pelos usos das TICs, e que afetam diretamente as formas de ser e estar em sociedade das migrantes em estudo.

Palavras-chave: Fronteiras. Conexões. Sociabilidades. Brasileiras. Guiana Francesa.

## ABSTRACT

Even with restrictions on the movement of people, social isolation, and lockdown, socialization among Brazilian women living in French Guiana is maintained by technological advancement and the use of information and communication technologies (ICTs). This research aims to analyze the sociabilities of Brazilian female migrants in French Guiana, based on their lived experiences and background, through virtual and socio-spatial networks. More specifically, it aims to study the migratory scenario of Brazilian women to French Guiana: to investigate the interfaces between sociability and migration in contemporary times and describe their life stories, from leaving Brazil to their arrival and settlement in French Guiana, in order to map the means of sociability developed by them in that territory. The guiding question is: can the online and offline social interactions of Brazilian female migrants imply reconfigurations of their sociability in French Guiana? From netnography, semi-structured interviews, and research into "communities online" in the social network Facebook, it was possible to discuss and understand a social phenomenon that goes far beyond geographical or territorial spaces, but that also happens through the Internet, in a context of a globalized world, increasingly crossed by the uses of ICTs, which directly affect the female migrants ways of being and existing in society.

Keywords: Borders. Connections. Sociabilities. Brazilian women. French Guiana.

## RESUMÉ

Même avec les restrictions de circulation des personnes, l'isolement social et le blocage, la socialisation des femmes brésiliennes résidant en Guyane française est toujours favorisée par les avancées technologiques et l'utilisation des technologies de l'information et de la communication (TIC). Cette recherche vise à analyser la sociabilité des migrants brésiliens en Guyane française, à partir de leurs expériences et expériences à travers des réseaux virtuels et socio-spatiaux. Plus précisément, il vise à étudier le scénario migratoire des femmes brésiliennes vers la Guyane française ; enquêter sur les interfaces entre sociabilité et migration dans la contemporanéité ; et décrire leurs histoires de vie, depuis leur départ du Brésil jusqu'à l'arrivée et l'installation en Guyane française, afin de cartographier les modes de sociabilité qu'ils ont développés sur ce territoire. La question directrice est: les interactions sociales en ligne et hors ligne des migrants brésiliens peuvent-elles impliquer une reconfiguration de leur sociabilité en Guyane française? À partir de netnographie, d'entretiens semi-directifs et de recherches de "communauté en ligne" sur le réseau virtuel (Facebook), il a été possible d'évoquer et de comprendre un phénomène de société qui dépasse largement les espaces géographiques ou territoriaux, mais qui passe aussi par Internet, en un contexte de monde globalisé, de plus en plus traversé par les usages des TIC, et qui affectent directement les manières d'être en société des migrants étudiés.

Mots-clés: Frontières. Connexions. Sociabilités. Brésiliens. Guyane Française.

## LISTA DE FIGURAS

Mapa 1: Região pretendida pela França.....	34
Quadro 1: Tratados de limites e suas especificidades.....	35
Figura 1: Ponte Binacional.....	36
Figura 2: Desembarque de cargas e pessoas.....	39
Figura 3: Comunidade Brasileira na América do Sul.....	42
Gráfico 1: Entradas e saídas do território brasileiro nos pontos de fronteira, por ano (2018 a 2020).....	42
Figura 4: Migração brasileira na Guiana Francesa ao longo do tempo.....	49
Figura 5: População migrante na Guiana Francesa.....	49
Figura 6: Informações biográficas de migrantes brasileiras matriculadas na Universidade de Cayenne ou em formação continuada.....	52
Figura 7: Diagramas de Paul Baran.....	56
Figura 8: Retrospectiva 2012 - e 20 anos depois tudo isso cabe no seu bolso.....	57
Figura 9: Comportamento online.....	58
Figura 10: Moradores da capital do amapá, em Macapá, fazem protestos na noite do dia 10 de novembro de 2020, durante apagão.....	59
Figura 11: Vovó Maria Redonda.....	71
Figura 12: Comentários em publicação sobre misoginia e sexismo.....	76
Figura 13: Comentários de migrantes brasileiras a respeito da publicação sobre aborto.....	78
Figura 14: Comentários de migrantes brasileiras a respeito da publicação sobre aborto.....	79
Figura 15: Comentário em publicação de Vaneza.....	80
Figura 16: Publicação de apelo aos brasileiros residentes na Guiana Francesa.....	87
Figura 17: Comentários de brasileiros sobre o atendimento no consulado brasileiro na Guiana Francesa.....	88
Figura 18: Comentários no Facebook sobre a publicação relacionada ao seu ativismo social.....	92
Figura 19: Grupo no WhatsApp de informações aos residentes e franco-brasileiros quanto a entrada na Guiana Francesa.....	93
Figura 20: Atualização de foto de perfil do Facebook de Marta.....	112
Figura 21: Atualização da foto de perfil do Facebook de Marta.....	112

Figura 22: Atualização da foto de capa do Facebook de Marta, com a foto de uma de suas netas.....	113
Figura 23: Atualização da foto de perfil do Facebook de Marta.....	113
Figura 24: Página do Perfil de Marta no Instagram.....	114
Figura 25: Comentários de brasileiras na publicação de Vaneza.....	125
Figura 26: Mutirão virtual para natal solidário de crianças em Vila Vitória (AP).....	129
Figura 27: Página Inicial “Brasileiros na Guiana Francesa”.....	130
Figura 28: Comentários em postagem falando sobre o objetivo da Página no Facebook e grupos de WhatsApp.....	135
Figura 29: Busca por senhor perdido na cidade de Macapá.....	135
Figura 30: Comentários sobre a publicação do senhor encontrado pelos familiares.....	136
Figura 31: Reencontro do senhor Francisco e seus familiares após 17 anos.....	137
Figura 32: Brasileiro hospitalizado em Caiena, em estágio terminal de câncer.....	138
Figura 33: Busca por brasileiros desaparecidos em naufrágio.....	139
Figura 34: Busca por informações sobre desaparecidos no naufrágio.....	140
Figura 35: Desaparecidos no naufrágio do dia 28 de agosto de 2021.....	140
Figura 36: Pedido de ajuda na compra de gasolina e alimentação.....	141

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ADM 1 – Administradora 1

ADM 2 - Administradora 2

AP – Amapá

ARS - Agência Regional de Saúde da Guiana Francesa

CEP – Comitê de Ética em Pesquisa

CONEP - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa

COVID19 - Doença do Coronavírus iniciada em 2019

DESA - Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais

IIRSA - Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-americana

INSEE - Instituto Nacional de Estatística e Estudos Econômicos

IPTU - Imposto Predial e Territorial Urbano

NETP - Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Amapá

NTICs - Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação

ONU – Organização das Nações Unidas

PPGEF - Programa de pós-graduação em Estudos de Fronteira

SISFRON - Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteira

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação

WEB – Rede Mundial de Computadores Interligados

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>12</b>
1.1 TRAJETÓRIA, PERCURSO E ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA.....	12
1.2 METODOLOGIA E MÉTODOS.....	16
<b>2. FRONTEIRAS.....</b>	<b>29</b>
2.1 FRONTEIRAS SIMBÓLICAS.....	29
2.1.1 FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA.....	33
2.2 FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES.....	43
2.3 BREVE CENÁRIO DA MIGRAÇÃO FEMININA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA.....	48
<b>3. RECONFIGURAÇÕES DA SOCIABILIDADE.....</b>	<b>53</b>
3.1 SOCIABILIDADE E MIGRAÇÃO.....	53
3.2 REDES GLOBALIZADAS.....	56
3.3 MANUEL CASTELLS E A TEORIA DO ESPAÇO DE FLUXOS.....	61
3.4 DESTERRITORIALIZAÇÃO DA SOCIEDADE.....	63
<b>4. VANEZA: “EU CRESCI NAS REDES SOCIAIS”.....</b>	<b>67</b>
4.1 PROJETO DE MIGRAÇÃO.....	68
4.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	70
4.3 QUESTÕES DE GÊNERO.....	74
4.4 REDES DE CONTATOS.....	82
4.5 FAMÍLIA E RELAÇÕES TRANSNACIONAIS.....	85
4.6 TRABALHO.....	89
4.7 CONTEXTO PANDÊMICO.....	92
<b>5. MARTA: INTERAÇÕES SOCIOESPACIAIS.....</b>	<b>97</b>
5.1 PROJETO DE MIGRAÇÃO.....	97
5.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO.....	100
5.3 QUESTÕES DE GÊNERO.....	103
5.4 REDES DE CONTATOS.....	105
5.5 FAMÍLIA E RELAÇÕES TRANSNACIONAIS.....	107
5.6 TRABALHO.....	108
5.7 USOS DA INTERNET.....	111
5.8 CONTEXTO PANDÊMICO.....	115
<b>6. MÚLTIPLAS FORMAS DE VIVER OS TERRITÓRIOS.....</b>	<b>117</b>
6.1 REDES SOCIAIS.....	117
6.2 REDES VIRTUAIS.....	122
6.2.1 GRUPO PRIVADO “UNIÃO DE MULHERES MIGRANTES”.....	125
6.2.2 PÁGINA “BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA”.....	130
6.5 NOVAS SOCIABILIDADES?.....	142
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>145</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>150</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>162</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 TRAJETÓRIA, PERCURSO E ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA

Meu primeiro contato com a temática do pré-projeto de pesquisa, submetido ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF), deu-se durante a graduação em Relações Internacionais, onde pude estudar tópicos comuns da área de conhecimento, dentre os quais incluíam: conflitos e pacificação, política externa comparada, política ambiental, direitos humanos, regulamentação comercial e financeira, tratados internacionais, ferramentas e processos diplomáticos, teorias feministas, migração, refúgio, segurança internacional, e o papel de organizações e instituições internacionais, entre outros. Até então, o tema sobre migração havia sido estudado de forma transversal.

O tema “tráfico de mulheres”, chamou minha atenção na metade do curso de graduação, quando o trabalhei pela primeira vez na disciplina “Pesquisa em Relações Internacionais”. Desde então, continuei as pesquisas sobre ele, até tornar-se objeto do meu trabalho de conclusão de curso. Como pretendia continuar a pesquisa sobre o tema, submeti um pré-projeto de pesquisa com a temática “Tráfico Internacional de Mulheres na Fronteira Franco-Amapaense”, no Processo Seletivo do PPGEF.

O referido pré-projeto, pretendia dar continuidade às pesquisas iniciadas no trabalho de conclusão de curso, as quais resultaram no artigo científico intitulado “Tráfico internacional de mulheres nas fronteiras franco-amapaenses”, sob a orientação do Prof. Handerson Joseph. As pesquisas realizadas na cidade de Macapá, em 2017, mostraram alguns resultados preocupantes, como o pouco conhecimento da sociedade civil e dos profissionais de órgãos de atenção à mulher sobre o fenômeno. Evidenciaram-se dificuldades enfrentadas pelo Núcleo de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas do Amapá (NETP - AP), como: falta de guia de atuação voltado à realidade local; de campanhas que considerem as identidades e especificidades dos grupos sociais; de atenção voltada às questões de gênero; e a associação automática entre tráfico de mulheres e prostituição, problemáticas as quais pretendia-se deslindar com o pré-projeto submetido. Tratam-se de questões atinentes ao tráfico internacional de mulheres na região fronteira franco-brasileira, e que necessitam de estudos para qualificar o debate sobre o fenômeno no Estado.

Ao ingressar no mestrado, continuei as pesquisas sobre tráfico de mulheres e ampliei

os estudos para outras questões de gênero, como o mercado transnacional do sexo, prostituição, violência contra as mulheres e migração feminina na fronteira franco-brasileira. Iniciando a escrita do projeto de qualificação, com a temática submetida e organizando a viagem para a realização da primeira pesquisa de campo, deparei-me com um problema que me faria mudar o objeto de estudo: segurança pessoal.<sup>1</sup> O fenômeno a ser estudado era bastante complexo, envolvendo o crime organizado transnacional e com *lôcus* de pesquisa em áreas de vulnerabilidade em território estrangeiro. Portanto, não conseguindo ninguém que pudesse me acompanhar em campo, achei prudente mudar a temática para algo que também instigava minha atenção e necessita de estudos na região.

Nas disciplinas cursadas durante o mestrado, como “Diásporas, Etnicidades e Migrações em situações (trans)fronteiriças”, ministrada por Handerson Joseph, pude me aprofundar mais nas questões migratórias. Dessas, a que mais me chamou atenção e me levou a aprofundar os estudos sobre as dinâmicas migratórias, especificamente na fronteira entre o Brasil e a Guiana Francesa, foram as questões relacionadas à migração feminina.

Boyer (2005) relaciona a noção de projeto migratório com a oportunidade de observar as estratégias, desejos, intenções e objetivos dos migrantes, que podem se formular e reformular durante o processo migratório. Essa noção fornece um meio de análise capaz de articular, diversas escalas de espaço e tempo, pondo em conjunto o indivíduo e o grupo de migrantes.

As regiões fronteiriças apresentam diversas particularidades intrínsecas aos lugares em que se situam, e se relacionam com os mais diversos aspectos da vida dos sujeitos que vivem nelas ou passam por elas. As mulheres brasileiras que transitam em direção à Guiana Francesa, possuem realidades socioeconômicas e culturais, que necessitam de estudos capazes de explicar a realidade desse fenômeno migratório na região.

Posto isso, o projeto de qualificação o qual defendi e foi aprovado, tinha o objetivo de analisar a feminização do fluxo migratório na fronteira franco-brasileira, a partir das dinâmicas das relações afetivas, do trabalho e das redes migratórias. Cujas questões norteadoras da pesquisa era: de que forma as dinâmicas afetivas, do trabalho, e das redes migratórias se articulam na migração de mulheres brasileiras, na região em estudo? Optou-se, então, pela realização de entrevistas aprofundadas e semiestruturadas, baseando-se nas trajetórias de

---

<sup>1</sup> Realizar pesquisa de campo sozinha sobre esse fenômeno poderia ser arriscado para mim, o fato de eu ser mulher é um fator de risco a mais, já que se tratava de uma pesquisa sobre um fenômeno que envolve mulheres e uma rede criminosa transnacional.

vida dessas mulheres migrantes, em combinação com o trabalho de campo, ambos *in locus*; é importante frisar. Essas técnicas forneceriam ao trabalho uma rica quantidade de detalhes, que esclareceriam as escolhas que elas fazem, caso a caso.

Entretanto, a pandemia de Covid-19 é frustrante, triste e desafiadora, vivemos um momento de incertezas. Todas as áreas da vida das pessoas passaram e passam por grandes mudanças e adaptações, e na área acadêmica não difere, os trabalhos cujos métodos de pesquisa contavam com a investigação de campo *in locus*, foram diretamente afetadas. Com isso, repensar o projeto apresentado à banca de qualificação foi necessário, pois, se contava com limitações impostas pelo distanciamento social e fechamento terrestre e fluvial de fronteiras entre o Brasil e a Guiana Francesa. O formato como se pensou a temática de pesquisa, metodologia e métodos precisou mudar radicalmente, tratou-se de uma experiência angustiante, sem dúvidas.

Se, quando foi pensado e escrito o projeto pretendia-se realizar um engajamento presencial, acesso às mulheres migrantes brasileiras nas cidades de Cayenne e Kourou, bem como de seus familiares, e possibilidade de acompanhamento de suas rotinas. Passou-se a ter somente a certeza da inviabilidade do desenvolvimento da pesquisa nesse formato.

Com isso, a pesquisa precisou se adequar a um campo até então inexplorado pela presente pesquisadora, em termos de objeto e *locus* de pesquisa. A partir das dificuldades de encontrar mulheres brasileiras que residem na Guiana Francesa, e que aceitassem serem entrevistadas por meios virtuais, e de uma pesquisa exploratória na rede virtual (Facebook), deparei-me com outras realidades vividas por elas, que instigaram a desenvolver essa dissertação. Assim, meu campo de pesquisa passaria ser o virtual e meus métodos não mais os convencionais fornecidos pela etnografia, como observação participativa e entrevistas presenciais.

A pesquisa exploratória nas redes virtuais, mostrou fenômenos a serem estudados e explorados, os quais foram fundamentais para a reformulação do projeto pensado e escrito antes do início da pandemia. Notou-se que, mesmo com as restrições de circulação nos lugares, isolamento social e *lockdown*, a socialização entre as mulheres brasileiras residentes na Guiana Francesa, mantinha-se através das redes virtuais, ou seja, por meio dos recursos tecnológicos.<sup>2</sup>

Com isso, optou-se pela mudança do objeto de pesquisa, bem como, sua metodologia.

---

<sup>2</sup> É importante frisar que, essas interações por meios virtuais já ocorriam antes da pandemia, apenas fomentaram-se a partir dela.

A presente pesquisa tem o objetivo de analisar as sociabilidades de migrantes brasileiras na Guiana Francesa, a partir de suas vivências e experiências através das redes virtuais e socioespaciais. Mais especificamente, visa estudar o cenário migratório de brasileiras na região franco-brasileira; investigar as interfaces entre sociabilidade e migração na contemporaneidade; e descrever as suas histórias de vida, desde a saída do Brasil até a chegada e estabelecimento na Guiana Francesa, com o intuito de mapear os meios de sociabilidade desenvolvidos por elas no território de instalação. Tem-se como questão norteadora: as interações sociais online e offline de migrantes brasileiras, podem implicar em reconfigurações das suas sociabilidades na Guiana Francesa?

A migração pode oferecer novas oportunidades para as mulheres, sozinhas ou acompanhadas, buscam melhorar suas vidas, escapar de relações sociais opressivas, apoiar filhos e outros membros da família, deixados para trás. No entanto, também pode expô-las às vulnerabilidades, resultantes de seu *status* indocumentado, condições de trabalho abusivas e riscos à sua saúde e segurança.

Vários fatores podem influenciar as mulheres a empreender no projeto migratório. Isso inclui interações complexas entre fatores econômicos, sociais, culturais, familiares e políticos, bem como a negação do acesso à educação, emprego, saúde e desrespeito pelos direitos humanos básicos. Nas sociedades, em graus maiores ou menores, as mulheres são marginalizadas por esses direitos, e a migração para países mais abertos, econômica e educacionalmente, pode ajudar a melhorar suas situações pessoais, através da educação e oportunidades de emprego, por exemplo.<sup>3</sup> O fluxo crescente de mulheres migrantes, tornou-se tão significativo quanto suas contribuições econômicas para suas famílias e comunidades. Está se tornando cada vez mais óbvio que a migração não é mais neutra em termos de gênero, com as mulheres entrando no fluxo migratório como as principais provedoras econômicas de suas famílias.

A relevância dessa pesquisa, está na importância de se tratar academicamente de novos cenários relacionados a migração feminina, num contexto de mundo globalizado e cada vez mais atravessado pelos usos das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Após pesquisa exploratória bibliográfica, mostra-se relevante desenvolver no contexto migratório, mais pesquisas sobre migração e suas interfaces com gênero, raça, classe, afetos, tecnologias e sociabilidades, especialmente na região franco-brasileira.

---

<sup>3</sup> Isso pode ou não ocorrer, muitas vezes essas situações de vulnerabilidades e violência, se repetem no país de instalação.

No que concerne à relevância pessoal da pesquisa, eu, enquanto mulher, brasileira, amapaense, moradora de um estado fronteiro e pesquisadora na área de gênero, feminismo e fronteiras, considero de suma importância atentar para questões específicas e relativas às mulheres migrantes, na região em que resido e desenvolvo pesquisas: mulheres negras, indígenas, brancas e ribeirinhas, de populações e realidades diversas.

Socialmente, essa pesquisa pode auxiliar na criação de políticas públicas e produtos técnicos e tecnológicos de atenção à mulher em condição migratória, principalmente as que migram de forma indocumentada, e vivem de forma socialmente vulnerável na Guiana Francesa.

Academicamente, pode contribuir para os estudos sobre migração feminina na contemporaneidade, desenvolvidas no âmbito migratório de um mundo globalizado e no contexto franco-brasileiro. O trabalho também observa a dimensão comum, em distintos ambientes, apresentando e privilegiando as perspectivas dos sujeitos diretamente envolvidos no fenômeno em estudo, que impactam sobre as dinâmicas fronteiriças. Apesar de pesquisas (PINTO, 2012; MARTINS, 2012; SILVA, 2015) que estudam a questão migratória na região franco-brasileira, ainda são escassos os trabalhos que tratam desse tema com foco principal na migração feminina atrelada às TICs.

## 1.2 METODOLOGIA E MÉTODOS

A partir de estudos sobre etnografia e antropologia virtual (KOZINETS, 2014; MILLER, 2004; SEGATA, 2016), pode-se notar que o uso das tecnologias de comunicação às pesquisas em contextos digitais, se mostrou uma excelente ferramenta ou aliada na forma de fazer etnografia. O espaço digital não se mostra o contrário do real, pode ser um tipo diferente de realidade, muda-se como ela é compartilhada. A pesquisa no campo virtual não é menos científica ou importante, o que se muda são os métodos de pesquisa; com especial atenção à ética e à privacidade do outro.

O digital rompe com a temporalidade e com a espacialidade, pois, pode-se, por exemplo, fazer entrevista em tempo real ou não, e com pessoas em diferentes lugares do mundo. Com isso, lugares são construídos, cria-se uma nova forma de espacialidade, pesquisas são mediadas, e a tecnologia é um meio. A netnografia é uma forma especializada de etnografia e utiliza comunicações mediadas por computador ou outros meios eletrônicos, como fonte de dados para chegar à compreensão e à representação etnográfica de um

fenômeno cultural na/da internet. É um conjunto de instruções de como conduzir a pesquisa qualitativa em redes virtuais, centrada nos chamados rastros digitais (foto, publicação, comentários). (MILLER, 2004; SEGATA, 2016).

De acordo com Kozinets (2014), as publicações de qualquer formato são fragmentos de informação, e olha-se esses fragmentos na totalidade; é como se fosse um telescópio em cada mão. É preciso relacionar esses fragmentos espalhados e criar um todo, um novo significado, o qual responderá à pergunta de pesquisa. Analisa-se o que as pessoas fazem nas redes sociais, o que falam. O tratamento dos dados coletados é importante, e a interpretação faz a diferença. Fazer netnografia é mergulhar na cultura dos outros para encontrar linguagens e rituais, que serão entendidos e decifrados. É compreender histórias e valores de um grupo de pessoas, sem interferir no ambiente, mas se envolvendo intelectualmente.

É importante destacar que a presente dissertação, atenta-se para a Resolução 510/16, que enfatiza que a missão do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) e Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), é a proteção devida aos participantes das pesquisas. Considerando que a ética em pesquisa, implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas.

XVI - pesquisa em ciências humanas e sociais: aquelas que se voltam para o conhecimento, compreensão das condições, existência, vivência e saberes das pessoas e dos grupos, em suas relações sociais, institucionais, seus valores culturais, suas ordenações históricas e políticas e suas formas de subjetividade e comunicação, de forma direta ou indireta, incluindo as modalidades de pesquisa que envolvam intervenção.

A ética na pesquisa de dados é muito importante, se uma pessoa posta de forma pública, entende-se a não necessidade de se obter prévia autorização, visto que a clara finalidade da pessoa é se expressar publicamente sobre algo, entretanto, isso não inclui informações pessoais de alcance da Lei Geral de Proteção de Dados, Lei de número 13.709, de 14 de agosto de 2018.<sup>4</sup>

Art. 2º A disciplina da proteção de dados pessoais tem como fundamentos:  
 I - o respeito à privacidade;  
 II - a autodeterminação informativa;  
 III - a liberdade de expressão, de informação, de comunicação e de opinião;  
 IV - a inviolabilidade da intimidade, da honra e da imagem;  
 VII - os direitos humanos, o livre desenvolvimento da personalidade, a dignidade e o exercício da cidadania pelas pessoas naturais. (BRASIL, 2018, online).

<sup>4</sup> BRASIL. Lei n. 13.709, de 14 DE agosto DE 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm). Acesso em: 3 de março de 2021.

Essa pesquisa atentou-se também, para o Ofício Circular 2/2021-CONEP de 24/02/2021, para pesquisa em ambiente virtual, em relação aos procedimentos que envolvem contato através de meio virtual ou telefônicos com os participantes.<sup>5</sup>

2.1.1. Qualquer convite individual enviado por e-mail só poderá ter um remetente e um destinatário, ou ser enviado na forma de lista oculta. 2.1.2. Qualquer convite individual deve esclarecer ao candidato a participantes de pesquisa, que antes de responder às perguntas do pesquisador disponibilizadas em ambiente não presencial ou virtual (questionário/formulário ou entrevista), será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ou Termo de Assentimento, quando for o caso) para a sua anuência.

É extremamente importante a anonimidade dos nomes, e até mesmo, às vezes, o não uso de *verbatim*, para que não seja possível de retro identificação. O objetivo não é identificar pessoas, mas sim entender um comportamento, relações e escolhas, como no caso da minha segunda interlocutora; a primeira será identificada, por motivos que justificarei mais à frente.

Para começar uma pesquisa de campo no ambiente virtual, julga-se importante diferenciar a pesquisa de “comunidade online” e a pesquisa “online em comunidade”.

A pesquisa em “**comunidades online**” estuda alguns fenômenos diretamente relacionados às comunidades eletrônicas e a cultura online em si, uma determinada manifestação delas, ou um de seus elementos [...] Por outro lado, temos a pesquisa “**online em comunidades**”, esses estudos examinam algum fenômeno social geral cuja existência social vai muito além da internet e das interações online, ainda que essas interações possam desempenhar um papel importante com a afiliação ao grupo. (KOZINETTS, 2014, p. 65, grifo meu).

O presente trabalho, será desenvolvido também, através de pesquisa “online em comunidade”, na rede virtual (Facebook). As interações, publicações, informações e relações existentes no ambiente virtual entre mulheres brasileiras que migraram para a Guiana Francesa, ajudará na compreensão de um fenômeno social que não se limita as interações presenciais, mas acontece também na internet e/ou através dela.

O fenômeno amplo a ser compreendido são as sociabilidades desenvolvidas por mulheres brasileiras na Guiana Francesa, no âmbito de suas vidas online e offline. O estudo das comunidades online onde essas mulheres interagem, trazem algo significativo a ser aprendido

---

<sup>5</sup> COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. **Ofício Circular 2/2021, de 24 de fevereiro de 2021.** Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio\\_Circular\\_2\\_24fev2021.pdf](http://conselho.saude.gov.br/images/Oficio_Circular_2_24fev2021.pdf). Acesso em: 3 de março de 2021.

sobre esse fenômeno. As comunicações no grupo informam e se relacionam ao fenômeno amplo em estudo, demonstrando comportamentos, valores, crenças e opiniões importantes para análise.

Cabe ressaltar que, também serão analisadas as histórias de vida das interlocutoras, ferramenta eficaz no âmbito de uma abordagem sociológica, tornando possível pensar sobre a origem de fenômenos sociais, através da reconstrução precisa das disposições de um indivíduo e, assim, compreender uma realidade social de maneira individual. (PARK, 1928; MCKENZIE, 1923).

As mulheres em estudo manifestam interações sociais importantes, virtualmente ou não. Contudo, para que essa pesquisa trouxesse dados satisfatórios, desenvolveu-se uma netnografia não puramente observacional, mas participativa, incluindo interação em grupo virtual e entrevistas semiestruturadas com transcrição literal, evitando assim, suposições com resultados superficiais e apenas descritivos.

Segundo Kozinets (2014), a netnografia participativa oferece uma compreensão do fenômeno mais profunda e uma densa descrição, usa informações publicamente disponíveis em fórum online. Assim, proporciona ao pesquisador uma janela para comportamentos que ocorrem naturalmente, depois realça tal compreensão com opções mais intrusivas, como a entrevista com membros. A netnografia é uma pesquisa observacional participante, baseada em trabalho de campo online, subsidiada por outros elementos como: coleta de dados arquivais, entrevistas, e outras técnicas.

É importante novamente destacar que, não se trata de uma pesquisa de “comunidade online”, meu objetivo não é analisar fenômenos diretamente relacionados às comunidades e a cultura online, mas sim analisar um fenômeno cuja existência social vai muito além da internet e das conexões online entre pessoas, pois, historicamente a sociabilidade sempre ocorreu, de diferentes maneiras. Diante disso, Kozinets (2014) orienta atribuir a netnografia um papel auxiliar na execução da pesquisa, isso me permitiu então, a utilizar no decorrer da coleta e análise de dados, outros métodos da pesquisa qualitativa.

Ao fazer alguns levantamentos quanto aos objetivos e problema de pesquisa e definir lugares apropriados para investigar a questão, percebeu-se que, a netnografia, subsidiada pela análise de conteúdo; análise de histórias de vida, através de entrevistas semiestruturadas com transcrição literal; análise de redes sociais; bem como pesquisa bibliográfica e documental, são métodos os quais se julgam importantes de serem utilizados.

De acordo com Bardin (2011) a Análise de Conteúdo é um método utilizado para pesquisas qualitativas, é:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a ‘discursos’ (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum dessas técnicas múltiplas e multiplicadas - desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até a extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência. (BARDIN, 2011, p. 15).

Segundo a autora, existem três principais etapas a serem seguidas, a primeira chama-se “organização”, essa etapa vai avaliar os documentos e materiais obtidos na coleta de dados, será avaliado o que será ou não necessário analisar, conforme os objetivos da pesquisa. A segunda fase é a de “decodificação”, onde será feito o recorte das unidades de registro e de contexto, as quais podem ser a palavra, o tema, o objeto ou referente, o personagem, o acontecimento ou o documento. A terceira é a “categorização”, é a etapa em que é compilado o que foi decodificado e vai-se elencar o que aparece em maior ou menor frequência, o que seria mais ou menos importante, segundo a frequência que ela aparece no texto. Para Bardin (1977, p. 133), a inferência poderá “apoiar-se nos elementos constitutivos do mecanismo clássico da comunicação: por um lado, a mensagem (significação e código) e o seu suporte ou canal; por outro, o emissor e o receptor”. Por isso, é preciso atentar-se para: o emissor ou produtor da mensagem; indivíduo (ou grupo) receptor da mensagem; a mensagem propriamente dita; e o canal por onde ela foi enviada.

Bourdieu vai abordar o conceito de ‘histórias de vida’ em seu texto *L’illusion biographique* (1996). Fundado na narrativa linear de uma vida constituída de maneira mais ou menos consciente, esse conceito busca revelar uma coerência, uma unidade e, finalmente, um senso do que se tornaria a biografia de um indivíduo. A *Illusion biographique* designa, assim, os pressupostos de uma biografia que seria sua própria força motriz, que encontra em si o seu desenvolvimento.

A análise crítica de processos sociais conduz à construção da noção de trajetória como série de posições ocupadas por um mesmo agente (ou um mesmo grupo) em um espaço ele mesmo em devir e submetido a incessantes transformações. Tentar compreender uma vida como uma série única e suficiente em si mesma de eventos sucessivos sem outra ligação que a associação a um “sujeito” cuja constância é apenas aquela de um nome próprio é quase tão absurdo quanto tentar explicar um trajeto no metrô sem levar em conta a estrutura da rede, ou seja, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações. (BOURDIEU, 1996, p. 184).

De acordo com Chevalier (1979), para se compreender uma mesma realidade, tanto individual quanto social, não há somente uma leitura, mas possíveis leituras do texto biográfico,

localizadas em diferentes níveis. Assim, não se pode afirmar que exista apenas uma metodologia de história de vida, mas várias abordagens possíveis, dependendo dos objetivos específicos da pesquisa. A grande vantagem da história de vida é sua riqueza de conteúdo, no entanto, sua grande dificuldade é essa mesma riqueza e a ilusão que pode fornecer: que seu significado seja indevido. Reconhecidamente toda a história tem seu próprio significado, mas a história de vida é usada na sociologia para responder a perguntas que não sejam as colocadas pelo narrador. “O discurso biográfico e seu texto são uma relação cronológica dos fatos e a descrição do ambiente social do narrador é uma explicação do seu processo de socialização” (CHEVALIER, 1979, p. 93).

Outro método de pesquisa pertinente é a Análise de Redes Sociais, “método analítico que focaliza as estruturas e os padrões de relacionamento entre os atores sociais em uma rede” (KOZINETS, 2014, p. 52). Suas principais unidades de análise são os “nodos” (atores sociais) e os “vínculos” (as relações entre eles), e busca-se descobrir os efeitos que essas relações e redes têm nas pessoas. Consideram-se os diversos recursos comunicados entre as pessoas em comunidades virtuais, entre eles: textuais, de áudio, vídeo, fotográficos, incluindo-se o compartilhamento de informações, conselhos, discussões relacionadas ao trabalho, provimento de apoio emocional ou de companhia. A análise de redes sociais é um complemento útil da netnografia.

Para fins de diferenciação das redes sociais analisadas nos estudos migratórios (ABAD, 2001; MASSEY et. al. 1993), chamarei no decorrer da dissertação, de “Redes Virtuais” àquelas desenvolvidas no ambiente virtual/online. De acordo com Kozinets (2014), os vínculos entre os membros das redes virtuais, podem incluir o compartilhamento de fotos, adicionarem-se como amigos, avisar um ao outro sobre um programa ou notícia interessante, etc. As comunidades online são capazes de criar vínculos fortes o suficiente entre estranhos para que eles se envolvam em algo.

Para Kozinets (2014), dois atores sociais podem ter um vínculo baseado em uma única relação, como, pertencer a um grupo no Facebook. Esse par poderia ter também uma relação múltipla, baseada em algumas relações diferentes, por exemplo, pertencer ao mesmo grupo no Facebook, morar na Guiana Francesa, ter nacionalidade brasileira, trabalhar na mesma empresa, ser mulher, entre outros. Ainda segundo o autor, vínculos múltiplos são mais apoiadores, duradouros, voluntários e íntimos, e também são mantidos através de mais meios diferentes: a partir de outras redes virtuais (WhatsApp, Instagram); encontros presenciais para passeio; ações solidárias, etc.

Kozinets (2014) destaca que, uma medida importante na netnografia é a centralidade, nela percebe-se os atores sociais mais importantes ou influentes em uma rede virtual. Dividindo-os em centralidade de grau, onde se revelam os atores mais ativos e populares; a centralidade de vetor, que se refere mais ao poder de influência do que a popularidade; e de interposição, onde se mede a esfera de influência de um ator, o qual em determinado contexto, está verdadeiramente no meio das coisas.

Em suma, a metodologia de pesquisa escolhida foi a netnografia, que conta com métodos de pesquisa auxiliares já mencionados. Considerando tais escolhas, precisou-se encontrar lugares online apropriados para investigar a questão. Diante do potencial de compartilhamento de informações e conectividade de pessoas em diversos lugares do mundo, a rede virtual escolhida foi o Facebook, trata-se de uma página da *web*<sup>6</sup> onde seus usuários registrados trocam informações pessoais e uma série de conteúdo. Segundo os termos de serviço:

Há muitas maneiras de se expressar no Facebook e de se comunicar com amigos, familiares e outras pessoas sobre o que é importante para você. Por exemplo, é possível compartilhar atualizações de status, fotos, vídeos e stories nos Produtos do Facebook que você usa, enviar mensagens a um amigo ou a diversas pessoas, criar eventos ou grupos, ou adicionar conteúdo a seu perfil. Também desenvolvemos e continuamos explorando novas formas de uso da tecnologia, como realidade aumentada e vídeo 360, para que as pessoas possam criar e compartilhar conteúdo mais expressivo e envolvente no Facebook. (FACEBOOK, 2021, online).<sup>7</sup>

Para analisar as interações e conhecer as mulheres que são as interlocutoras da presente pesquisa, buscou-se no Facebook por grupos formados por brasileiras na Guiana Francesa. Esses grupos têm o objetivo de disponibilizar um espaço onde as pessoas podem deliberar, compartilhar conhecimento, colaborar e fazer novas conexões.

O objetivo de nossos Padrões da Comunidade sempre foi criar um espaço para expressão e dar voz às pessoas. Isso não mudou e não mudará. Criar uma comunidade e unir pessoas depende da capacidade de compartilhar diversos pontos de vista, experiências, ideias e informações. Queremos que as pessoas possam falar abertamente sobre os assuntos importantes para elas, ainda que sejam temas que geram controvérsias e objeções. Em alguns casos, permitimos conteúdo que poderia ir contra os nossos Padrões da Comunidade para fins de conscientização pública, caso ele seja interessante e de utilidade pública. Para

---

<sup>6</sup> Rede mundial de computadores interligados.

<sup>7</sup>FACEBOOK. Termos de Serviços, Online. Disponível em: [https://pt-br.facebook.com/legal/terms/plain\\_text\\_terms](https://pt-br.facebook.com/legal/terms/plain_text_terms). Acesso em: 3 de março de 2021.

fazer esses julgamentos, consideramos o valor do interesse público e o risco de dano. Também observamos os padrões internacionais relativos a direitos humanos. Dessa forma, avaliamos a importância do conteúdo publicado por alguém, incluindo organizações de notícias e usuários individuais. Por exemplo, permitimos conteúdo que retrate graficamente uma guerra ou as consequências dela quando isso é importante para o discurso público. (FACEBOOK, 2021, online).

Uma breve pesquisa no Facebook e encontraram-se alguns grupos destinados a brasileiros que vivem na Guiana Francesa, dentre eles: Brasileiros que moram na Guiana Francesa; Groupe de Brasileiros na Guiana Francesa, Brasileiros Da Guiana Francesa; Brasileiras e Brasileiros na Guiana francesa; Brasileiros na Guiana Francesa / Negócios e Serviços; e “União de mulheres migrantes”, as aspas serão explicadas mais à frente. De acordo com o que o Facebook informa no momento da busca, esses grupos possuem em média de 6 a 20 publicações por semana, o menor grupo possui 180 membros “Brasileiros na Guiana Francesa” e o maior 3,600 participantes “Groupe de Brasileiros na Guiana Francesa”.

Percebeu-se que, nesses grupos online poderia ocorrer uma aproximação “pesquisadora-interlocutoras”, nelas poder-se-ia ter acesso às interações existentes entre elas e interagir com os demais membros. Dentre os grupos encontrados, o que chamou mais atenção, por ser aparentemente destinado somente às mulheres, e por ser um grupo privado, foi o que darei o nome fictício de “União de Mulheres Migrantes”; o mesmo não possuía nada escrito em sua descrição, dessa forma, não teria como saber de antemão a sua finalidade. Assim, mandou-se uma solicitação de participação.

Após se ter a solicitação de participação no grupo aceita, identificou-se quem seriam as administradoras, as quais serão denominadas “Adm 1” e “Adm 2”, e as participantes as quais se encaixariam nas centralidades de grau, vetor e interposição (KOZINETS, 2014), explicadas anteriormente. Percorreu-se por todas as publicações realizadas, desde as mais antigas (maio de 2020) até as mais recentes (setembro de 2021), visando identificar os principais assuntos e informações compartilhadas no grupo. A princípio, pode-se notar que a maioria das publicações são relacionadas a relatos de violência e assédio contra a mulher brasileira migrante; pedidos de ajudas às mulheres em situação de vulnerabilidade na Guiana Francesa; pedidos de engajamento em ações de solidariedades em prol de mães solo, que moram na região de Vila Vitória e Oiapoque (AP) e na Guiana Francesa; informações sobre a pandemia do Covid-19; e publicações sobre feminismo, machismo e feminicídio.

O grupo “União de mulheres migrantes”<sup>8</sup> foi criado em 9 de maio de 2020, após o início da pandemia de Covid-19.<sup>9</sup> Segundo a ADM 2, o grupo foi criado com o intuito de “ajudar mulheres brasileiras na Guiana Francesa”, e atualmente conta com mais de 1,900 mulheres membros. Ela é enfática ao afirmar que não querem a presença de homens no grupo: “homem não entra [...] tiver homem denunciem”, e outra participante responde: “pelo menos aqui vamos ter um pouco de intimidade”. (GRUPO “UNIÃO DE MULHERES MIGRANTES”, 2020, online). As publicações e interações presentes nesse grupo ainda não passaram por nenhum tratamento analítico, sendo assim, são consideradas como fontes primárias, e servirão como uma das matérias-primas dessa investigação.

Chegar apresentando-se e expondo os motivos de entrada no grupo, poderia gerar algum desconforto nas demais integrantes. Kozinets (2014) afirma que esse tipo de abordagem é arriscado, e o pesquisador arrisca ler negativas e ser acusado da prática de *spam*.<sup>10</sup> Atualmente, vem se tornando comum que os pesquisadores se utilizem dos espaços digitais para coletarem dados para as suas pesquisas, e fazem isso através de enquetes, formulários online, e demais meios. No entanto, muitas pessoas que participam de grupos online se ressentem de intromissões e interrupções realizadas por pesquisadores. É preciso estar atento às normas do grupo e criar algum vínculo com os membros por meio da observação participante.

Todas, ou praticamente todas as publicações no grupo são realizadas em língua portuguesa, como o mesmo é destinado somente às migrantes brasileiras residentes na Guiana Francesa, percebe-se que as mesmas se sentem à vontade para falar somente no seu idioma de origem. As raras publicações em língua francesa, geralmente são reportagens de jornais guianenses. Realizou-se coleta de dados (publicações) pertinentes à pesquisa, os quais foram armazenados em dispositivos eletrônicos, como notebook e pendrive, atendendo ao ofício circular 02/2021 do CONEP.

---

<sup>8</sup> Por se tratar de um grupo privado, preferiu-se utilizar um nome fictício.

<sup>9</sup> Covid é a junção de letras que se referem a (co)rona (vi)rus (d)isease, o que na tradução para o português seria "doença do coronavírus". Já o número 19 está ligado a 2019, quando os primeiros casos foram publicamente divulgados. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/pergunta>. Acesso em: 10 de maio de 2021.

<sup>10</sup> Segundo o site InfoWester.com, Spam é um tipo de mensagem eletrônica que chega ao usuário sem que este tenha solicitado ou considere a hipótese de recebê-lo, chegam por e-mail, mensageiros como WhatsApp, redes sociais, áreas de comentários de blogs e outros. Outra característica do SPAM é que esse tipo de mensagem costuma ser disparado para centenas ou milhares de pessoas ao mesmo tempo. Está aí um dos motivos de sua existência: o SPAM pode chegar a um número consideravelmente grande de pessoas em um intervalo de tempo muito curto e sem grande esforço. (2019, online). Disponível em: <https://www.infowester.com/spam.php>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

Após familiarização com o grupo, saber quem são os membros, seus temas de interesses e práticas, começou-se a interagir através de “curtidas e reações”<sup>11</sup> e comentários em algumas publicações, geralmente os fazendo quando se tratavam de temas relacionados a migração ou feminismo.

O segundo passo no grupo, foi tentar conversar de forma direta com algumas mulheres. Para isso, foi enviado solicitação de amizade para o perfil pessoal no Facebook das administradoras do grupo e para 4 mulheres que faziam a maior quantidade de publicações. Todas aceitaram, e após isso, iniciou-se conversa privada com cada uma.

A primeira a qual mandei a primeira mensagem foi a Adm 2, pelo fato da mesma ser a mais ativa no grupo, ou seja, realizar a maior quantidade de publicações:

*Pesquisadora:* Oi “Adm 2”, tudo bom? Sou mestranda na Unifap e atualmente pesquiso sobre migração feminina. Há um tempo acompanho as postagens no grupo “União de mulheres migrantes”, admiro o trabalho de ajuda e informações que é feito. Bom, diante disso gostaria de saber se você aceitaria me conceder uma entrevista, creio que seria muito enriquecedora pra minha pesquisa. Caso você aceite, podemos marcar um dia pra eu ligar via vídeo aqui pelo *Facebook* ou *WhatsApp*, aí eu me apresento, explico melhor tudo e posteriormente marcamos o dia da entrevista. Desde já agradeço o retorno 😊

*Entrevistada:* Salve Ruane! Posso sim! Vou te repassar o meu e-mail pessoal: [\\*\\*\\*\\*\\*@gmail.com](mailto:*****@gmail.com). O dia todo estou super enrolada, mas de noite é mais folgado.

*Pesquisadora:* Sem problemas, pode ser o dia e horário que ficar melhor pra você. Você pode marcar.

*Entrevistada:* Quarta - feira, 19h. Estarei em casa.

A Adm2 (minha primeira interlocutora) se mostrou bem receptível, aceitando prontamente o pedido de entrevista; que acabou não acontecendo no dia marcado devido a contratempos relatados pela entrevistada, mas aconteceu posteriormente em um final de semana.

Após a realização da entrevista, falei com as demais participantes que havia selecionado, a Adm1 e mais 4 mulheres, a princípio todas aceitaram participar, mas depois não puderam ou declinaram ao convite e preferiram não conceder. Foi enviado a todas, declarações de matrícula e declaração de pesquisa de campo virtual com todas as informações necessárias e garantindo

---

<sup>11</sup> Curtir mostra a seus amigos que você gostou de uma publicação ou de um comentário. Reagir permite que você seja mais específico. O botão de reações em um anúncio permite compartilhar diferentes reações ao conteúdo: Curtir, Amei, Riso, Uau, Triste ou Raiva. (FACEBOOK, 2021, online). Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/business/help/118654155244100>. Acesso em: 13 de agosto de 2021.

total sigilo dos dados coletados. Contudo, ao final das abordagens, apenas a Adm 2 aceitou e cedeu a entrevista através de videochamada no Facebook.

Sendo assim, a primeira entrevistada chama-se Vaneza,<sup>12</sup> trata-se de uma mulher migrante brasileira, negra, 34 anos, natural de Santa Helena do Maranhão, e ativista social pelos direitos dos migrantes brasileiros na Guiana Francesa e residentes das regiões de fronteira, como Oiapoque e Vila Vitória. Ela trabalha atualmente em uma Organização Não Governamental, mas também atua de forma independente no ativismo social e na prestação de diversos auxílios a/ao migrante brasileiro (a), como: orientação na solicitação de documentos; como procurar as autoridades para relatar algum abuso ou violência, principalmente em casos de mulheres; realização de ações de solidariedade, e outras. Faz isso também através de uma Página no Facebook chamada “Brasileiros na Guiana Francesa”, que atualmente conta com mais de 16 mil seguidores; de pessoas que acompanham e interagem nas suas publicações. Também o faz através de grupos no WhatsApp. Ela também é a Adm 2 do grupo privado “União de mulheres migrantes”, como já mencionado.

Foi realizada também uma segunda entrevista, porém, a entrevistada<sup>13</sup> não participa de nenhum grupo nas redes virtuais citadas anteriormente. Para a realização da segunda entrevista o procedimento diferiu, a interlocutora trata-se de uma migrante brasileira a qual darei o nome fictício de Marta, de 59 anos, parda, natural de Amapá (AP), em processo de divórcio. Ela migrou com 18 anos e voltou ao Brasil em 2009 para fazer um curso de graduação, e em 2012 após concluir, retornou para a Guiana Francesa. Como já a conhecia, o convite para que cedesse a entrevista foi prontamente aceito, e realizada por videochamada no Facebook, em dia e horário marcado por ela.

Diferentemente da primeira entrevistada, a segunda prefere manter suas relações sociais de maneira mais “convencional”. Ela escolheu não participar de grupos online com brasileiros; exceto um de compra e venda de diversos produtos no WhatsApp. Suas conexões na Guiana Francesa são desenvolvidas presencialmente, com pessoas que a mesma conhece ao executar suas tarefas cotidianas, como ir ao trabalho, renovar documentos, conhecer vizinhos e outros.

---

<sup>12</sup> Por ser uma pessoa pública, e no intuito de dar mais visibilidade ao seu trabalho de ativismo social desenvolvido na Guiana Francesa, e regiões fronteiriças brasileiras, seu nome verdadeiro será mantido. Essa decisão conta com a anuência por escrito da entrevistada. No entanto, cabe ressaltar, que os demais nomes que aparecem nos capítulos 4, e 6 são fictícios, respeitando assim, a privacidade dessas pessoas, as quais interagem nas redes virtuais a serem analisadas.

<sup>13</sup> Todos os nomes citados no capítulo 5, desse trabalho são fictícios, respeitando assim, a privacidade da entrevistada e demais pessoas do seu meio social.

Essa dissertação é composta de seis capítulos, esse primeiro, visou apresentar meu percurso acadêmico, bem como o caminho percorrido para que se chegasse ao objeto de pesquisa, objetivos, problema, metodologia e métodos.

No segundo capítulo, denominado “Fronteiras”, se traz uma contextualização dos conceitos e significados debatidos nos estudos fronteiriços temporalmente, demonstrando assim, evoluções e ressignificações, de acordo com diferentes bases analíticas. A escolha do conceito de fronteiras simbólicas (PESAVENTO, 2002; BITTAR, 2021), demonstra uma clara percepção de que o fenômeno em estudo não comporta mais as tradicionais conceituações territoriais ou geopolíticas, necessitando trazer à análise, questões intrínsecas ao ser humano, sejam elas, sociais, políticas, culturais e econômicas. Essas, desenvolvidas ainda no mundo contemporâneo, atravessado pelo fenômeno da globalização e conseqüente avanço tecnológico. Por conseguinte, é estabelecido um debate sobre o conceito de feminização das migrações internacionais, relevante para se poder estabelecer uma conexão com o fluxo migratório de mulheres nas fronteiras franco-brasileiras.

O terceiro capítulo “Reconfigurações da Sociabilidade” aprofunda os múltiplos e complexos aspectos das migrações contemporâneas, num cenário onde surgem novas formas de sociabilidades, associadas principalmente a evolução tecnológica e resultando no estreitamento de espaços geográficos. Assim, este capítulo busca oferecer suporte teórico para que se compreenda de que forma uma sociedade globalizada fomenta novas formas do migrante ser e estar, tanto no plano local, como transnacional. Para isso, é realizada uma análise do conceito de sociabilidade e migração (AMARAL, 2016; SIMMEL, 2006; ELHAJJI, 2011; COGO, 2009); da interação social apresentando o conceito de redes globalizadas (FRANCO, 2008; CASTELLS, 1999, 2013); de uma lógica espacial chamada “espaço de fluxos” (CASTELLS, 1999; LÉVI STRAUSS, 1999); e da ideia de desterritorialização da sociedade (AMARAL, 2016; LÉVY, 1999, 2001; BAUMAN, 1999, 2001), o qual se desenvolve a partir da transformação do espaço-tempo em espaço-velocidade.

Nos capítulos quatro e cinco, trago as histórias de vida de duas brasileiras residentes na Guiana Francesa, trata-se de Vaneza e Marta. A priori, não tive o objetivo de fazer uma dicotomia ou análise comparativa entre ambas, no entanto, ao compilar os dados e analisa-los, percebeu-se mais formas dispares do que semelhantes com que elas interagem em sociedade e mantêm suas conexões online (através de redes virtuais) e offline (através de relações socioespaciais ou presenciais).

No capítulo dedicado à Vaneza, pode-se apresentar de modo mais aprofundado a vida de uma brasileira migrante, cujas sociabilidades, em todos os tópicos analisados, exceto “projeto de migração”, são entrelaçadas às redes virtuais, dados obtidos através de entrevista por videochamada e análise de publicações na rede virtual Facebook. No capítulo dedicado à Marta, suas experiências e vivências são passadas por meio de acontecimentos relatados exclusivamente através de entrevista por videochamada, e aconteceram em sua vida “offline”, fora das redes virtuais. Elencou-se um tópico a mais, denominado “usos da internet”, com o propósito de evidenciar uma perspectiva comparada dos usos das redes virtuais entre as interlocutoras, pois, mesmo que Marta não faça uso tão constante dessas redes quanto Vaneza, ainda sim, possui contas no Facebook, Instagram e WhatsApp.

O capítulo seis “Múltiplas formas de viver os territórios”, faz-se uma diferenciação das convencionais redes sociais; constituídas por relações de diferentes naturezas, e das redes virtuais; tecidas num contexto de mundo globalizado. Nesse estudo, as redes sociais (ABAD, 2001; MASSEY et. al. 1993;) representam as conexões offline das interlocutoras; onde se evidencia a transmissão de informação de forma presencial e as redes de contato como elementos essenciais no percurso migratório e estabelecimento de Vaneza e Marta na Guiana Francesa. As redes virtuais (KOZINETS, 2014; MILLER, 2004; SEGATA, 2016) representam as conexões online das interlocutoras, desenvolvidas no ambiente virtual e mediadas por tecnologias como a internet e aparelhos eletrônicos, como subtópicos analisa-se o grupo privado “União de Mulheres Migrantes” e Página “Brasileiros na Guiana Francesa”. Por fim, evidenciam-se as novas sociabilidades, as quais ocorrem no âmbito da globalização e do avanço tecnológico, cada vez mais, permeadas por redes virtuais de socialização.

## 2. FRONTEIRAS

Neste capítulo será apresentada uma revisão dos conceitos de fronteiras, e da escolha das fronteiras simbólicas, para a análise do fenômeno em estudo. Debate-se também, o conceito de feminização das migrações internacionais, buscando estabelecer conexão com o fluxo migratório de mulheres nas fronteiras franco-brasileiras, e demonstrando de forma breve, o cenário das migrações de brasileiras para a Guiana Francesa.

### 2.1 FRONTEIRAS SIMBÓLICAS

A evolução conceitual das fronteiras, tem sido caracterizada por importantes mudanças nos últimos vinte anos, há uma preocupação crescente com a necessidade de questionar criticamente o estado atual do debate sobre os seus conceitos. Segundo Foucher (2005, p. 2-3):

A borda funciona como uma descontinuidade com uma função de sinalização real, simbólica e imaginária. Em francês, a palavra “frontiere” é, em suas origens, o feminino do adjetivo “frontier”, border, derivado do substantivo “front”, front. Temos, portanto, uma etimologia semelhante à do espanhol, português e outras línguas. No começo, o registro em que é usado é militar: vá para a fronteira para formar uma frente. As fronteiras adquiriram outras funções que não são mais estritamente militares, que reservam o uso da noção de “frente” ou “linha de frente”.

As fronteiras territoriais deixaram de ser entendidas como meras linhas geográficas fixas e começaram a ser dimensionadas como resultado de um processo dinâmico, como uma realidade construída politicamente e socialmente, e em constante mudança em termos de gestão da mobilidade humana. A fronteira é mais que um limite, não pode ser reduzida à delimitação jurídico-política do espaço do Estado: implica também as relações sociais, econômicas e culturais associadas à mudança de soberania territorial, juntamente aos imaginários, práticas e costumes vinculados à construção de coletividades diferenciadas e que, coincidindo com o Estado, se podem entender como nacionais.

Nesse sentido, Foucher (2005) contesta o tradicional conceito de fronteira, como tão somente uma delimitação geográfica e espacial, que funciona de forma estática e ignora uma pluralidade de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos e culturais. Nos estudos de fronteira, Foucher enfatiza a importância de uma abordagem que supere a de caráter geopolítico, oriunda da prática dos Estados Nacionais, resultantes de séculos de “forças colonizadoras”.

José Martins (2014) colabora com esse pensamento ao apresentar o debate sobre fronteiras sob uma ótica sociológica, ressaltando o processo dos movimentos de expansão da fronteira brasileira, ele argumenta que o elemento principal na definição de fronteira é a dimensão social. Segundo o autor, “a figura social da fronteira e de sua importância histórica não é o chamado pioneiro. A figura central e metodologicamente explicativa é a vítima”. (MARTINS, 2014, p. 10). Para Martins, a noção de fronteira não deve restringir-se exclusivamente a uma questão geográfica e territorial, mas da civilização, espacial, de culturas e visões de mundo, sobretudo, do humano. Essa visão é oriunda de um processo histórico, materialista e dialético, resultado dos movimentos afetos a seu tempo, de uma unidade e realidade plural de significações políticas e culturais. (ibid., 2014).

Martins (2000, p. 15), na sua terceira tese, afirma que “as fronteiras correspondem tanto a definição de uma exterioridade, quanto, sobretudo, a pretensão de visibilidade do invólucro que elas delimitam”. Ou seja,

as fronteiras não remetem apenas para os contornos do que se demarca, nem para aquilo que, pelo ato da demarcação, ganha estatuto excêntrico ou alienígena; qualquer demarcação, na medida em que se faz a partir de um interior que se quer ver demarcado, remete, com naturalidade, para esse invólucro que é a entidade patrocinadora da ativação de limites. (MARTINS, 2000, p. 15).

No conceito de fronteira analisado por Hannerz (1997) debatido por Frederick Turner (1961), sua expansão é tida como uma região de múltiplas oportunidades e liberdades, no sentido de que os pioneiros exerciam ali atividades inéditas e independentes, sem limitações políticas e amarras culturais oriundas de sua herança cultural. Nesse sentido, a fronteira também representou uma forma histórica de globalização, ao potencializar a expansão e colonização europeia de outras regiões do mundo. Uma fronteira seria uma “linha fortificada cortando populações densas”. (ibid., 1997, p. 21).

A partir do surgimento dos Estados Nacionais, o debate sobre limites e fronteiras tornou-se necessário, tendo em vista seus elementos constitutivos apresentarem novos demarcadores de uma nova fase da geopolítica mundial, com a delimitação de espaços de domínio como resultado direto da relação entre território e poder.

Nesse contexto, observa-se o rompimento com a noção tradicional de fronteira a partir do fenômeno da globalização, exemplo disso é a atuação da Organização Mundial do Comércio (OMC) e do Fundo Monetário Internacional (FMI), ou então do Banco Mundial, que promovem uma internacionalização dos espaços econômicos, que, na prática, acaba reduzindo parte da

soberania dos Estados Nacionais, devido à atuação dessas organizações e instituições supranacionais.

Foucher (2005) contribui com a proposição de uma discussão sobre as tensões geopolíticas do “terceiro mundo”. Para ele, parte dos conflitos existentes nesse eixo, partem do pressuposto da artificialidade das fronteiras impostas pela atividade colonialista dos regimes imperialistas, cujos limites não refletem a sua identidade. Para o autor, todas as fronteiras são “artificiais”, pois, quem as desenhou teve que escolher entre vários rios ou entre várias montanhas possíveis. A natureza não oferece limites pré-determinados, mas configurações naturais que podem ter, em um determinado contexto, interesse particular por uma delimitação.

Diante das conceituações discorridas acima, vê-se que as fronteiras eram muitas vezes entendidas simplesmente como linhas de fronteira entre estados, cuja existência era presumida como refletindo características físicas ou tratados internacionais. No entanto, é notório que precisa-se continuar mudando a maneira como pensamos sobre as fronteiras, para reconhecer abertamente seu caráter ambíguo ou simbólico. Em outras palavras, precisamos ver a fronteira não como aquela que é fixa, mas como uma construção, algo em evolução.

Percebe-se, então, que debater fronteiras tornou-se uma tarefa muito mais complexa e delicada, justamente por esses novos elementos que passaram a compor o novo cenário geopolítico mundial e com seus elementos globalizantes, que forçaram uma revisão conceitual do tema. Dessa forma, opta-se nessa pesquisa, pelo entendimento de Fronteira em seu sentido simbólico. Segundo Pesavento (2002, p. 36), “o conceito de fronteira já avança para os domínios daquela construção simbólica de pertencimento a que chamamos identidade”, e se caracteriza como sistema que opera para além dos aspectos territoriais, e analisa-se a partir das dinâmicas das relações sociais dos sujeitos.

Assim, conformando-se como construção de significado que guia a percepção da realidade em face das elaborações imaginárias de referência, a fronteira definiu princípios de reconhecimento que propuseram um *Nós* com relação a um *Outro*, condizentes com as políticas homogeneizantes do Estado-nação. A especificidade da nação repousaria na sua diferença, requerendo, para tanto, a definição de fronteiras simbólicas a se fortalecerem pela modulação de um conjunto de significantes emblemáticos. Para tanto, as identidades nacionais valeram-se do componente linguístico e modelaram tradições, mitos e narrativas heroicas. (KAHMANN; ALÓS, 2015, p. 23).

Diante disso, atém-se a outro tipo de fronteira, a qual, encaixa-se em sentido simbólico: as fronteiras virtuais. Rosa, Santos e Faleiros (2016, p. 266), apontam para as chamadas “fronteiras virtuais”, que, segundo os autores, são linhas tênues entre o real e o virtual, “o que

chama a atenção por demonstrar a interconexão entre ambos os mundos, pela qual acontecimentos reais podem ser evidenciados também por intermédio do mundo virtual da rede”.

A revolução cibernética ainda não é uma revolução antropológica. Essa percepção retém a ideia de que os limites virtuais avançaram sobre as fronteiras territoriais, mas que as ‘velhas questões’ relativas ao trato das ‘coisas humanas’ ainda engatinha. Se a revolução cibernética é um grande passo da técnica – e o que a técnica tem de melhor a oferecer é uma facilitação do processo de interatividade, aproximação e eliminação de barreiras – não pode ser interpretada sem restrições, pois como tudo que é da ordem do instrumento, seu uso é ambíguo. Se a técnica é capaz de criar novas dinâmicas e novas incisões sobre a realidade, deve-se ressaltar que não é de se desprezar que esteja redefinindo nossas formas de interação, e até mesmo nossa própria condição. (BITTAR, 2021, p. 74).

De acordo com Ventre (2019), o Estado Nação é delimitado por fronteiras territoriais e políticas, entretanto, no ciberespaço, elas são imaginadas, simbólicas, se tratam de construções e representações, dessa forma, são concebidas de maneiras diferentes. As considerações securitárias, levam a pensar em um corte territorial do ciberespaço, sua arquitetura (física), presta-se facilmente a um fatiamento da rede bem próximo ao do planeta em Estados.

Os cabos chegam e saem de pontos – instalações que conectam os cabos entre si entram e saem do território, criando uma relação entre a rede interna e o resto do mundo – que poderiam ser os “pontos-fronteiras”, equivalentes aos portos marítimos, aos aeroportos internacionais. Marcadores da separação entre os âmbitos interno e externo devem ser declinados para as outras camadas do ciberespaço. A fronteira é, acima de tudo, um limite entre o que está dentro e o que está fora, entre duas regiões, dois Estados; sua etimologia remete à linha de frente militar, à ideia de defesa pelas armas. A linha nada mais é do que uma forma de fronteira. Conhecemos também a fronteira-ponto. Mas a fronteira também é definida relativamente à sua função: ela é o controle de fluxos humanos, de mercadorias, capitais e dados. Com a noção de “controle de fluxos”, poderemos então pensar em declinar a ideia de **ciberfronteira**, que poderíamos definir da seguinte forma: lugar de exercício do poder de controle, de medida, de filtragem dos fluxos de dados, situado no interstício móvel, subjetivo, entre um ciberespaço nacional e o ciberespaço global. (VENTRE, 2019, p. 79, grifo meu).

Contudo, tem-se que as fronteiras não se atém somente a elementos territoriais, políticos, sociais ou culturais, elas também estão em um chamado espaço virtual ou ciberespaço; o qual será conceituado mais à frente.

O controle migratório pode existir através de barreiras físicas, como no caso do muro entre os Estados Unidos da América e México (FIGUEIREDO, 2010), e de leis e decretos de regulamentação da mobilidade de pessoas entre países (ZAMBERLAM, 2004). No entanto, ocorre também, através do controle de acessibilidade das pessoas à *web*, por exemplo, em determinado país que deseja barrar a entrada ou saída de pessoas do seu território, o fazendo através da inacessibilidade à internet, e meios de informações e comunicações, a exemplo da Correia do Norte.<sup>14</sup>

### 2.1.1 FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

Segundo Silva (2013), recentemente o Brasil passou a pensar a fronteira como um espaço de integração econômica e política entre os países sul-americanos, e isso deve-se, provavelmente, à volta do regime democrático, após o período de ditaduras. Dessa forma, passa-se então a pensar na concepção de fronteiras não somente ligada a defesa e limites territoriais, mas também como um espaço de integração, onde se pode desenvolver estratégias de desenvolvimento através de ações conjuntas entre países vizinhos.

A fronteira tem se tornado central para a administração brasileira nos últimos anos. De acordo com Dorfman e França (2014), numa conjuntura após 11 de setembro, o governo mobilizou suas instituições e aderiu a um projeto maior de “Brasil Potência” e, dessa forma, ampliou sua presença nas áreas fronteiriças, na tentativa de reposicionar o Brasil no contexto sul-americano. Sendo assim, desenvolveu diversos projetos nessas áreas, dentre eles estão o Sistema Integrado de Monitoramento de Fronteira (SISFRON) e a Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Regional Sul-Americana (IIRSA), projetos de construção de cidadania, de instalação de institutos federais, entre outros.

No que concerne aos antecedentes históricos da fronteira entre o Brasil e França, tem-se que remontam ao século XVIII. A fronteira franco-brasileira foi palco de uma série de conflitos litigiosos, para Buraslan (2017, p. 42), “os interesses pela colonização na América do Sul ativaram dispositivos de choques entre as potências europeias na época, como Inglaterra, França e Holanda, por estas não aceitarem os limites impostos pelo Tratado de Tordesilhas”.

A delimitação entre o Brasil e o Coletivo Territorial da Guiana Francesa, só foi oficialmente estabelecida a partir do Tratado Provisional, em 1700, e de Utrecht em 1713. Sua

---

<sup>14</sup>Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2018/12/sem-internet-nem-redes-sociais-norte-coreanos-ainda-falam-ao-celular.shtml>. Acesso em 12 de agosto de 2021.

interpretação foi confirmada pela Sentença Arbitral do Conselho Federal Suíço de 1 de dezembro de 1900, após conflitos ocorridos na Vila do Espírito Santo do Amapá (1895).

**Mapa 1** – Região pretendida pela França



Fonte: Martins (2008).

Somente em 01 de dezembro de 1900 é divulgada a sentença proferida pelo arbitramento helvético suíço, sobre a disputa de terras na região do Cabo Norte, levantadas entre o Brasil e França. Barão do Rio Branco foi a figura responsável por advogar a causa pelo Brasil, levantando documentos, mapas, registros, cabogramas, anotações de navegantes, entre outros, que acabaram dando veracidade a tese defendida pelo governo do Brasil.

**Quadro 1:** Tratados de limites e suas especificidades.

CONSTRUÇÃO DA CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA A PARTIR DOS TRATADOS DE DEMARCAÇÃO TERRITORIAL			
ANO	TRATADO	PRINCIPAIS ELEMENTOS DEFINIDOS NO TRATADO	REPERCUSSÕES NA CONSTRUÇÃO DA CONDIÇÃO FRONTEIRIÇA
1700	Tratado Provisional	Determinava a neutralidade da região contestada, proibindo os dois países (Portugal e França) de promoverem qualquer forma de ocupação, exploração e comércio na região em litígio.	Nesse momento, a condição fronteiriça seria de neutralidade, devido à imposição do Tratado, que não permitia o uso do território por nenhum dos dois países.
1713	Tratado de Utrecht	No seu artigo 8º, determinava que o rio Oiapoque fosse o mesmo Vicente Pinzon e que esse rio seria o marco de fronteira entre os dois países.	Nesse caso, a condição fronteiriça seria de separação, devido às disputas territoriais na região ainda estarem exacerbadas. Apesar de o tratado impor o limite entre França e Brasil, o mesmo não foi respeitado por ambas as partes.
1900	Tratado de Berna	Confirmou o tratado de Utrecht no seu artigo 8º, mantendo o rio Oiapoque como marco de fronteira entre os dois países.	Por falta de acordos sobre o uso do território, a condição fronteiriça permanece como de separação.

**Fonte:** Buraslan (2017, p. 42).

Sendo assim, foi definido que os limites entre a Coletividade Territorial da Guiana Francesa e o Brasil, era o rio Oiapoque ou Vicente Pinzón. (FILHO, 2013).

Importa destacar que Amapá e Guiana Francesa apresentam algumas semelhanças: 90% de suas áreas são cobertas pela floresta amazônica; apresentam uma infraestrutura em níveis inferiores as correspondentes médias nacionais e um incipiente desenvolvimento socioeconômico; no cenário de suas nações são periferias em relação aos centros decisórios; dependem de recursos financeiros externos. Do lado brasileiro localiza-se a cidade de Oiapoque e do lado francês a cidade de Saint Georges, são coletividades separadas por critérios relacionados à soberania; nacionalidade e etnicidade; organização política, administrativa, institucional. Mas também são muito próximas em termos físicos e em função do grau de interação entre seus habitantes por conta do intenso deslocamento de pessoas de um lado a outro da fronteira. Tal mobilidade configura Oiapoque e Saint Georges como cidades-gêmeas. (MARTINS, 2012, p. 9).

De acordo com Martins (2008), as ocupações dessa faixa de fronteira condicionaram-se as medidas estabelecidas pelo governo, visando mantê-la articulada com o território brasileiro e livre de novas contestações de seus limites, no entanto, quanto ao seu potencial internacional, nenhuma medida foi tomada. Somente em 1995, por ocasião de uma viagem oficial à Cayenne, o então governador do Amapá, João Alberto Capiberibe, teve a iniciativa de cooperação com a Guiana Francesa, passando-se então a um momento de transição dessa fronteira de apenas um limite político, para um possível espaço facilitador da integração.

Em dezembro de 2003, a construção de uma ponte (ver figura 1) que liga o Brasil a Guiana Francesa foi confirmada na França pelo Comitê Interministerial de Planejamento e Desenvolvimento Regional. O objetivo da construção sobre o rio Oiapoque era facilitar o comércio com o Brasil e abrir a Guiana para o resto do continente sul-americano. Sinalizava a tentativa de uma interação e integração na fronteira.

**Figura 1:** Ponte Binacional



**Fonte:** Arquivo Pessoal de Joel Nascimento (2019).

A Ponte Binacional foi concluída apenas em 2011 e aberta parcialmente em 2017. No lado brasileiro, usar essa ponte é atravessar a União Europeia com seus regulamentos, normas e obrigações em matéria de seguros em particular. Os franceses podem entrar no Brasil quase que livremente (basta apenas mostrar seu passaporte), já os brasileiros, devem obter passaporte com visto para adentrar a Guiana Francesa. As cisões econômicas são quase inexistentes. Para entrar na Guiana Francesa, todos os produtos do Brasil devem atender aos rígidos requisitos das normas europeias, isso explica por que, na Guiana, a maioria dos alimentos vendidos em supermercados vêm da França ou de outros países da União Europeia, e não do vizinho brasileiro. (RIHOUX, 2017).

O fluxo migratório é frequentemente observado no Coletivo Ultramarino da Guiana Francesa (França), região vizinha ao estado do Amapá (Brasil), não se apresentando como fenômeno novo, já que remonta a meados da década de 1960, com a criação da base espacial de Kourou e aumento de áreas de garimpo. Revelou-se então, uma região atrativa para vários migrantes que almejavam melhores condições de vida. Sayad (1998) faz uma consideração

crítica relacionada à correlação entre migrante e trabalho, dizendo que o estado o reduz a braços trabalhadores e não observa outras dimensões existenciais de suas vidas.

Um imigrante é essencialmente uma força de trabalho provisória, temporária, em trânsito. Em virtude desse princípio, um trabalhador imigrante (sendo que trabalhador e imigrante são, nesse caso, quase um pleonasma), mesmo se nasce para a vida (e para a imigração) na imigração, mesmo se é chamado a trabalhar (como imigrante) durante toda a sua vida no país, mesmo se está destinado a morrer (na imigração), como imigrante, continua sendo um trabalhador definido e tratado como provisório, ou seja, revogável a qualquer momento. A estadia autorizada ao imigrante está inteiramente sujeita ao trabalho, única razão de ser que lhe é reconhecida [...]. Foi o trabalho que fez “nascer” o imigrante, que o fez existir; é ele, quando termina, que faz “morrer” o imigrante, que decreta sua negação ou que o empurra para o não-ser. (SAYAD, 1998, p. 54-55).

No entanto, vários fatores e marcadores sociais atravessam as vidas desses migrantes, não atrelados somente a sua mobilidade no espaço geográfico e ligadas ao trabalho; mas também as questões de classe, raça, gênero, sexualidade, entre outros. Segundo Albuquerque (2014), esses movimentos se estabelecem devido à fronteira política: diferenças e desigualdades de um lado e de outro, por exemplo, oferta de trabalho, qualidade da saúde, educação, segurança, benefícios sociais, imaginários, entre outros fatores.

A imigração fronteiriça apresenta singularidades em relação às imigrações internacionais de longa distância e às migrações em contextos nacionais. Em um sentido amplo, os processos migratórios são deslocamentos fronteiriços, pois os contatos com outras realidades sociais criam barreiras e produzem travessias e fluxos culturais. (ALBUQUERQUE, 2008, p. 3).

Como mencionado, a chegada de grande número de brasileiros na Guiana Francesa tem forte ligação, mas não somente, com a quantidade de empregos ofertados durante a construção do Centro Espacial de Kourou. De acordo com Pinto (2012), essa oferta desencadeou uma migração espontânea muito alta para o coletivo francês, inicialmente do Amapá e Pará. Os atrativos eram os salários, que chegavam a ser 600% maiores que os ofertados no Brasil para exercer as mesmas funções (pedreiros, carpinteiros, mestres de obras, etc.), haja vista a força da moeda francesa em relação à brasileira. Após o término das construções da cidade de Kourou, deu-se início a prática de trabalhadores indocumentados que começaram a cruzar a fronteira para serem contratados por subempreiteiros. Ainda segundo o autor, nos anos 80,

começou a migrar para a Guiana Francesa um grande número de trabalhadores que se alocaram principalmente nas regiões de fronteira, em garimpos “ilegais e legalizados”.

Conforme Silva (2005), a área fronteira entre o estado do Amapá e a Guiana Francesa apresenta um fenômeno de migração constante: diariamente carros, vans, caminhões e ônibus partem da capital em direção à fronteira, levando migrantes de diferentes estados brasileiros, como, por exemplo, do Pará, Amazonas, Amapá e Maranhão. São migrantes oriundos de várias unidades da federação brasileira que, para se deslocarem para a Guiana Francesa, viajam por navio ou veículo terrestre (ônibus ou carros denominados “piratas”). Ao chegarem ao município de Oiapoque, atravessam o rio através de catraias (ver figura 2), geralmente na madrugada, quando a fiscalização é menor. A partir desse ponto, entram na Guiana Francesa via terrestre (região de mata) ou via marítima, navegando a costa da Guiana Francesa até descerem em algumas das diversas praias, tudo intermediado por pessoas pagas para realizarem a travessia e a entrada de forma indocumentada.

Vale destacar que a fronteira franco-brasileira também é rota de passagem de migrantes de diferentes nacionalidades, como, por exemplo, venezuelanos e haitianos. De acordo com Silva e Joseph (2020), mesmo não sendo um fenômeno novo, o poroso cenário político na Venezuela fomentou a migração venezuelana para o Brasil, e do Brasil para a região das Guianas, principalmente entre os anos de 2019 a 2020. Revelou-se assim, novos sujeitos e rotas nos percursos migratórios internacionais, nesse caso, a maioria desses migrantes eram do sexo masculino e se deslocavam ao Brasil e Guiana Francesa em busca de abrigo, reunificação social e familiar, e de emprego.

No contexto migratório haitiano para a Guiana francesa, Joseph (2020) destaca que, entre as décadas de 1970 e 1980, houve um aumento da presença desses migrantes na Guiana Francesa, oriundos de diferentes camadas sociais, gerações e regiões. No entanto, foi a partir do terremoto ocorrido no Haiti, em 2010, que houve um expressivo aumento da mobilidade haitiana no cenário internacional, tendo como um dos principais destinos, a Guiana Francesa (40 mil) e o Brasil (160 mil). “A maioria dos residentes na Guiana Francesa vinha do interior do Haiti, em sua maioria, agricultores, trabalhando nas plantações e na criação de animais”. (ibid., 2020, p. 244).

**Figura 2:** Desembarque de cargas e pessoas.



**Fonte:** Santos e Santos (2014).

Tratar de migração no contexto franco-brasileiro é um pouco delicado, por conta da migração indocumentada e prática de delitos por parte de alguns brasileiros na Guiana Francesa.

O governo francês é bastante enfático ao afirmar que a presença de brasileiros na Guiana Francesa é indesejável, assim o demonstra a ampliação da atuação das instituições francesas no combate a essa migração, bem como são muito pontuais nas cobranças que fazem para que o governo brasileiro constranja esses deslocamentos (MARTINS, 2012, p.17).

França e o Brasil diferem quando tratam a questão da migração indocumentada: na França a mesma é vista como crime, e no Brasil, como infração.<sup>15</sup> O Brasil geralmente utiliza o termo “irregular”, para pessoas cuja situação migratória ainda não foi documentada, tanto para os estrangeiros em seu território, quanto para seus nacionais em outros países. Segundo Martins (2012), é crescente o rigor que as autoridades na Guiana Francesa têm destinado aos brasileiros indocumentados, o volume de investimentos em aparelhos militares que se destinam a aumentar o controle e a repressão aos mesmos é cada vez maior.

Domenech e Dias (2020) afirmam que, nas últimas décadas, tem se intensificado o fenômeno de criminalização da migração e securitização de fronteiras em escala global na América Latina. Isso resulta na supressão de políticas de expansão, da proteção dos direitos dos migrantes e aumento da violência do Estado. Segundo os autores, o aumento do fluxo

<sup>15</sup> Ver notícia recente em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2021-05/pf-combate-migracao-ilegal-na-fronteira-com-guiana-francesa>. Acesso em: 26 de junho de 2021.

migratório de pessoas oriundas de países caribenhos, africanos e asiáticos, não contempla o *status* de “legalidade” estabelecido pelos Estados, e assim, originam novas e reforçam diferentes práticas institucionais de controle da mobilidade de pessoas.

Os diversos conflitos fronteiriços decorrentes do surgimento de novos movimentos e travessias de fronteiras associados à “irregularidade” foram representados como “crises migratórias” ou “crises humanitárias” por uma multiplicidade de atores que fazem parte da infraestrutura do controle de mobilidade. A sequência de intervenções institucionais passou pela aplicação de medidas para facilitar, conter e reprimir a circulação fronteiriça e prevenir novas chegadas. [...] Esses eventos fronteiriços serviram de base para ativar mecanismos de controle da “migração irregular” no quadro de esquemas de ação e pensamento associados à “governança dos fluxos migratórios”. (DOMENECH; DIAS, 2020, p. 48-49).

De acordo com Becker (2008), o migrante acaba por ser considerado o “indesejado” ou o “outro”, dessa forma, é demonizado e estigmatizado, exigindo, por parte das autoridades governamentais, intervenções preventivas que, no que lhe concerne, aumentam o poder punitivo do Estado aproveitando-se dos medos populares.

Para Domenech (2017), o processo de construção da figura do “migrante ilegal”, se consolida em um contexto onde a mobilidade de pessoas com a finalidade de trabalhar fora do país de residência, passa a ser reconhecida como “imigração”, e seus protagonistas passam a ser os novos “indesejáveis”, principalmente sob os conceitos e práticas punitivas implantadas pelas ditaduras militares.

Não importa sua origem, o (i)migrante continua sendo considerado um outro problemático, num mundo globalizado onde os transnacionalismos e os localismos estimulam identidades territorializadas nem sempre aceitáveis no campo político, e os deslocamentos mais expressivos continuam sendo provocados por motivações de natureza econômica. (SEYFERTH, 2008, p. 18).

Para Seyferth (2008), o migrante que se estabelece num país sujeito a determinada legislação, restritiva e sem direitos plenos devido a sua condição de “estranho”, acaba perturbando a unidade da nação porque introduz, no mínimo, diferenças culturais ou étnicas. Em qualquer época, a migração sempre produziu posicionamentos contraditórios: por um lado, pode ser considerada necessária e até mesmo instrumento de civilização na consolidação do Estado, por outro, ser convertida em problema ou perigo nos períodos de crise, ou produzir sentimentos de xenofobia quando referenciada à nação. De acordo com Dias (2014), as

assimetrias sociais, econômicas e culturais, entre brasileiros e franceses na fronteira, acabam por promover uma relação conflituosa com origens xenofóbicas, principalmente por parte dos franceses. Assim, dificulta o processo de desenvolvimento de políticas de migração segura, cooperação e integração entre o Brasil e a Guiana Francesa.

De Genova e Roy (2020), afirmam que atualmente há uma proliferação de exemplos de regimes que estão adaptando as táticas estabelecidas de “ilegalização de migrantes”, visando desnaturalizar ou desnacionalizar esses. De cidadãos “indesejáveis”, reformula-os como “estrangeiros” ou “migrantes ilegais”, privando-os de sua cidadania, como pode-se perceber nos casos dos Estados Unidos da América e México, Guiana Francesa e Brasil.

Segundo Audebert e Robin (2009), a criminalização da migração é uma forma de encobrir as reais causas das crises sociais, políticas e econômicas que assolam muitos países, e legitimam um permanente “estado de exceção”, de modo a combater os supostos “inimigos” do Estado-Nação, aumentando assim, a violação a direitos fundamentais e gerando um clima de suspeita a qualquer migrante, inclusive os que fogem de situações de violência. Para Odgers (2011), através do desenvolvimento de mecanismos de controle da mobilidade, as fronteiras cristalizam a desigualdade, reforçam as relações de poder e materializam hierarquias.

No que concerne a dados quantitativos da migração na região franco-brasileira, o Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2021), publicou documento denominado “Comunidade brasileira no exterior: estimativas referentes ao ano de 2020”, onde se estima que, de 70 a 80 mil brasileiros residam na Guiana Francesa.<sup>16</sup> No site do Portal Consular do Ministério das Relações Exteriores (2021, online), estima-se que desses brasileiros residentes na Guiana Francesa, 30 mil possuem *carte de séjour* (documento que legaliza a situação do migrante na França), e haja cerca de 12 mil de garimpeiros nas florestas.<sup>17</sup> Em conformidade com essas estatísticas e com outros dados disponíveis no Consulado Geral do Brasil, em Caiena, o perfil dos brasileiros residentes na Guiana como migrantes, caracteriza-se por serem procedentes principalmente do Amapá, Pará, e Maranhão, com baixa ou nenhuma escolaridade, e adentram o território guianense pela floresta ou pelos rios que permeabilizam essa fronteira.

---

<sup>16</sup> Não há como determinar o número real de brasileiros residentes na Guiana Francesa, pois muitos se encontram de forma indocumentada.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://antigoportalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/guiana-francesa#comunidade-brasileira-e-principais-destinos>. Acesso em 26 de outubro de 2021.

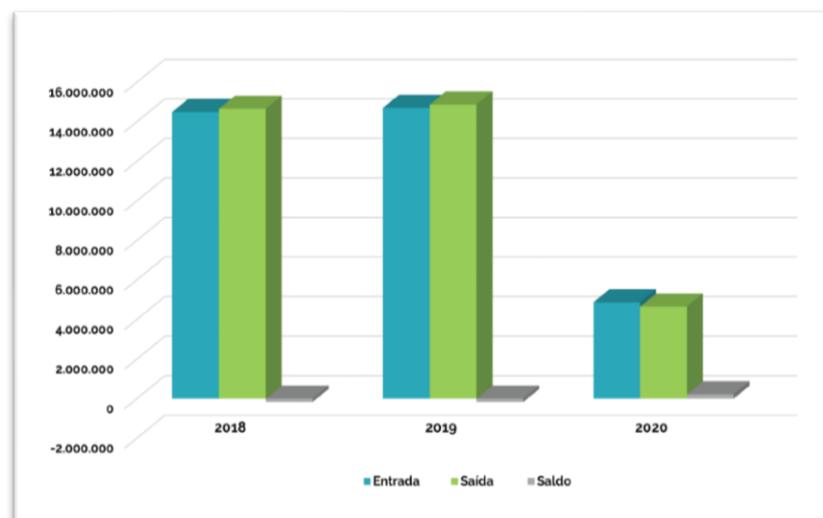
**Figura 3:** Comunidade Brasileira na América do Sul.



**Fonte:** Ministério das Relações Exteriores (2021, p. 11).

Conforme os dados da figura 3, a comunidade brasileira na Guiana Francesa configura-se como a terceira maior de brasileiros nos países da América do Sul. É possível que o fluxo de migrantes brasileiros em direção à Guiana Francesa tenha diminuído com o início da pandemia de Covid-19. Marta, a segunda interlocutora, afirma ter percebido uma diminuição do fluxo de migrantes brasileiros para a Guiana Francesa, que acredita ser devido à pandemia. A fronteira franco-brasileira seguiria assim, uma tendência de outras fronteiras brasileiras, conforme gráfico abaixo.

**Gráfico 1:** Entradas e saídas do território brasileiro nos pontos de fronteira, por ano - Brasil, 2018 a 2020.



**Fonte:** Elaborado pelo OBMigra, a partir dos dados da Polícia Federal, Sistema de Tráfego Internacional (STI), 2020.

De acordo com Oliveira, Cavalcanti e Macedo (2020), os registros sobre movimentação de pessoas pelos postos de fronteiras (terrestre e aérea), foram os mais impactados pela pandemia do coronavírus. As restrições à mobilidade internacional de pessoas impostas por diversos países, Brasil entre eles, levou à redução de -67,8% nos movimentos de entrada e saída do país, em comparação com o observado no ano de 2019, conforme gráfico acima.

## 2.2 FEMINIZAÇÃO DAS MIGRAÇÕES

A feminização é uma dimensão central da nova era da migração internacional e da globalização. Segundo Donato e Gabaccia (2015), entre 1960 e 2015, o número de mulheres migrantes dobrou. Os autores apontam para um rápido aumento da participação feminina nas migrações internacionais, de 46,6% em 1960 para 48% em 2015, e afirmam que os estudiosos da área não perceberam esse crescimento desde antes dos anos 60, o que acabou acarretando um entendimento mais sutil do significado da feminização.

É preciso reconhecer que as mulheres sempre migraram; teorias migratórias, no entanto, não levavam em conta diferenciais por sexo que incorporam a mulher como migrante propriamente dito: diferentes trajetórias e estratégias migratórias, uso diferenciado de redes sociais, reconfiguração de papéis de gênero principalmente através da inserção em mercados específicos de trabalho. A condição de acompanhante ou migrante tardia, em função da trajetória migratória de um homem da família – pai, marido, irmão –, para recomposição familiar, foi a posição ocupada pelas mulheres na maioria das perspectivas de análise até o fim do século XX. (PERES, 2012, p. 55).

A feminização, quando usada no contexto da migração, é definida de várias maneiras. Alguns estudiosos usam o termo para se referir ao número crescente de mulheres, entre determinados períodos nas populações migrantes, ou para descrever mudanças recentes em seus papéis no contexto migratório, como veremos a seguir.

Segundo Roberto Marinucci (2007), a feminização pode ser interpretada como o aumento numérico das mulheres migrantes, como mudança dos critérios analíticos do fenômeno migratório, mediante a inclusão do enfoque de gênero e/ou como transformação do perfil da mulher migrante. O autor apresenta três interpretações do conceito de “feminização das migrações”, a primeira considera o aumento quantitativo; a segunda, a maior visibilidade; e a terceira, a transformação do perfil da mulher migrante.

Dessa forma, Marinucci afirma que alguns pesquisadores, de modo a elucidar o significado da expressão “feminização das migrações”, falam em “feminização quantitativa”,

objetivando expressar o aumento da participação feminina no universo dos migrantes internacionais. De acordo com dados apresentados pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2005, 49,6% dos migrantes internacionais eram mulheres, o que corresponde a cerca de 94,5 milhões de pessoas. Em 2019, segundo dados divulgados pela Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais (DESA), da ONU, esse número apresentou um decréscimo de 1,7%, correspondendo a um total de 47,9% de mulheres migrantes internacionais.

Entre os assim chamados países economicamente mais desenvolvidos, a feminização quantitativa das migrações é muito expressiva. Na América do Norte, desde os anos 30 do século passado, as mulheres representam a maioria nos fluxos migratórios. A Europa, por sua vez, é o continente que atualmente tem a porcentagem mais alta (53,4%), alcançando o topo de 57,6% na Europa Oriental. Entre os fatores que podem justificar a elevada migração feminina nos países do Norte do mundo, cabe destacar a reunião familiar – sobretudo nos países de antiga tradição imigratória – bem como a maior possibilidade de emancipação e acesso a determinadas oportunidades tanto no âmbito educacional como no trabalhista. Já, nos países do Sul do mundo, a migração feminina registra índices menores. [...] Esses dados atestam a presença maciça de mulheres nos fluxos migratórios internacionais, o que confirma a “feminização quantitativa”. As diferenças entre as várias regiões dependem de muitos fatores. Em termos gerais, os países de antiga tradição imigratória costumam ter um número bastante elevado de mulheres estrangeiras, devido, sobretudo, à reunião familiar; já naqueles que atraem, sobretudo mão de obra temporária, a migração feminina depende do tipo de emprego que o mercado de trabalho local oferece. (MARINUCCI, 2007, p. 2-3).

Sobre a feminização das migrações enquanto visibilidade das mulheres migrantes, Marinucci afirma que está ocorrendo, antes da feminização quantitativa, uma maior visibilidade dessas mulheres, embora incipiente, através da abordagem de gênero como critério epistêmico, possibilitando melhor compreensão das migrações internacionais. Por terceiro e último, o autor traz o conceito de feminização qualitativa das migrações, o qual define como:

Uma terceira abordagem analítica da participação feminina nas migrações internacionais, que sem negar o progressivo aumento quantitativo e as transformações dos critérios epistêmicos, focaliza o novo perfil da mulher migrante contemporânea. [...] A mulher migrante assume um papel protagônico, incentivada ou induzida por razões socioeconômicas, por mudanças do mercado de trabalho, bem como por transformações ou procura de transformações nas relações de gênero. (2007, p. 7-9).

Ainda segundo o autor, cabe salientar que as três interpretações do conceito de “feminização das migrações”, não se relacionam de forma substitutiva, e sim complementar.

Podendo-se afirmar que, atualmente, há um sutil decréscimo na participação da mulher nas migrações internacionais, no entanto, aumentou-se sua visibilidade e mudou seu perfil.

Na perspectiva de gênero, essas diversas migrações podem ser compreendidas como importantes processos de mudanças nos quais o simples fato de migrar para outra cidade, região ou mesmo para outro país indica uma atitude de autonomia e resistência das mulheres que experimentam importantes procedimentos de ruptura e transformação nas relações sociais e afetivas a partir da experiência migratória. Nas fronteiras da Amazônia, a migração representa uma atitude de coragem de inúmeras mulheres que, desde muito jovens, assumem grandes desafios e responsabilidades que as tornam protagonistas de sua própria história numa atitude de autonomia e libertação. Nos processos migratórios, elas têm chegado juntamente com os homens ou à frente deles até mesmo em espaços tradicionalmente masculinos como é o caso dos garimpos clandestinos que movimentam a economia garimpeira nas fronteiras da Amazônia. (OLIVEIRA, 2017, p. 7).

A literatura geralmente considera as migrações femininas como autônomas, quando o projeto de migração visa satisfazer as suas necessidades econômicas individuais, ou seja, quando a mulher migra sozinha, não com o marido ou para se unir a ele no exterior (PIPER, 2005). No entanto, estudos (HONDAGNEU, 1994) mostram que a fronteira entre o migrante que se une a um membro da família e o "agente econômico autônomo", nem sempre é claro. Por um lado, as mulheres que seguem seus maridos podem aceitar um emprego no país de destino, que qualifica o caráter de “dependência” da migração, por outro lado, as redes sociais desempenham um papel importante na mobilidade das mulheres solteiras, o que qualifica a natureza “autônoma” da migração. (CASAS, 2004). Descobertas também mostram que a existência de vínculos não conjugais no exterior é um determinante mais importante da mobilidade para as mulheres do que para os homens (TOMA; VAUSE, 2011).

No entanto, é difícil avaliar se elas têm o efeito de incentivar ou, ao contrário, controlar e restringir a autonomia das mulheres. As condições de sigilo em que muitas das migrações femininas ocorrem, além da informalidade dos empregos nos locais de destino, revela que a “feminização do trabalho está estreitamente relacionada à condição de pobreza de boa parte das mulheres trabalhadoras”, cujo sistema capitalista serve de instrumento para gerir a força desse trabalho. (OLIVEIRA, 2014, p. 168).<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> Por toda parte, movimentos arrivistas de direita prometem melhorar a situação das famílias da etnicidade, da nacionalidade e da religião “certas” colocando fim no “livre mercado”, reduzindo a imigração, e restringindo os direitos das mulheres, de pessoas de grupos étnicos minoritários e LGBTQIA+. Enquanto isso, do outro lado, as correntes dominantes “da resistência progressista” propõem uma agenda igualmente repugnante. Em seus esforços para restaurar a situação anterior, partidários do sistema financeiro global esperam convencer feministas, antirracistas e ambientalistas a estreitar fileiras com seus protetores neoliberais e a abandonar projetos de

De acordo com Oliveira (2014), a falta do marcador de gênero nos estudos migratórios internacionais, evidencia uma relação de dominação masculina reproduzida também nas formulações teóricas sobre esses fluxos. Excluir as contribuições femininas nesses fluxos é marginalizar essas mulheres das intervenções e políticas públicas específicas, que possam ser desenvolvidas por parte dos Estados Nacionais. Dessa forma, o marcador gênero oferece importante contribuição para a análise do perfil migrante na contemporaneidade, definindo novas representações nos contextos migratórios que vão muito além de dados quantitativos.

Ao analisar as categorias de migrantes internos e internacionais, Oliveira (2014) constatou que nos movimentos migratórios na Amazônia, é identificado um acentuado percentual de mulheres, o que induz a suspeitar de que as mulheres indígenas e as ribeirinhas, seriam as maiores responsáveis pela feminização dos fluxos de migração nesse contexto. Cada vez mais, cabendo a mulher e não ao homem partir em busca de trabalho, estudo, assistência à saúde dos filhos, ou ainda, para escapar dos conflitos e da violência doméstica. Em muitos casos, elas migram direto para as cidades mais próximas das aldeias ou das comunidades ribeirinhas. Em outras situações, se deslocam para as grandes cidades, especialmente às capitais, muitas conquistam autonomia econômica com o emprego nas grandes cidades, onde constituem novas famílias.

Em relação à presença estrangeira na Amazônia franco-brasileira no século XXI, Rosário (2019, p. 88), afirma estar “atrelada às ideias de Amazônia como frente de expansão e à exploração mineral das riquezas da região, além de constantes problemas relacionados ao controle das fronteiras”. Marcando, assim, a chegada de migrantes nacionais no Amapá e na referida região de fronteira, sobretudo, atraídos pelo funcionalismo público, expansão do agronegócio, e oportunidade de migração para a Guiana Francesa.

Rosário (2019), destaca a importância da categoria de gênero na análise dos fluxos migratórios, no entanto, sem deixar de compreender como ela está imbricada à identidade pessoal, a qual é interseccional. A discriminação de gênero e a falta de *status* social, além das responsabilidades domésticas, reduzem o acesso de mulheres a recursos, educação e ao mercado de trabalho. Assim, a migração feminina é uma tendência que caracteriza as últimas décadas, onde muitas são atraídas pela possibilidade de uma vida melhor. No entanto, essas mulheres

---

transformação social mais ambiciosos e igualitários. (...) Pretendemos identificar e confrontar diretamente a verdadeira origem da crise e da miséria, que é o capitalismo. (ARRUZZA; BHATTACHARYA; FRASER, 2019, p. 47).

enfrentam maiores desvantagens ao migrar, como obtenção de empregos informais, superexploração de trabalhadoras, discriminação de gênero, classe, cor, sexualidade.

Nesse sentido, a vertente feminista interseccional de gênero vai mostrar que, a opressão vivenciada pelas mulheres, ocorre de diferentes formas e níveis de intensidade, existindo questões específicas e particulares da mulher, que levam a mesma a sofrer duas, três, quatro vezes mais. A noção de interseccionalidade abre espaço para uma ampla análise dos contextos específicos de desigualdades sociais e também oferece potencial para se poder analisar e pôr em relevo formas de “desfazer”, “desmontar” e “desconstruir” possíveis desigualdades. (HENNING, 2015).

Um exemplo dessas questões particulares que, segundo o feminismo interseccional, deve-se atentar, é o problema do racismo, onde se observa que a mulher negra sofre opressão duas ou três vezes mais, por ser mulher, por ser negra, e em muitos casos, por questões de classe. Marcadores sociais como gênero, cor e classe, por exemplo, seriam oportunidades para revelar desconsiderações, subordinações e estereótipos que fecham e abrem portas na inserção laboral ou nas relações sociais da migrante no país de instalação.

A questão da Interseccionalidade a partir da perspectiva de mulheres negras qualifica essa perspectiva como a de sujeitos sociais e coletivos e heterogêneos que têm em comum a experiência do racismo patriarcal, entretanto, o posicionamento “mulher negra” não é suficiente para dar conta de experiências vinculadas a vários eixos de identidade. (ROSÁRIO, 2019, p. 132).

Assim, outra vertente feminista importante para análise da mulher migrante no contexto sul-americano, trata-se do feminismo decolonial que, segundo Françoise Vergès (2020, p. 20), deve ter como objetivo “a destruição do racismo, do capitalismo e do imperialismo”.

Dizer-se feminista decolonial, defender os feminismos de política decolonial hoje não é apenas arrancar a palavra “feminismo” das mãos ávidas da oposição, carente de ideologias, mas também afirmar nossa fidelidade às lutas das mulheres do Sul global que nos precederam. É reconhecer seus sacrifícios, honrar suas vidas em toda a sua complexidade, os riscos que assumiram, as hesitações e as desmotivações que conheceram. É receber suas heranças. Também é reconhecer que a ofensiva contra as mulheres, atualmente justificada e reivindicada publicamente pelos dirigentes estatais, não é simplesmente a expressão de uma dominação masculinista descomplexificada, e sim uma manifestação da violência destruidora suscitada pelo capitalismo. O feminismo decolonial é a despatriarcalização das lutas revolucionárias. Em outras palavras, os feminismos de política decolonial contribuem na luta travada durante séculos por parte da humanidade para afirmar seu direito à existência. (VERGÈS, 2020, p. 27).

Em sua investigação, Lugones (2008), junta duas estruturas de análise. A primeira refere-se ao importante trabalho sobre gênero, raça e colonização feito, não exclusivamente, mas significativamente por feministas do Terceiro Mundo e mulheres negras, incluindo teóricos raciais críticos. Segundo a análise do conceito de interseccionalidade, o qual expôs o histórico de exclusão teórico-prática de mulheres não brancas das lutas de libertação em nome de “mulheres”; fazendo uma crítica ao feminismo branco eurocêntrico hegemônico.

De acordo com Ballestrin (2013), o pensamento decolonial pode relacionar-se também com o que Mignolo (2003) chamou “pensamento fronteiriço”, o qual desde a perspectiva da subalternidade colonial, não pode ignorar o pensamento da modernidade, nem se subjugar a ele, ainda que seja de esquerda ou progressista. “O pensamento fronteiriço é o pensamento que afirma o espaço de onde o pensamento foi negado pelo pensamento da modernidade, de esquerda ou de direita”. (MIGNOLO, 2003, p. 52).

Contudo, tem-se que as mulheres migrantes, de acordo com suas diferentes particularidades e contextos de vida, podem possuir diversas desvantagens no processo migratório, se comparado aos homens migrantes, além dos marcadores sociais citados acima. Há também outros condicionantes relacionados, por exemplo, a noção limitada das esferas de funcionamento dos sistemas de saúde, que enxergam elas como maternas; mães em potencial (MÁRQUEZ, 2019), o que aumentaria mais a constituição de políticas migratórias excludentes em diversos países, principalmente relacionadas à mulher.

### 2.3 BREVE CENÁRIO DA MIGRAÇÃO FEMININA NA FRONTEIRA FRANCO-BRASILEIRA

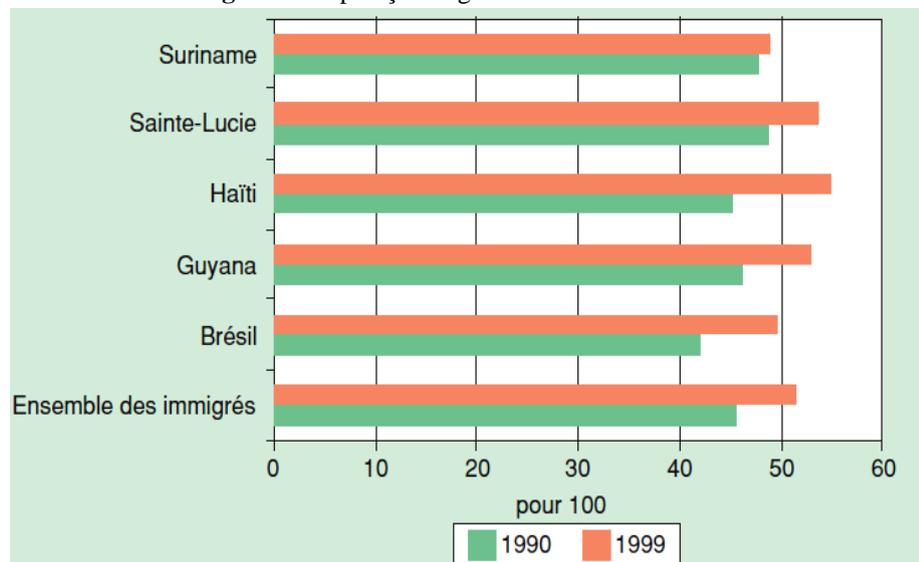
Segundo o *Atlas des populations immigrées en Guyane* (2006), a migração brasileira na Guiana Francesa varia temporalmente. Abaixo, podemos verificar que ela representa em torno de um migrante a cada quatro, em meados de 1974. Os dados colhidos entre 1974 e 1999, mostram a transição gradual da migração feminina na região, da migração laboral para a familiar: 59% dos homens eram imigrantes em 1974, comparado a menos de 49% em 1999.

**Figura 4:** Migração brasileira na Guiana Francesa ao longo do tempo

	1974	1982	1990	1999	2005 *
Ensemble de la population	57 348	73 012	114 808	156 790	191 000*
Nombre d'immigrés	6 412	18 803	34 923	41 649	55 390*
Part des immigrés dans la population (en %)	11,2	25,8	30,4	26,6	29,0*
<b>Les immigrés : répartition par sexe (en %)</b>					
Hommes	59,0	56,2	54,3	48,7	
Femmes	41,0	43,8	45,7	51,3	
<b>Les immigrés : nationalité au recensement (en %)</b>					
Étrangers	88,6	83,1	91,6	87,7	
Français	11,4	16,9	8,4	12,3	
<b>Les immigrés : pays de naissance (en %)</b>					
Suriname	19,4	15,9	38,2	33,1	
Haïti	7,4	29,0	24,0	28,2	
Brésil	24,2	17,9	15,5	16,8	
Guyana	nd	4,7	5,6	5,8	
Sainte-Lucie	26,7	10,0	4,3	3,0	
Chine	4,9	2,3	2,4	3,1	
Laos	nd	4,2	2,3	1,9	
<b>Ensemble de ces pays</b>	<b>82,6</b>	<b>84,0</b>	<b>92,4</b>	<b>91,8</b>	
Autres pays de naissance	17,4	16,0	7,6	8,2	
<b>Ensemble des immigrés</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	<b>100,0</b>	

Fonte: Atlas des populations immigrées en Guyane, 2006.

Abaixo se observa que, entre 1990 e 1999, a população migrante na Guiana Francesa era principalmente de mulheres. Segundo dados do *Atlas des populations immigrées en Guyane* (2006), medidas favoráveis à política de reagrupamento familiar podem estar na origem desta evolução.

**Figura 5:** População migrante na Guiana Francesa

Fonte: Atlas des populations immigrées en Guyane, 2006.

Atualmente, muitas mulheres que migram em busca de empregos, são também as responsáveis pelo sustento do lar. De acordo com Manoel Pinto (2012), a presença de mulheres

brasileiras no mercado de trabalho guianense, aumenta a cada década, suas principais áreas de trabalho são no setor de empregadas domésticas, em atividades comerciais (vendedoras de lojas e garçonetes), e em atividades de beleza (cabeleireira, manicure, pedicura, etc.). Existe também um elevado número de brasileiras que trabalham como diaristas em Cayenne, na Guiana Francesa; são em sua maioria indocumentadas, não falam a língua francesa, têm seus direitos trabalhistas constantemente desrespeitados, sendo submetidas a exaustivas horas de trabalho.

No entanto, uma grande quantidade de mulheres brasileiras aparece também no mercado sexual, com condições precárias de trabalho, sem acesso aos serviços de saúde e segurança social, já que boa parte delas se encontram em situação indocumentada. Segundo a Deputada Estadual Cristina Almeida (AP), em entrevista concedida ao Jornal Diário do Amapá em 2018, a prostituição, tráfico de mulheres, suicídios e estupros são parte da rotina de muitas brasileiras na fronteira do Brasil com a França.

Para que se tenha ideia dos absurdos que ocorrem lá, do lado francês, se alguma mulher deixar de pagar uma dívida, acontece de o dono do comércio negociar com o cacique (líder da comunidade) para ela ser comercializada para pagar a “dívida”. (JORNAL DIÁRIO DO AMAPÁ, 2018, online).

De acordo com Araújo (2017) há também a prostituição ligada ao garimpo, onde atua em sua maioria, mulheres brasileiras. Essa atividade é exercida também nas ruas, nos bares e boates noturnos, principalmente nas cidades litorâneas, como Cayenne, Kourou e Saint Laurent du Maroni.

Em Caiena, durante a noite a prostituição de rua de mulheres ou travestis/transsexuais é facilmente verificada, (...) há a figura do “facilitador” da prostituição informal, que alguns chamam de “gaiatão”, que dá suporte a muitas brasileiras que chegam para se prostituir: em troca de favores sexuais para si mesmo, oferece hospedagem e faz propaganda delas. (ARAÚJO, 2017, p. 284).

Há também brasileiras que migram para acompanhar seus maridos no projeto migratório ou com o objetivo constituir família no país de instalação.

As motivações da migração brasileira para a Guiana Francesa, desde o princípio estiveram atrelados aos ganhos financeiros superiores aos do Brasil. No entanto, outros fatores se somam dentro deste contexto na realidade atual destes imigrantes, como as oportunidades de acesso à assistência social como, saúde e educação, negligenciados para a maioria desses imigrantes em solo brasileiro. A entrevistada relata que na Guiana ela pode adquirir um poder de consumo que no Brasil nunca teve, os brasileiros são assistidos nos hospitais

por meio do pagamento anual de um seguro, que inclusive pode ser pago por um clandestino. Seus filhos podem estudar em escolas públicas na Guiana, que oferecem um ensino de qualidade que nunca teriam em escolas brasileiras. Além disso, diversos depoimentos indicam que nas escolas da Guiana Francesa é permitida a matrícula de crianças brasileiras, sejam com pais legalizados ou clandestinos. (SOARES; OLIVEIRA E PINTO, 2011, p. 140).

Segundo Manoel Pinto (2012), muitas vezes, a única forma de mulheres brasileiras entrarem documentadas na Guiana Francesa é através dos casamentos por vistos, prática essa que o autor relatou estar crescente. Segundo o mesmo, a população masculina em Cayenne considera que as mulheres brasileiras têm mais êxito como migrantes indocumentadas do que os homens, por dois motivos, o “poder de sedução” e a suposta “falta de mulheres” no Coletivo Ultramarino Francês.

No que concerne a migração de brasileiras para a Guiana Francesa com objetivo de casar com guianenses, tem-se que:

O desejo de migrar em busca de casamento na Guiana Francesa é corroborado por um imaginário coletivo onde muitas meninas crescem vendo o casamento com o homem estrangeiro como um tipo de “ganho de capital”, com a ideia de que “o gringo” pode oferecer grande qualidade de vida às mesmas, lhes proporcionando uma vida economicamente confortável. As mulheres geralmente são de famílias com baixa condição socioeconômica, vivem num contexto social de poucas oportunidades de crescimento profissional e com a dinâmica familiar em que o pai é o provedor financeiro e a mãe dedicasse exclusivamente aos cuidados do lar e criação dos filhos, isso contribui também para que as mesmas vejam somente na figura masculina a possibilidade de uma vida melhor. (SILVA, 2018, p. 24-25).

Silva (2015), realizou pesquisa com migrantes brasileiras matriculadas na Universidade de Cayenne ou em formação continuada. Foi então observado que, a maioria delas residem na Guiana Francesa há quase dez anos e estão em uma situação conjugal mista (casadas com homens guianenses). Ressalta-se também que a maioria provém da região Norte do Brasil, mais precisamente, do Estado do Pará e Amapá, regiões mais próximas da fronteira. A figura abaixo apresenta uma melhor percepção das particularidades que as caracterizam.

**Figura 6:** Informações biográficas de migrantes brasileiras matriculadas na Universidade de Cayenne ou em formação continuada.

	Doriana	Vivian	Jacirema	Adila	Mikaela	Susi	Roberta	Erika
Sexe	Féminin	Féminin	Féminin	Féminin	Féminin	Féminin	Féminin	Féminin
Âge	33 ans	32 ans	32 ans	42 ans	29 ans	43 ans	46 ans	42 ans
Lieu de recueil	CADEG *	CADEG	CADEG	CADEG	Mon logement	CADEG	CADEG	CADEG
Date de recueil	13/06/12	14/06/12	14/06/13	19/06/12	19/06/12	20/06/12	20/06/12	21/06/12
Durée	42mn	1h18mn	2h11mn	1h16mn	1h20mn	41mn	52mn	1h08mn
Provenance régionale	Sud-est Rio de Janeiro	Nord Belém	Nord Macapa	Nord Belém	Nord Macapa	Nord Belém	Nord-est Salvador	Nord Belém
Situation familiale	Mariée à un Français	Mariée à un Français	Compagnon brésilien	Compagnon français	Compagnon martiniquais	Mariée à un Français	Mariée à un Français	Compagnon français
Nombre d'enfants	Enceinte de son premier enfant	1 enfant	2 enfants	3 enfants	3 enfants	1 enfant	3 enfants	Pas d'enfant
Niveau d'études	BAC+5	BAC+5	BAC+5	BAC+5	BAC+2	BAC+2	BAC+3	Formation en aide médico-psychologique
Nombre d'années en Guyane	4 ans	12 ans	24 ans	7 ans	20 ans	12 ans	13 ans	13 ans
Résidence dans un autre pays	1 an en Irlande	Non	Non	Non	Non	Non	6 ans en France	Non

Fonte: Silva (2015, p.27).

Segundo os estudos de Silva (2015), as mulheres que se encontram em situação de migração na idade adulta, são predominantes. De seis migrantes, quatro tiveram que abandonar o país de residência para acompanhar o cônjuge francês na mobilidade profissional (contrato de transferência ou expatriação). Para os outros dois casos, as motivações para se instalar na Guiana se devem, principalmente, às perspectivas profissionais, em busca de melhores condições de vida. É importante destacar que, nesses dois casos, a migração (inicialmente temporária) foi feita através de um parente ou amigo que ali residia.

A guisa de conclusão desse primeiro capítulo, é importante salientar que a análise das sociabilidades das migrantes brasileiras na Guiana Francesa, são atravessadas por ressignificações do que se entende por fronteiras, que, num contexto de globalização, apresenta novas conceituações e formas de entendimentos, como, por exemplo, a partir das fronteiras virtuais.

Tem-se, contudo, um evidente aumento do protagonismo feminino nas migrações contemporâneas, principalmente quanto a visibilidade e mudança de perfil, sobretudo no contexto migratório internacional franco-brasileiro. Essas mudanças trazem uma gama de fenômenos sociais associados, que não apenas surgem, mas se reconfiguram na sociedade de instalação, como no caso do fenômeno em estudo, a ser explorado teoricamente no capítulo seguinte.

### 3. RECONFIGURAÇÕES DA SOCIABILIDADE

Considerando que as mobilidades dos indivíduos no espaço acontecem num contexto de contínua transformação social e tecnológica, as atuais migrações internacionais não podem mais ser compreendidas somente através do deslocamento geográfico e interação socioespacial no território de instalação. Assim, este capítulo busca oferecer suporte teórico para que se compreenda de que forma uma sociedade globalizada fomenta novas formas do migrante ser e estar, tanto no plano local, como transnacional. Para isso, será realizada uma análise do conceito de sociabilidade, e de como ela tem se desenvolvido nos processos migratórios; da interação social apresentando o conceito de redes globalizadas; de uma lógica espacial chamada “espaço de fluxos”; e da ideia de desterritorialização da sociedade, o qual se desenvolve, a partir da transformação do espaço-tempo em espaço-velocidade.

#### 3.1 SOCIABILIDADE E MIGRAÇÃO

Segundo Amaral (2016), através de uma visão globalizada, que aprofunda os múltiplos e complexos aspectos das migrações contemporâneas, surgem novas formas de sociabilidade, principalmente associadas a evolução tecnológica, que permite a interação social mediada por computadores e smartphones, e resulta no estreitamento dos espaços geográficos e maior interatividade entre as pessoas conectadas. Para que se possa compreender a sociabilidade na dinâmica da migração, faz-se necessário antes o entendimento das intersecções de alguns conceitos importantes, como sociedade, interação e sociabilidade, os quais analisarei conforme a visão de Georg Simmel.

Segundo Simmel (2006), a sociedade significa os indivíduos em interações, impulsionadas por diferentes motivações. Assim, a interação se constitui a partir de dois objetivos centrais: impulsos ou busca de certas finalidades.

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outras situações fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma sociedade (SIMMEL, 2006, p. 60).

Para Simmel, não existe sociedade em si, mas formas plurais de interação, como uma resultante das ações e reações dos indivíduos entre si. Dessa forma, a sociedade é vista como algo que acontece ou está acontecendo num constante fazer, desfazer e refazer, numa incessante vida de aproximação e de separação, de consenso e conflito, de permanente vir a ser, através das múltiplas interações de estar com o outro, para um outro, contra um outro. Em qualquer sociedade humana faz-se a distinção entre conteúdos e formas de vida social; os conteúdos são os interesses que fazem o indivíduo entrar em interação, preenchendo assim, as formas de vida social.

Simmel afirma que o conteúdo de cada indivíduo resulta na união com outros, e isso é uma interação, porém, quando os dois se relacionam com interesses mútuos,<sup>19</sup> passa de uma interação para uma socialização, e ela deve ser pura, não pode ser desequilibrada pelo realce de nenhuma coisa material, e se dar pelo simples prazer de socializar. A sociabilidade então, é a forma pela qual os indivíduos constituem uma unidade no intuito de satisfazer seus interesses, o ponto fundamental desse fenômeno não é o objetivo pelo qual o grupo se forma, mas o interesse e prazer embutido na união social dos indivíduos; o sentimento de pertencimento a determinado grupo, não importando o objetivo do seu agrupamento.

Assim, nesse trabalho adota-se a perspectiva de que a sociabilidade é o resultado das interações que acontecem na sociedade, as quais acontecem num contexto de contínua transformação social. Essa visão proporcionará a interpretação da realidade que se escolheu analisar, compreendendo a complexidade, interconexão e contextualidade dos processos migratórios, no contexto de rápida mudança no mundo através da globalização.

Segundo Oliveira (2020), os fluxos migratórios sempre estiveram presentes na história da humanidade. Desde os tempos pré-históricos, grupos humanos abandonaram ambientes inóspitos em busca de outros mais propícios. No entanto, a ampla extensão e as modalidades específicas que caracterizam as migrações atuais, tornam o fenômeno particularmente relevante em nosso tempo. As últimas décadas do século XX foram marcadas por movimentos populacionais cada vez maiores, de uma parte do globo para outra. De acordo com dados da ONU (2019, online), “os migrantes internacionais atingiram cerca de 272 milhões em 2019, um aumento de 51 milhões desde 2010”.<sup>20</sup>

---

<sup>19</sup> Não se trata de questões egoístas ou individualistas, mas das “matérias com as quais a vida é preenchida”. (SIMMEL, 1983, p. 166).

<sup>20</sup> Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2019/09/1687312>. Acesso em: 20 de setembro de 2020.

Na era da globalização, questões de espaço, território e mobilidades ocupam um lugar crescente no pensamento das ciências sociais. O aumento da circulação e mobilidade internacional de pessoas, marcadas por grandes deslocamentos, desenvolvimento de mercados internacionais e das TICs, envolve novas interações entre indivíduos, que, muitas vezes, perturbam o referente estável do Estado-Nação.

Sobre a questão migratória na atualidade, Elhajji (2011) afirma que, os deslocamentos humanos, as redes virtuais, os fluxos midiáticos e os novos espaços identitários, integram a atual composição civilizacional global e estão superando e ultrapassando os convencionais quadros políticos e geográficos. Os deslocamentos então, não devem ser considerados somente na forma espacial e física, mas, sobretudo, na sua dimensão política, simbólica e imaginária. O avanço da mídia; mais precisamente das TICs, provocou o fenômeno denominado “encolhimento do planeta e a produção de um espaço civilizacional unificado; de certo altamente diversificado, mas, em simultâneo, amplamente integrado”. (2011, p. 5, apud. HARVEY, 1992).

Ao mesmo tempo, esse “encolhimento do planeta”, criou uma esfera social que permite às populações migrantes encontrar um espaço para expressar suas reivindicações e identidades, “é na mídia e através dela que os discursos identitários, comunitários e étnicos são formados, formatados, ensaiados e formulados” (ELHAJJI, 2011, p. 7), ela também cria uma “vivência simultânea em múltiplos e distintos pontos do planeta”. (ibid., p. 11).

Os migrantes usam as TICs para coletar informações e recursos que lhes permitam se mobilizar ativamente, e atuar como atores transnacionais na sociedade civil em seu país de origem, por exemplo, por meio do envio de remessas financeiras, através do uso das redes virtuais; especialmente Facebook e WhatsApp, e nas experiências de construção e manutenção de redes de sociabilidades entre migrantes. (BARTH; COGO, 2009).

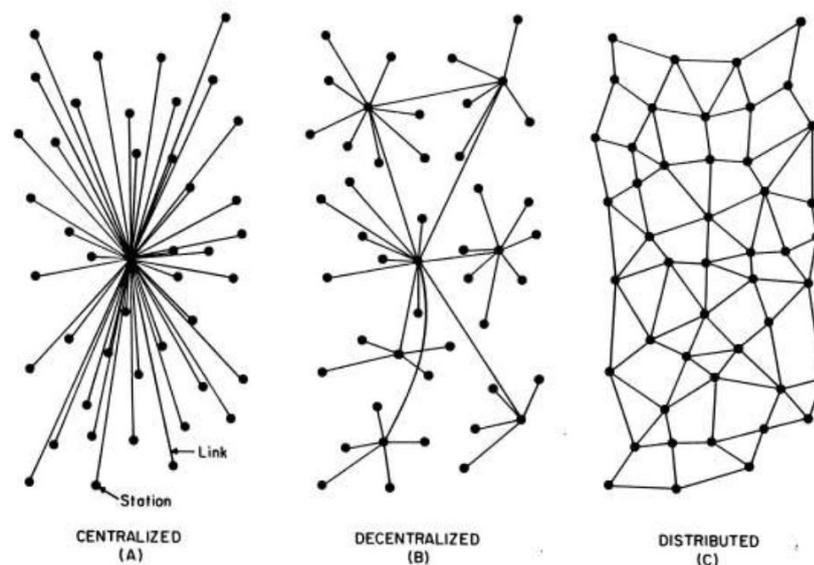
Segundo Gillespie e Osseiran (2018), os smartphones, por exemplo, têm se tornado tão vital quanto comida e água para as sociabilidades das pessoas migrantes. Por um lado, essas ferramentas de comunicação móvel permitem que eles programem, naveguem e documentem suas viagens enquanto mantêm contato regular com familiares e amigos. Por outro lado, os smartphones oferecem a possibilidade de serem localizados em movimento, ou seja, estarem visíveis para garantir a segurança da sua mobilidade em casos de migração indocumentada/documentada. No entanto, correm o perigo de serem localizados pelas polícias de fronteiras através da rede de satélites que compõem o sistema de posicionamento global, chamado de GPS.

A migração, apesar de ser uma das dimensões que caracteriza a história da humanidade, assume algumas experiências absolutamente novas no mundo contemporâneo, pois, interage com o avanço das TICs. Atualmente, na vida social, a imaginação assumiu um papel inédito, que a vê não mais como um caráter negativo, uma forma de fuga, um passatempo para as elites educadas, mas como uma forma de ação individual e social. (POLLO, 2006).

### 3.2 REDES GLOBALIZADAS

De acordo com Franco (2008), a sociedade está em contínua mudança, ocorrendo não somente no campo dos fenômenos sociais, mas da natureza daquilo que se chama sociedade humana, a qual está se configurando de forma progressiva, em uma sociedade de alta interatividade: a sociedade em rede. Para se entender a fenomenologia da interação, o autor apresenta a estrutura de um projeto, que mais tarde se converteria na Internet, em sua versão original. Trata-se dos diagramas de Paul Baran (1964):

**Figura 7:** Diagramas de Paul Baran



**Fonte:** Franco (2008, apud. BARAN, 1964).

Segundo Franco (2008), as diferenças entre os diagramas estão estabelecidas nas maneiras em que se dá as conexões. No diagrama A, não há a constituição de redes distribuídas,

pois, o fluxo pode ser interrompido em cada ponto. O descentralizado tem muitos *clusters*<sup>21</sup> interligados por um centro, por exemplo, organizações como igrejas, escolas, empresas e ongs, são organizadas conforme o diagrama B, há níveis de hierarquia na tomada de decisões, para que uma informação chegue ao centro, precisa passar primeiro por diferentes conexões. No diagrama C, tratam-se de conexões distribuídas entre si, nesse contexto, o social não é o coletivo das pessoas, mas o que está entre eles. Os pontos representam as pessoas, e as linhas, as conexões entre elas, dessa forma, as redes são ambas em coexistência, ou seja, para que as redes sejam articuladas faz-se necessário conectar pessoas entre si, e não apenas a um centro articulador.

Castells (1999, p. 566), entende que “rede é um conjunto de nós interconectados”. Franco (2008) corrobora com esse pensamento ao afirmar que rede é um fluxo interativo da convivência social, e se as pessoas interagem, acontece o que chamamos “rede”. Dessa forma, para haver fluxo é necessário interação, desenvolvida através da conexão entre os indivíduos.

Atualmente, cada vez mais, a interação entre as pessoas e circulação de informações se dá através da internet e demais TICs, as quais impulsionam a transformação digital.

**Figura 8:** Retrospectiva 2012 - e 20 anos depois tudo isso cabe no seu bolso



**Fonte:** Arte&Blog.com (2012)

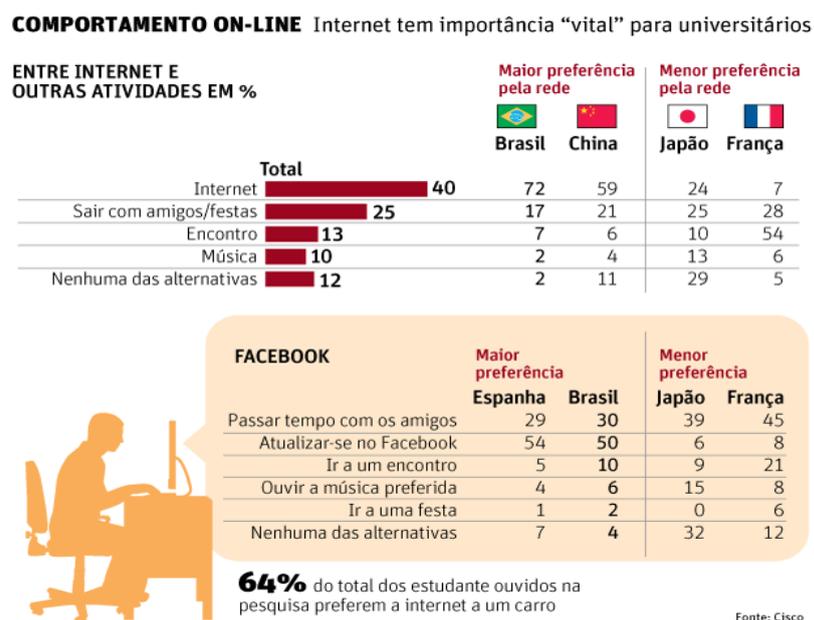
<sup>21</sup> Nome dado a um sistema que relaciona dois ou mais computadores para que estes trabalhem de maneira conjunta no intuito de processar uma tarefa. Estas máquinas dividem entre si as atividades de processamento e executam este trabalho de maneira simultânea.

A internet e o avanço das demais TICs, têm se tornado indispensável no funcionamento da sociedade moderna, dependente de um intercâmbio de dados e informações livres e funcionais. A vida cotidiana se torna, progressivamente, imaginável sem essas tecnologias.

Conforme artigo publicado no Jornal da Universidade de São Paulo, em outubro de 2021, um relatório feito pela agência *We Are Social*, em conjunto com o sistema *Hootsuite*, apresentou que 4,55 bilhões de pessoas são usuárias de alguma rede virtual. Segundo relatório publicado em julho pela Facebook Inc, mostrou que, mais de 2,7 bilhões de pessoas utilizavam alguma das redes virtuais da empresa diariamente. Esse valor equivale a, em média, 60% do total dos usuários de redes virtuais e 30% da humanidade.<sup>22</sup>

É importante entender de que forma e para quais finalidades essas redes têm sido usadas. Em interessante matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, em 2011, afirmou-se que, segundo pesquisa da empresa de tecnologia Cisco, realizada com jovens de até 30 anos, em 14 países, a internet passou a ser tão necessária para estudantes e profissionais quanto água, comida e moradia. Sendo que no Brasil, três em cada cinco estudantes e jovens profissionais fizeram essa afirmação.

**Figura 9:** Comportamento online



**Fonte:** Jornal Folha de São Paulo, 2011.

<sup>22</sup> Ver mais em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2021/11/apagao-das-redes-a-queda-do-whatsapp-facebook-e-instagram/> Acesso em 1 de novembro de 2021.

Esse impulso modernizador gerado pela internet, provoca uma profunda mudança no comportamento comunicacional e relacional, através de seu uso nas esferas pública e privada. De acordo com Herzog (2018), o avanço da digitalização leva a uma maior dependência da infraestrutura de comunicação, portanto, da internet. Consequentemente, a vulnerabilidade de muitos processos também aumenta automaticamente, o alcance deste último é ainda maior, pois, essa dependência vai muito além de meros processos de comunicação.

A exemplo disso, no dia 3 de novembro de 2020, o Estado do Amapá sofreu a pior crise energética de sua história. Foram 4 dias sem quaisquer recursos elétricos, e mais de 30 dias com distribuição parcial de energia, logo, os sistemas de internet, caixas eletrônicos, postos de gasolina e comunicação, também foram afetados drasticamente, deixando milhares de pessoas sem acesso à informação e meios de se comunicar com pessoas dos seus ciclos sociais e familiares, e em estado de vulnerabilidade social decorrente da falta de funcionamento do sistema hidráulico, falta de água mineral e alimentos em mercados e supermercados. Vários protestos se espalharam pelas cidades e municípios afetados.<sup>23</sup>

**Figura 10:** Moradores da capital do amapá, em Macapá, fazem protestos na noite do dia 10 de novembro de 2020, durante apagão.



**Fonte:** foto: Maksuel Martins, 2020.

---

<sup>23</sup> Ver mais em: <https://g1.globo.com/ap/amapa/noticia/2020/11/18/apagao-no-amapa-veja-a-cronologia-da-crise-de-energia-eletrica.ghtml> e <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/11/a-crise-no-amapa-e-a-integracao-energetica-da-america-do-sul.shtml>. Acessos em: 27 de junho de 2021.

Durante vários dias, milhares de pessoas no estado do Amapá ficaram com as suas interações sociais limitadas pela falta de acesso à internet e demais meios de comunicação, de trabalho, bem como, sem informações ao nível local, nacional e (inter)nacional.

Outro exemplo, foi o “apagão” mundial das redes virtuais (Facebook, WhatsApp e Instagram), no dia 4 de outubro de 2021, o qual teve grande impacto nas comunicações, interações sociais e também nos setores econômicos, que se utilizam dessas redes para fomentar suas vendas, interagir com clientes, e diversas outras utilidades. O apagão durou mais de 6 horas, e foi suficiente para contabilizar grandes prejuízos, principalmente econômicos, mostrando a vulnerabilidade dessas plataformas.

Segundo pesquisa realizada pelo Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), em 2018, mais de 70% dos pequenos negócios usam redes virtuais como ferramenta de gerenciamento, os aplicativos como Facebook e WhatsApp, potencializam divulgação de produtos, serviços, promovem ganho em vendas e aproximação com os clientes.<sup>24</sup>

Como vimos, apesar das vulnerabilidades, a crescente interconexão de pessoas e aparelhos cria um valor agregado substancial, e o avanço da digitalização cria uma maior dependência da infraestrutura de comunicação e internet. Com isso, Castells (2011) afirma que, a internet provocou o fenômeno das alterações na sociabilidade, converteu-se na alavanca de transição de uma nova forma de sociedade: a sociedade-rede, que modificou as estruturas dos grupos sociais. Para Wellman e Gulia (1999), a internet é apenas uma das muitas maneiras pelas quais as mesmas pessoas podem interagir. Não é uma realidade separada. Os laços de vizinhança e parentesco são apenas uma parte das redes comunitárias gerais das pessoas, isso porque, com a evolução das TICs, pode-se manter relacionamentos por muito tempo, a longa distância.

As redes virtuais da internet “são espaços de autonomia, muito além do controle de governos e empresas – que, ao longo da história, haviam monopolizado os canais de comunicação como alicerces de seu poder”. (CASTELLS, 2013, p. 07). Assim, houve uma ampliação dessas redes, que superaram os espaços territoriais e tornaram-se globalizadas.

---

<sup>24</sup> Disponível em: <https://www.agenciasebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mais-de-70-dos-pequenos-negocios-usam-redes-sociais-como-ferramenta-de-gestao,0b0624ba4b2b4610VgnVCM1000004c00210aRCRD> Acesso em 15 de setembro de 2021.

### 3.3 MANUEL CASTELLS E A TEORIA DO ESPAÇO DE FLUXOS

As tecnologias da informação e comunicação ressignificam o conceito de “real” e “virtual”, visto que, transformam a maneira como conhecemos as coisas e as relações entre as pessoas. A tecnologia intervém e transforma, fazendo com que o virtual se torne real, e vice-versa. No mundo, ambos tendem a coincidir, as relações são “à distância”, mas, ao mesmo tempo “próximas”. No entanto, se faz importante responder primeiramente duas perguntas: o que é real? O que é virtual?

Segundo Lagrou e Belaunde (2011, p. 18), o cerne da metafísica de Lévi-Strauss está na ideia de que “o real é precisamente o que excede o pensamento”, o que existe de alguma forma, entretanto, não necessariamente passível de concretização efetiva ou formal. Lévy (1999, p. 47-48) não considera o real o oposto de virtual.

Em geral acredita-se que uma coisa deva ser ou real ou virtual, que ela não pode, portanto, possuir as duas qualidades ao mesmo tempo. Contudo, a rigor, em filosofia o virtual não se opõe ao real, mas sim ao atual: virtualidade e atualidade são apenas dois modos diferentes da realidade. Se a produção da árvore está na essência do grão, então a virtualidade da árvore é bastante real (sem que seja, ainda, atual). É virtual toda entidade “desterritorializada”, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem, contudo, estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular. [...] O virtual é uma fonte indefinida de atualizações.

Dessa forma, para Lévi-Strauss (1999), o desenvolvimento das redes virtuais interativas, favorece movimentos de virtualização, não somente ligados à comunicação, mas também de relacionamentos, independentes dos lugares geográficos e da coincidência dos tempos. Como citado, o avanço da globalização se converteu em mudanças nas formas de interagir e viver na sociedade, criando redes globalizadas. Diante disso, tem-se o fenômeno que Manuel Castells (1999, p. 426) denomina “cultura da virtualidade real”.

O novo sistema de comunicação transforma radicalmente o espaço e o tempo, as dimensões fundamentais da vida humana. Localidades ficam despojadas de seu sentido cultural, histórico e geográfico e reintegram-se em redes funcionais ou em colagens de imagens, ocasionando um espaço de fluxos que substitui o espaço de lugares. O tempo é apagado no novo sistema de comunicação já que passado, presente e futuro podem ser programa dos para interagir entre si na mesma mensagem. O espaço e fluxos e o tempo intemporal as bases principais de uma nova cultura, que transcende e inclui a diversidade dos sistemas de representação historicamente transmitidos: a cultura da virtualidade real, onde o faz-de-conta vai se tornando realidade.

Nessas perspectivas, real e virtual são interligados, a “virtualidade real” se origina de uma realidade imersa em uma composição de imagens virtuais, que se transforma na experiência do indivíduo.<sup>25</sup> Atualmente, o mundo vive novas dinâmicas e relações entre as dimensões de tempo e espaço, o advento da internet permite que pessoas de diferentes lugares do globo troquem informações de maneira quase que instantânea, se a ligação por celular já permitia esse fenômeno, as videochamadas inovaram ao permitir a transmissão de som e imagem de pessoas que participam da mesma conversa em diferentes espaços geográficos, simultaneamente.

O desenvolvimento da comunicação eletrônica e dos sistemas de informação propicia uma crescente dissociação entre a proximidade espacial e o desempenho das funções rotineiras: trabalhos, compras, entretenimento, assistência à saúde, educação, serviços públicos, governo e assim por diante. (CASTELLS, 1999, p. 483).

De acordo com Castells (1999), espaço e tempo são as principais dimensões materiais da vida humana, ambos estão interligados na natureza e na sociedade, não há domínio de um sob o outro. Com o decorrer do avanço tecnológico, espaço e tempo vêm sofrendo um processo de transformação histórica profundamente diversa. Para o autor, há uma lógica de organização espacial profundamente enraizada na sociedade, a qual denomina “espaço de lugares”, e para contrapor essa percepção, o mesmo apresenta uma nova lógica, a qual denomina de “espaço de fluxos”.

Previdi (2014) explica a análise de Castells (1999) sobre o espaço dos fluxos, dividindo-a em três camadas interdependentes. A primeira camada é o **suporte material**, representado pelas infraestruturas tecnológicas (linhas de comunicação de alta velocidade, cabos submarinos, antenas, repetidores, circuitos, etc.). Na verdade, é uma forma espacial particular, como é a estrutura urbana de uma cidade, ou como é uma rede aeroportuária, que conecta vários países em um lugar.

Previdi (2014) explica que, a segunda camada consiste em seus nós e junções, são **locais onde os fluxos de informação se trocam**, e a cada troca ocorre um processo de criação de valor e acumulação de riqueza. Em essência, são as junções que representam o ponto de contato

---

<sup>25</sup> Um exemplo são jogos de videogames onde as pessoas criam avatares de personagens que vivem em um ambiente gerado através de recursos gráficos 3D ou imagens 360°, esses personagens podem ter casa, família, emprego, e interagir com outros, criados por outras pessoas, nessas interações acaba-se desenvolvendo sensações semelhantes as vivenciadas presencialmente, como: afeto, amizade, amor, e raiva, alegria, etc.

entre o espaço de informação e físico dos lugares. Ainda segundo o autor, a terceira camada é representada pelas **classes de elite executiva, decisória e gerencial** que povoam os nós e junções. São eles que decidem, segundo o valor da informação em seu poder, como, quando e onde desviar e alocar investimentos, quando realizar trocas de valores especulativos, e quando influenciar as instituições políticas locais para facilitar a penetração de seus produtos ou serviços em seus respectivos mercados. São figuras que vivem uma dimensão autônoma e autorreferencial, em espaços espalhados pelo planeta, enriquecidos com seu valor simbólico padronizado, dando origem a uma cultura internacional própria e exclusiva de pertencimento.

Em suma, o espaço de fluxos é diretamente ligado ao surgimento de tecnologias avançadas de informação e comunicação. Nessa perspectiva, as redes atravessadas por fluxos de informações conseguem unir ou separar, assim, passam então a serem vistas não apenas a partir um panorama puramente operacional, mas da reconfiguração dos processos sociais, econômicos e simbólicos.

#### 3.4 DESTERRITORIALIZAÇÃO DA SOCIEDADE

De acordo com Raffestin (1993), espaço é matéria-prima natural e produto resultante da moldagem social, e território é um constructo da noção de espaço, passível de formalização e quantificação. Segundo o autor, a territorialidade ultrapassa o conceito “relação homem-território”, pois, além da demarcação de espaço, existe a relação social entre os homens. Dessa forma, a mesma seria um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional de sociedade-espaço-tempo, em vias de atingir a maior autonomia possível, compatível com os recursos disponíveis.

Com as revoluções industriais e avanço do processo de globalização, novas noções de território têm sido discutidas, dentre elas, Amaral (2016) reflete o conceito de “território da internet”, o qual, segundo a autora, é uma rede cujos lugares são criados por quem a utiliza, com base nas trocas simbólicas que efetua com os outros indivíduos e com o espaço, dessa forma, no universo virtual, o significado de território é sinônimo de sistemas de representação/significação que atribuem sentido/identidade ao espaço.

Para Amaral (2016), seguindo a lógica espacial chamada “espaço de fluxos”, pensar o virtual segundo o paradoxo do “distante e próximo” em simultâneo, remete a ideia de desterritorialização. A “ausência de território remete para a construção social partilhada

enquanto forma de criar uma dimensão espacial coletiva. Essa existe na medida em que é estruturada por laços e valores sócio-políticos, estéticos e até éticos”. (ibid., 2016, p. 54).

Nesse contexto, produz-se o denominado “ciberespaço”, termo cunhado por Willian Gibson, em sua obra *Neuromancer* (1991), para designar um ambiente virtual onde trafegam dados e relações sociais. Trata-se de um lugar não físico, constituído pelas redes virtuais e onde circula todo tipo de informação.<sup>26</sup> Entretanto, Lévy (1999, p.17) o descreve como “o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial de computadores”, um espaço virtual de trocas simbólicas entre as pessoas, de sociabilidade.

A extensão do ciberespaço acompanha e acelera uma virtualização geral da economia e da sociedade. Das substâncias e dos objetivos voltamos aos processos que o produzem. Dos territórios, pulamos para o nascente, em direção às redes móveis que os valorizam e as desenham. Dos processos e das redes, passamos às competências e aos cenários que as determinam, mais ainda. Os suportes de inteligência coletiva do ciberespaço multiplicam e colocam em sinergia as competências. Do design à estratégia, os cenários são alimentados pelas simulações e pelos dados colocados à disposição pelo universo digital. Ubiquidade da informação, documentos interativos interconectados, telecomunicação recíproca e assíncrona em grupo e entre grupos: ciberespaço faz dele o vetor de um universo aberto. Simetricamente a extensão de um novo espaço universal dilata o campo de ação dos processos de virtualização. (LÉVY, 1999, p. 49-50).

O ciberespaço é o ambiente, e a internet é uma das infraestruturas nessa rede de comunicação. De acordo com Amaral (2016), o primeiro, opera na distinção entre mundos online e offline, em um processo contemporâneo de desmaterialização do espaço e de instantaneidade temporal, é um ambiente em que pessoas podem interagir sem estar de forma física.

Quando interagimos no ciberespaço, não é apenas o nosso meio de comunicação que se expande, o mesmo acontece com o nosso espaço de vida, pois, provoca mudanças nas formas de interações, podendo-se desenvolver novos hábitos, costumes, valores e sociabilidades entre os indivíduos.

Este novo espaço com áreas de privacidade - um novo mundo virtual ou mundo mediatizado - é um suporte aos processos cognitivos, sociais e afetivos, os quais efetuam a transmutação da rede de tecnologia electrónica e telecomunicações em espaço social povoado por seres que (re)constróem as

---

<sup>26</sup> O ciberespaço. Uma alucinação consensual, vivida diariamente por bilhões de operadores legítimos, em todas as nações, por crianças a quem estão ensinando conceitos matemáticos... Uma representação gráfica de dados abstraídos dos bancos de todos os computadores do sistema humano. Uma complexidade impensável. Linhas de luz alinhadas que abrangem o universo não-espaço da mente; nebulosas e constelações infindáveis de dados. Como luzes de cidade, retrocedendo. (GIBSON, 1991, p.48).

suas identidades e os seus laços sociais nesse novo contexto comunicacional. Geram uma teia de novas sociabilidades que suscitam novos valores. Estes novos valores, por sua vez, reforçam as novas sociabilidades. Esta dialética é geradora de novas práticas culturais. (SILVA, 1999, n/p).

Essas mudanças afetam também as formas e possibilidades de participações sociais e políticas, um exemplo é a existência de movimentos ativistas que se utilizam da internet como ferramenta de propagação de seus ideais, ultrapassando fronteiras geográficas e chegando a um número crescente de pessoas no mundo.

A desterritorialização, então, “remete para a inexistência ou relatividade do lugar”. (AMARAL, 2016, p. 53). Segunda a autora, houve uma metamorfose na noção de território, que teve por base a premissa de que o virtual, enquanto metáfora de presença, introduz uma ideia de desterritorialização que materializa uma deslocação espaciotemporal. O virtual, então, produz novos espaços e velocidades, Lévy (2001) afirma que isso só é possível porque existe subjetividade e significação.

Vários sistemas de registo e de transmissão (tradição oral, escrita, registos audiovisuais, redes miméticas) constroem ritmos, velocidades ou qualidades de história diferentes. Cada novo arranjo, cada “máquina” tecno social acrescenta um espaço-tempo, uma cartografia especial, uma música singular a uma espécie de enredo elásticos e complicado onde as extensões se sobrepõem, se deformam e se ligam, onde as durações se opõem, interferem umas com as outras, respondem-se mutuamente. A multiplicação contemporânea dos espaços faz de nós uma espécie de nómadas de um novo estilo em vez de seguirmos um caminho no seio de uma extensão, saltamos de rede em rede, de um sistema de proximidade a outro. Os espaços metamorfoseiam-se e bifurcam-se sob os nossos pés, levando-nos à heterogénese. (LÉVY, 2001, p. 22).

Assim, essa transformação do espaço-tempo em espaço-velocidade, acontece devido à evolução tecnológica, a qual proporciona novas ferramentas de comunicação, de transporte de mercadorias e pessoas (através da transmissão de informações, por exemplo). O espaço-velocidade torna, por exemplo, o espaço entre o país de residência e de instalação da pessoa migrante cada vez mais próximo. Isso significa que, por meio da internet e aparelhos tecnológicos, essa separação pode se tornar cada vez mais apenas física, e acelerar fenômenos como hibridização e multiculturalismo.

Em um contraponto, cabe salientar, é preciso atentar-se para a “solidez” ou “fluidez” dessas formas de sociabilidades, e o modo com que elas podem causar uma aproximação, mas

também um distanciamento entre as pessoas, baseado nos marcadores de gênero, classe social, geração, entre outras.

Nesse sentido, Zygmunt Bauman em sua obra “Globalização: as consequências humanas”, de 1999, já ponderava que a mudança de espaço-tempo em espaço-velocidade, poderia criar uma mobilidade que produziria liberdade para alguns e confinamento para outros. Sobre os laços humanos criados em redes, Bauman (2001) afirma que, arriscam serem tecidos de fragilidade, principalmente aqueles que se mantêm apenas virtualmente. Destaca ainda que, isso poderia afetar a capacidade das pessoas de tratar estranhos com humanidade, e traz como exemplo, a questão migratória em países da Europa, afirmando que as pessoas tendem a creditar seus medos, sempre crescentes, a esses “estranhos”, a exemplo de migrantes e refugiados.

Por fim, destaca-se que as reconfigurações da sociabilidade migrante apresentada nesse capítulo, a partir do avanço tecnológico num mundo globalizado, fornecem base para que as mesmas sejam analisadas através das histórias de vida de mulheres brasileiras que residem na Guiana Francesa, e têm suas vidas atravessadas por tecnologias, que transformam em diferentes graus, suas formas de ser e estar em sociedade. No capítulo 3, tem-se como protagonista a migrante brasileira Vaneza, cuja vida social, é entrelaçada aos meios virtuais de sociabilidade.

#### 4. VANEZA: “EU CRESCI NAS REDES SOCIAIS”

A migração da minha primeira interlocutora, se deu de forma diferente da maioria das brasileiras que se deslocam para a Guiana Francesa em busca de concretizar suas diferentes aspirações. Vaneza, assim que chegou ao país de instalação, teve acesso ao sistema educacional guianense, enquanto sua mãe e padrasto já estavam empregados. Logo no início da entrevista, ela fez questão de afirmar que sua migração diferia das “outras mulheres”, referindo-se às brasileiras, que migram enquanto jovens ou adultas, em busca de trabalho, por exemplo. “Eu sou a segunda geração, então isso significa que eu não escolhi tá aqui, eu vim com minha mãe, então é diferente da imigração de uma brasileira que veio trabalhar. Eu vim pequena. Migrei com 12 anos”, afirmou.

Diversos aspectos socioculturais caracterizam uma segunda geração de migrantes, pois, os filhos de migrantes brasileiros nascidos na Guiana Francesa, podem representar um elemento da fase de estabilização dos ciclos migratórios. No entanto, há também, como no caso em questão, os que migraram ainda muito novos, enquanto crianças, para viver no país o qual a mãe, o pai, ou outro membro familiar, escolheram para se instalar.

De acordo com Portes e Rumbaut (2001), há atualmente o chamado “nova segunda geração”, que se refere àqueles filhos de migrantes que cresceram e vêm crescendo sendo parte da sociedade de instalação. Vaneza chegou muito jovem a Guiana Francesa, e a partir da sua inserção na escola, pôde aprender a língua francesa, e assim, socializar tanto com os brasileiros, quanto com os franceses que faziam parte do seu meio social. A entrevistada considera-se “franco-brasileira” e ativista pelos direitos de migrantes brasileiros em solo francês.

Hoje eu milito bastante, pra dizer para os jovens né... segunda, terceira, quarta, quinta geração, que moram aqui, que eles não são bicho nem parasitas e que eles são franco-brasileiros, não são nem totalmente brasileiros nem totalmente franceses, mas eles têm uma dupla nacionalidade e eles devem reivindicar o direito deles como pessoas, ser humanos, entendeu? (Videochamada, março de 2021).

Vaneza é natural de Santa Helena do Maranhão, é negra, tem 32 anos, está solteira, não possui filhos, trabalha como *Chargé de Mission*<sup>27</sup>, sendo responsável num fórum que se ocupa

---

<sup>27</sup> É o gestor de projetos que tem como missão principal estudar e liderar projetos relacionados com a implementação de política documental. Como um informante de referência, ele exerce uma função específica, contando com um quadro de pessoal limitado e com a colaboração de diversos serviços. Ele pode liderar uma missão transversal para novas operações a serem realizadas em determinado órgão ou organização.

em movimentar duas redes, uma que é ligada à igreja católica (Rede Eclesiástica Panamazônica), e ao Fórum Social Panamazônico, ela opera no desenvolvimento dessas redes na Guiana Francesa.

#### 4.1 PROJETO DE MIGRAÇÃO

Existem muitos caminhos e estratégias de migração que orientam as mulheres em suas mobilidades transnacionais. Para compreender plenamente seus aspectos, é apropriado reconstruir suas histórias de vida, projetos e experiências. Chegar antes dos filhos, chegar sozinha, acompanhada, assume diferentes significados em relação à origem geográfica, sociocultural, ao momento histórico e ao contexto familiar. A chegada ao país de instalação ou os diversos motivos que impulsionam a saída do país de residência, condicionam e configuram formas de articulações plurais das mulheres em cada contexto migratório.

Vaneza chegou a Guiana Francesa com 12 anos, e se lembra muito pouco do tempo em que habitou no Brasil, recorda-se que ao vir do Maranhão, morou durante um período na capital Macapá (AP). “Passei um pouco em Macapá, no Infraero,<sup>28</sup> na verdade, e depois a gente veio pra fronteira, eu sempre morei na fronteira, sabe?”.

Quando migrou, sua mãe já estava estabelecida e trabalhando na cidade de Cayenne. Vaneza relembra ter uma “visão global” da situação em que viviam outras brasileiras, que não tinham trabalho formal e migravam em busca melhorias, em meados dos anos 90 e 2000.

Então naquele período aonde o garimpo era forte na fronteira, aonde tinha uma economia que circulava naquele tempo. E tinha muitos legionários, as festas era aberta, então tinha um índice de prostituição muito grande no Oiapoque... O Oiapoque era uma vila de garimpeiro praticamente né... tinha muita prostituição, tinha muita imigração de prostituição em São Jorge também né... Tinha até então né um legado que fica marcado dentro desta sociedade até hoje e é bem difícil para uma pessoa como eu de se demarcar como pessoa que pensa... a gente não pensa... normalmente a pessoa: “não pensamos, não agimos e vegetamos”, e o interesse maior da mulher brasileira; que é enraizado até mesmo nos escritos, é como uma mulher interesseira, que veio em busca de melhoria em troca de comida e roupa lavada, por documentação... mais ou menos... seria isso... Sim, me lembro perfeitamente, é impossível esquecer essa parte da imigração, a gente não esquece. (Videochamada, março de 2021).

---

<sup>28</sup> Bairro situado na Zona Norte de Macapá (AP).

Vaneza possui pais brasileiros, mas afirma que cresceu na Guiana Francesa com a mãe, irmãs e o padrasto. Quando sua mãe migrou, seu padrasto trabalhava na base de meteorologia da Guiana francesa, residia em Saint-Georges, e conheceu sua mãe na cidade fronteiriça de Oiapoque (AP).

No Brasil, sua mãe trabalhou em lanchonete, restaurante e bares, “fazia de tudo porque naquele tempo não tinha opção, então era a única coisa que tinha, ainda mais que eram poucas mulheres que trabalhavam”, ela geralmente trabalhava como garçomete. Porém, antes de migrar, ela estava trabalhando como gerente de um bar. A história migratória de Vaneza entrelaça-se muito com a história de sua mãe, a qual foi a primeira da família a migrar.

É como todos os imigrantes dos anos 50 até os anos 90, a base dessa migração era uma migração ligada em garimpos, então como era que funcionava? Vinha um primeiro pra cá, depois ele voltava com um pouquinho de melhoria e ele sempre levava um. Um outro, né... pra aventurar. Então foi nessa forma que a minha mãe saiu da cidade dela em busca de trabalho né. Então ela veio e migrou pra região do Amapá em questão, pra região da fronteira do Oiapoque. Então ela veio com um amigo, né... e foi atrás dessa famosa melhoria e bem estar da família. Mais ou menos, seria nesse período dos anos 70, 80, 90, por aí. Foi um período bem marcado por forte garimpagem dessa zona. Ela veio com um amigo. Ela foi a primeira a imigrar. Então ela se estabeleceu. E depois, quando ela já tava estável e tudo, com trabalho e tudo, ela foi buscar as filhas, mais ou menos assim que funcionou. Mais ou menos foi isso. (Videochamada, março de 2021).

Sua mãe foi influenciada a migrar por um amigo que já trabalhava na Guiana Francesa há 2 anos, em região de garimpo. Segundo Vaneza, trabalhando nos garimpos da zona francesa, esse amigo conseguiu fazer uma economia, retomou para cidade dele e investiu na casa onde residia antes de migrar, “como eles sempre fazem”. Em uma dessas voltas ao Brasil, ele falou para a mãe de Vaneza que um amigo dele precisava de uma pessoa para trabalhar, que seria cozinheira.

Foi assim que minha mãe saiu de lá... Naquela época tinha duas opções para mulher, ou a mulher vinha para trabalhar no serviço de cozinha ou a mulher vinha para trabalhar nos bordeis. Isso aí é uma coisa que até hoje permanece nessa parte da imigração e... mas tem uma diferença hoje que tem mulher garimpeira que vai por paixão mesmo. (Videochamada, março de 2021).

Vaneza afirma que na Guiana Francesa é a lei do “ou tu te desenrola ou tu fica na rua”, ao contar que, assim que sua mãe chegou, buscou rapidamente por trabalho, e contou com a

ajuda de amigos que a auxiliaram na busca por emprego, através do qual, pôde pagar o apartamento para se estabelecer e buscar as filhas que ficaram no Brasil.

De acordo com Assis (2011, p.325), “quando um migrante puxa outro, redes de amizade e parentesco são acionadas e contribuem para rearranjos familiares, formando famílias transnacionais, e para a ampliação do tempo de permanência dos imigrantes”.

#### 4.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

Os processos de integração de migrantes ocorrem na sociedade moderna de diferentes formas. De acordo com Branco (2003), há uma parcela de migrantes que optam por não manter a herança cultural do país de residência e, em simultâneo, não se engajam na relação com a cultura e sociedade de instalação, são categorizados como “marginalizados”. Caso o migrante opte por manter boa parte da herança cultural originária, a estratégia é identificada como “separação”. Quando a relação e o contato com a cultura e sociedade do país de instalação são estabelecidas de maneira mais forte, se não mantida a herança cultural originária do migrante, é possível identificar uma estratégia de “assimilação”; ou de integração, caso a manutenção dessa herança possibilite a coexistência de aspectos culturais da sociedade de residência e instalação.

Em entrevista, Vaneza relata possuir um sentimento de pertença a dois países, Brasil e Guiana Francesa. Enquanto busca lembrar e trazer memórias do tempo em que morou no Brasil, considera-se também guianesa, já que maior parte de sua vida está sendo vivida nesse país.

Esse sentimento relatado por Vaneza, remete a ideia de transnacionalismo. De acordo com Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), a partir do rompimento das velhas análises do “ser migrante no mundo”, o qual remete a ideia de ruptura com a sociedade de residência, emerge uma nova categoria de população migrante, cujas redes, atividades e padrões de vida abrangem tanto o país de instalação, quanto o de origem. Suas vidas não se delimitam a fronteiras políticas, mas se desenvolvem em duas sociedades, em um único campo social.

Schiller, Basch e Blanc-Szanton (1992), definem transnacionalismo como, os processos pelos quais os migrantes constroem campos sociais que ligam seu país de residência ao de instalação, esses são designados “transmigrantes”, os quais desenvolvem e mantêm relações múltiplas - familiares, econômicas, sociais, organizacionais, religiosos e políticos, que ultrapassam fronteiras. “Os transmigrantes agem, tomam decisões, sentem preocupações e

desenvolvem identidades em redes sociais que os conectam a duas ou mais sociedades simultaneamente”. (ibd., 1992, p. 2).

Numa outra escala de análise, Elhajji mostra que:

De fato, ainda que não seja regra absoluta, no contexto global, essas composições identitárias tendem a se reformular e se afirmar numa perspectiva propriamente transnacional; no sentido que é o referencial extra estatal (remetente ao território ou à cultura de origem) que serve como catalisador semântico simbólico para a ativação e a efetivação dos discursos de reconhecimento, identificação e diferenciação dessas comunidades. (ELHAJJI, 2012, p. 35).

Assim, em seu perfil pessoal, na rede virtual (Facebook), Vaneza revela em publicação, uma sensação de aflição, motivada por um sentimento que denomina “desapego” das suas raízes culturais de matriz africana, causada pelo desconhecimento e falta de vivência da cultura em sua região de nascença, decorrente de sua migração ainda criança. “Como qualquer jovem ‘desraizada’, forjamos nossa própria cultura, assim, nestes momentos de dúvidas e aflições me apego ao som dos tambores”. Ainda na mesma publicação, posta a letra da música “Vovó Maria Redonda”, de cunho religioso, tocada em terreiros de Umbanda.

Fio, se suncê precisa, é só pensá na Vovó  
Que Ela vem te ajuda, pensa numa estrada longa, zifio  
Lá no seu jacutá e numa casinha branca, zifio  
Que a vovó tá lá sentada num banquinho tosco, zifio  
Com sua rosário na mão, pensa na Vovó Maria Redonda  
Fazendo Oração.

**Composição:** Desconhecida

**Figura 11:** Vovó Maria Redonda



**Fonte:** Facebook de Vaneza, 2021.

É na experiência de migrantes, como de Vaneza, que se pode compreender a construção do conceito de transnacionalismo migratório. Segundo Guizardi et. al. (2018), no contexto de globalização caracterizada pela revolução tecnológica dos meios de transporte e das TICs; que baixaram os custos das viagens e permitiram estabelecer contato em tempo real entre espaços geográficos distantes, possibilitou-se que sujeitos e comunidades constituíssem suas experiências migratórias de acordo com padrões inovadores. Essas experiências são repletas de ligações imprevisíveis: estabelecendo relacionamentos (familiares, econômicos, sociais, organizacionais, religiosos) transnacionais; tomando decisões e providências, constituindo sua ação, afetos e interesses vivos que provocam uma experiência binacional e até mesmo multinacional. Com isso, pode-se dizer que, Vaneza articula, com suas experiências e vivências, nos chamados campos sociais transnacionais.

Continuando seu relato sobre seu processo de integração na Guiana Francesa, Vaneza afirma que antes de migrar, estudou até a terceira série no Brasil, e que “esqueceu” o português após um tempo estabelecida na Guiana Francesa.

Eu esqueci o português, eu tive um momento de rejeito, né? A gente passa por isso de “querer ser”, aquela fase da adolescência, né? Quando tu chega é, tipo assim, eu posso dizer assim que dos 13, 14, aos 18 ou 17 anos, eu tive assim um lapso assim de que eu começava a, eu comecei a esquecer a língua portuguesa, tanto escrita, falada, e nada, compreendeu? Aí quando eu fiz 17 anos, eu me questionei sobre as minhas origens né, disse: “mas pera aí, eu não tenho porquê...”. Aí eu me direcionei também ao estudo da língua né, eu estudava um pouco com o departamento lusófono, foi aí que eu parei de ter vergonha e retomei, na verdade o conhecimento, um pouco, da língua, estudei um pouco a lusofonia, a história, tudo, e etc. Aí depois eu fiz um período é... um período que eu me questionava muito.

*Pesquisadora: Você fala e escreve fluentemente a língua francesa?*

Eu falo fluente a língua francesa. Me acontece de não falar nenhuma das duas línguas quando eu tô cansada. Mas eu falo fluentemente a língua francesa e escrevo também nas duas línguas. Não muito no facebook, porque eu tenho muito brasileiro que me segue, né. Se eu escrever muito francês a galera vai falar “olha a metida” não fala o português, só escreve o francês. Tem esse preconceito aí também. No facebook eu só falo e escrevo quase em português. É porque eu tenho quase só seguidor brasileiro e no twitter eu já tenho mais seguidores franceses, eu escrevo mais em francês. (Videochamada, março de 2021).

Quando perguntada por quais meios adquiriu fluência na língua francesa, Vaneza afirma ter passado por um processo diferente; talvez comparando com as demais crianças que chegam

a Guiana Francesa e não têm acesso à educação. Afirma que foi à escola, foi escolarizada assim que chegou, e uma parte dos seus estudos primários ocorreram na Guiana Francesa. Em seguida, fez o *lycée*<sup>29</sup> na França hexagonal. Depois cursou “Artes, Letras e Língua (Bac + 5 nível)”, em uma universidade na França, e ao concluir, voltou para a Guiana Francesa e ingressou no mestrado na área de Cultura e Sociedades, o qual ainda não concluiu, “não é fácil, mas eu estudei aqui”.

Em sua página pessoal no Facebook, ela relata um pouco de sua trajetória e inquietações em sua jornada como migrante.

A volta é sempre necessária! Cheguei na Guiana quando tinha 12 anos, fiquei até mais o menos os meus 16 anos; fui uma adolescente um pouco rebelde. Vivia me metendo em confusão. O meu mundo era bem delimitado a cidadezinha onde morava. Pouco me importava com outros questionamentos, de qualquer forma não tinha interesse. Uma coisa sempre gostei: filosofia de bar, já era minha paixão. Minha mãe, uma senhora guerreira, foi garçonne num bar durante muitos anos. Como boa filha, mesmo se não prestava muito naquela época, ajudava minha mãe. Mas como tudo na vida, evoluímos e crescemos. Abrimos os olhos para o mundo a fora. Depois ‘dumas’ andanças pela Europa, senti a necessidade de voltar. Queria sentir qual seria minha percepção do mundo e daquele lugar onde cresci. Foi quase uma busca por identidade. Apesar de saber de onde venho, mas com o passar dos tempos "a saudade pela terra natal" mudou. Então voltei, no início não ia ficar, tinha medo de não gostar. Tinha acabado de deixar o mundo universitário e me deparei com outra realidade. Não foi simples, mas decidi ficar mais e ver até onde eu poderia aguentar. Na vez de ficar no mesmo lugar onde eu conhecia todos ou melhor algumas pessoas decidir arriscar novas experiências. Então do nada virei aventureira. Morei dois anos no *Maroni*<sup>30</sup> com os *bushi*<sup>31</sup>, depois atravessei o oeste guianense para morar no *Camopi*<sup>32</sup>, onde estou até hoje. Passei dum lado ao outro na Guiana francesa. Vi muitas histórias nestes 4 anos de aventuras, apesar que faça mais tempos que eu esteja aqui. Aprendi que a Guiana é composta por uma grande diversidade étnica. A cultura crioula não é muito ‘estrangeira’ a minha cultura maranhense. Encontramos algumas similitudes. Mas o importante mesmo é que minha opinião evoluiu sobre a região. No início achei estranho, não gostei de ver o que vi, mas com o passar dos anos, fui recordando como era bom de se viver. Vivo numa sociedade comandada por negros, falo assim, porque a cultura de referência foi por muito tempo o crioulo. Apesar que hoje em dia tem todo um trabalho de reconhecimento dos outros povos do território guianense. Hoje eu conheço uma Guiana que desconhecia totalmente. Vejo um pouco que desconhecia, pois por falta de interesse nem ligava. Reconheço assim que foi importante

<sup>29</sup> Tipo de estabelecimento de ensino na França onde são ministrados os três últimos anos do ensino secundário, aos adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos.

<sup>30</sup> Comuna francesa do departamento ultramarino francês da Guiana Francesa. Situa-se próximo à foz do rio *Maroni*, junto à fronteira com o Suriname, a nordeste do continente sul-americano.

<sup>31</sup> Descendentes de africanos escravizados levados para o Suriname para trabalhar em plantações.

<sup>32</sup> Comuna francesa do departamento ultramarino francês da Guiana Francesa.

voltar e reviver tudo o que estou vivendo. (Facebook de Vaneza, janeiro de 2017).

“Então do nada eu virei aventureira”, afirma Vaneza em seu relato sobre o retorno para a Guiana Francesa e suas viagens pelas localidades dessa região, até então desconhecidas por ela, mas que lhe permitiu conhecer a diversidade étnica, presentes nos lugares que passou.

A aventura extrapola o contexto da vida. Corre por fora de qualquer continuidade da vida. É um corpo estranho na nossa existência. Recebe a coloração de um sonho. Afasta-se do ponto central do eu e do decurso da totalidade da vida (é como se outro vivesse a aventura), mas está ligada ao centro da vida ou da existência. (SIQUEIRA, 2011, p. 446).

Abdelmalek Sayad (2000), afirma que “o retorno” é elemento constitutivo da condição do migrante, o qual confere sentido à ausência e a presença, não significa somente voltar ao espaço físico, mas social, transformado por eventos sociais, o qual não se encontra da mesma maneira onde o se vivia no passado. Esses deslocamentos, segundo o autor, recriam territórios através da inserção no novo campo social encontrado, da relação com novos sujeitos e novas relações sociais. Nesse sentido, o retorno ou “a volta”, relatada por Vaneza, lhe conferiu uma nova percepção de mundo e da sociedade a qual havia deixado, sendo essa experiência de suma importância em sua busca por construção e ressignificação de sua identidade e sentimento de pertencimento.

#### 4.3 QUESTÕES DE GÊNERO

Sobre a violência, preconceito, discriminação e assédio na Guiana Francesa, Vaneza afirma que acontecem frequentemente, “mas eu mando eles se ‘foder’ na mesma hora, comigo é bem diferente, compreendeu? (risos), eles sabem que eu tenho uma boca terrível”. Revela que, já se sentiu intimidada, diversas vezes por autoridades guianenses por defender brasileiros, essas intimidações ocorreram através de reuniões realizadas por determinados órgãos não citados em entrevista, “o fato de eu falar muito e aqui é pequeno, muito deles me conhecem ou já ouviu o meu nome”. (Videochamada, março de 2021).

Então, tipo assim, eu sou um caso isolado por eu estar nas redes sociais, pelo fato deles me conhecerem, mas acontece sim, eu já fui intimidada várias vezes, e sobretudo muitas vezes essas intimidações é por eu bater de frente com político, pessoas de alto patamar (...), eu fiquei rixando com ele nas redes sociais, falando uma verdade pra ele, e ele teve uma reunião comigo, e falou

assim “tu sabe que tu tá falando com um dos maiores políticos?” Eu falei “sim, e aí?”. Então, assim, tem que ser um pouco doida, se não tu não sobrevive nesse mundo de desastre. Então sim, acontece sim, eu já fui ameaçada, já me ameaçaram dentro do meu trabalho. Por que eu mudei de trabalho? por causa disso. (Videochamada, março de 2021).

Houve uma ocasião em que Vaneza foi ajudar uma brasileira, a qual havia sido agredida pelo marido, perdido a guarda dos filhos e não possuía o direito nem de os visitar. Essa mulher procurou Vaneza para pedir ajuda, mas infelizmente, por ainda estar ligada ao seu trabalho no sistema educacional no período, não pode ajudá-la como gostaria.

A gente tem uma lei que diz que a gente tem reservas, a gente não pode falar essas coisas, mas fora do portão eu sou uma cidadã, então eu fui defender essa mulher, depois me chamaram pra uma reunião de intimidação no meu trabalho com a minha responsável, enfim, ela foi embora a mulher depois, viu? (inaudível). Ela me intimidou, ela falou assim que qualquer problema eu não podia ajudar por questões jurídicas, mas enfim, eu não tô nem aí. Eu falo que se eles me intimidarem eu vou chorar em *Live*,<sup>33</sup> eu vou mostrar pra todo mundo, entendeu? Acontece que muitas das vezes as intimidações são por causa de brasileiros. Não é pela minha pessoa, é pela minha militância. (videochamada, março de 2021).

Vaneza afirma já ter presenciado vários casos de violência contra brasileiras, “tudo é banalizado aqui, todo tipo de abuso que você puder imaginar eu já presenciei aqui, ou senão eu já ouvi, de todas as formas de abuso”. Ainda ressalta que, o Consulado Brasileiro poderia ser mais sensível e efetivo em relação aos interesses e defesa de seus “compatriotas”, “esse órgão que normalmente deveria defender os brasileiros, às vezes, ajuda a destruir o compatriota, então é complicado”.

Em diversas publicações em sua página pessoal no Facebook, Vaneza relata as diferentes formas de assédio que vivenciou por parte de homens na Guiana Francesa, principalmente por mensagens através do Facebook e WhatsApp.

Bom, todo mundo tem o meu número de telefone. Então muitos me mandam mensagens no WhatsApp fazendo todo tipo de pergunta. Eu repasso a informação sem problema. Mas como sempre, tem aqueles palhaços que mandam mensagens sem noção. Ontem recebi uma ligação anônima dum homem e ele dizia o seguinte: "estou no Oiapoque, estou te esperando, você faz *business*?"<sup>34</sup> Eu respondo: como assim? Você poderia me explicar? Talvez

<sup>33</sup> Live é uma transmissão ao vivo de áudio e vídeo na Internet, geralmente feita por meio das redes sociais.

<sup>34</sup> Algum tipo de trabalho sexual.

você errou de telefone? Ele: você é aquela menina dos vídeos?<sup>35</sup> Eu respondo: sim. Ele: será que tem que ter um código para saber se você aceita a minha proposta? Eu não sou baiana, mas prometo que tirei do cachorro para jogar na cara desse desocupado. Eu não tenho paciência com esse tipo de pessoa. Eu mando mesmo se foder, estou nem aí! isso é realmente uma falta de respeito. Eu já pensei em trocar de número. (Facebook de Vaneza, setembro de 2018).

Em outra publicação, ela relata o que aponta como misoginia e sexismo. No espaço para os comentários, uma mulher relata ter vivenciado o que denomina “racismo institucional”.

Toda brasileira sentada com um estrangeiro sempre vai ser apontada logo como uma prostituta. Ontem passei por uma situação ... Eu estava sentada na mesa com outros « colegas » íamos almoçar e ao mesmo tempo resolver uns assuntos. Chegou um amigo, sentou e esperou o amigo dele chegar. O senhor chegou cumprimentos todos menos eu 😡. Sei que choca, mas uma mulher pode ter amigos de trabalhos e podem também conversar de igual para igual. Mas neste mundo de misoginia logo pensam que somos menos do que nada. Depois de uma curta conversa a pessoa percebeu o seu erro e tentou corrigi-lo 🙏♀️. Eu fico sim furiosa, tenho raiva desse pensamento pequeno e diminuidor. Eu tenho raiva desse sexismo constante. Quando eles não estão felizes por eu repondo. Eles tentam ironizar como se fosse algo banal e normal o comportamento deles. Eu não acho normal tentaram banalizar meus esforços, tentarem ser paternalista comigo. Eu fico furiosa. Um ‘falus’ não faz de vocês super machos ou eu inferior. Mas vocês devem respeitar que tenho o poder de escolha e decisão. (Facebook de Vaneza, julho de 2019).

**Figura 12:** Comentários em publicação sobre misoginia e sexismo



**Fonte:** Facebook de Vaneza, julho de 2019.

<sup>35</sup> Vaneza faz *lives* na Página do Facebook a qual administra, o objetivo das mesmas é repassar informações importantes, ou discutir assuntos relacionados aos brasileiros na Guiana Francesa, ou brasileiros moradores das regiões fronteiriças com a Guiana Francesa.

Observa-se no último comentário, feito por outra mulher, onde ela afirma que se a entrevistada retrucasse o mau comportamento do homem branco, no caso em questão, ela seria julgada como agressiva. Patricia Hill Collins (2000) oferece uma descrição da percepção dominante estereotipada das mulheres negras como agressivas, afirma que a origem desse estereótipo está na escravidão, a qual, por meio dela, relegaria a todas as mulheres negras à categoria de sexualmente agressivas. Fornecendo assim, uma justificativa para a proliferação de estupros por homens brancos denunciados por elas.

Sojourner Truth, em 1851, na primeira Convenção Pelos Direitos das Mulheres, que ocorreu em Seneca Falls, Nova York, nos Estados Unidos, fez um discurso de intervenção, onde proferiu a seguinte pergunta: “e eu não sou uma mulher?”.

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari 3 treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? Daí eles falam dessa coisa na cabeça; como eles chamam isso... [alguém da audiência sussurra, “intelecto”]. É isso querido. O que é que isso tem a ver com os direitos das mulheres e dos negros? Se o meu copo não tem mais que um quarto, e o seu está cheio, porque você me impediria de completar a minha medida? Daí aquele homenzinho de preto ali disse que a mulher não pode ter os mesmos direitos que o homem porque Cristo não era mulher! De onde o seu Cristo veio? De onde o seu Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com isso. Se a primeira mulher que Deus fez foi forte o bastante para virar o mundo de cabeça para baixo por sua própria conta, todas estas mulheres juntas aqui devem ser capazes de conserta-lo, colocando-o do jeito certo novamente. E agora que elas estão exigindo fazer isso, é melhor que os homens as deixem fazer o que elas querem. Agradecida a vocês por me escutarem, e agora a velha Sojourner não tem mais nada a dizer. (PORTAL GELEDÉS, TRAD. OSMUNDO PINHO, *online*).<sup>36</sup>

Sua indagação levantava a pauta do racismo nos movimentos feministas, e trazia a necessidade de se discutir questões de raça e classe dentro deles. Angela Davis (2016), enfatiza a escravidão como a causa de preconceitos que persistem até vida moderna. Davis afirma que

---

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/> Acesso em: 2 de setembro de 2021.

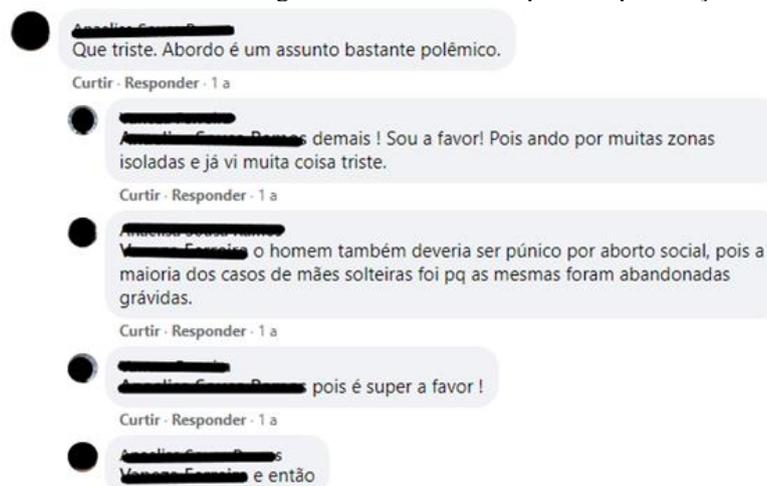
a escravidão criou o estereótipo de culpabilização da mulher negra em situação de violência, pois, era tida como sexualmente “perdida”. Também ressalta que, ao serem forçadas a executar as mesmas tarefas que os homens negros, eram vistas como “não femininas” e “não refinadas”, enquanto as mulheres brancas eram consideradas frágeis e delicadas. (MCCANN et. al. 2019).

É comum na Guiana Francesa, o relato de mulheres brasileiras que sofreram algum tipo de assédio ou abuso por parte de homens guianenses, principalmente sexual. Isso evidencia-se nos relatos de Vaneza e de Marta (minha segunda interlocutora), que se autoidentificam como negra e parda, respectivamente.

Em suas publicações no facebook, Vaneza suscita diversos debates relacionados a questões de gênero ligados a mulher. Em uma dessas, traz o debate sobre o direito ao aborto, isso, devido a um suposto aborto praticado por uma brasileira na Guiana Francesa, na mesma publicação, fala também sobre os demais tipos de violência contra mulheres brasileiras na região.

"Nossa comunidade brasileira está abalada sim". Eu sou a favor do aborto seguindo as regras da justiça. Mas não podemos julgar ninguém. Vamos levantar o debate sobre o sofrimento da mulher, a violência que as mulheres sofrem. Hoje na Guiana Francesa tem mulher traumatizada, mas que não reconhece o seu traumatismo. A violência não é só o espancamento, a mulher também sofre violência verbal. Temos que conversar sobre os nossos problemas e nossas dificuldades. Não devemos levantar a mão. Pois isto pode acontecer com qualquer uma pessoa. Quando vamos nos unir por bem comum e tentamos fazer um grupo de mulheres para compartilhar dicas e incentivar as mulheres a debater sobre assuntos doloridos do nosso universo. O debate tem que ser feito da boa forma. Devemos falar sobre o aborto pois é um direito nosso. Mas devemos também aconselhar nossas irmãs. (Facebook de Vaneza, janeiro de 2020).

**Figura 13:** Comentários de migrantes brasileiras a respeito da publicação sobre aborto.



**Fonte:** Facebook de Vaneza, janeiro de 2020.

**Figura 14:** Comentários de migrantes brasileiras a respeito da publicação sobre aborto.



**Fonte:** Facebook de Vaneza, janeiro de 2020.

Ainda em sua página pessoal no Facebook, Vaneza relata uma situação em que foi abordada enquanto estava indo ao trabalho, o relato foi feito em língua francesa.

Coisas estranhas estão acontecendo comigo agora!

“Eu ia trabalhar um senhor me abordou:

- Você é dominicana?
- Você faz *chiki chiki*?<sup>37</sup>
- O que é isso?
- Você não sabe?
- De jeito nenhum!
- Então, em Chicago todos fazem isso, o homem paga a mulher para fazer sexo. Você não está fazendo isso?
- (Eu tinha duas opções: rir ou ser assaltada)
- Não, eu estou trabalhando.
- Você trabalha?
- Eu trabalho.
- Mas você realmente trabalha?
- Sim!
- Você é estranho! 😞 Por que você não faz?
- (Na minha cabeça: bastardo!) Não, mas você tem um problema! 😞

Solicitação às 6h 🙏🙏

Isso acontece com vocês ou não? (Facebook de Vaneza, fevereiro de 2021, tradução minha).<sup>38</sup>

Primeiro o homem a perguntou se ela era dominicana, e se ela fazia algum tipo de trabalho sexual, pois, naquele momento ela se encontrava no bairro *Chicago*; conhecido por

<sup>37</sup> Expressão para trabalho de cunho sexual.

<sup>38</sup> Todas as traduções em língua estrangeira, nesse trabalho, são realizadas por mim.

possuir vários pontos de prostituição, e ainda a questionou se ela realmente trabalhava, com um tom de espanto. Na sessão de comentários da sua publicação, uma mulher guianesa, relata ter lhe ocorrido fato semelhante.

**Figura 15:** Comentário em publicação de Vaneza.<sup>39</sup>

Je comprends ce que tu ressens ma chérie... j'ai vécu en 2012, je sors de chez moi tranquille pour rendre visite à une amie un dimanche après-midi jusque là tout va bien...  
Un mec ( poli)m'arrête, pensant que c'était un touriste qui voulait une information je lui réponds...  
Je lui ai répondu assez énervée que je ne mangeais pas de ce pain là !!!  
J'étais tellement choquée par la demande et par le naturel du mec ... comme si c'était normal, logique...  
Par la suite certains m'ont dit : tu habites une des rues des putes et vu ton type c'est logique...

Fonte: Facebook de Vaneza, fevereiro de 2021.

Vaneza relata ainda, que sofre retaliações por parte de homens, por expor publicamente, através de suas redes virtuais, relatos de acontecimentos pessoais, suas opiniões políticas e de causas sociais. “Esses caras têm dificuldades em ver uma mulher tomar decisão! Eu não me calo! Não se lascar! Quando o nome de vocês caírem na minha mão, vou fazer um B.O por danos morais”. (Facebook de Vaneza, março de 2021).

Esses relatos demonstram a vulnerabilidade a situações de violência, constrangimentos e assédios, que mulheres, especialmente as migrantes, são submetidas cotidianamente em território guianense. Por mais que as mulheres brasileiras estejam assumindo trabalhos laborais em setores não mais somente ligados a limpeza, cozinha ou afins, elas, ainda hoje, são estereotipadas por sua condição de migrante, por sua nacionalidade, cor, entre outros.

Heleieth Saffioti (2011, p. 15) argumenta que, “como diriam os franceses: *plus ça change, plus c'est la même chose*, isto é, quanto mais muda, mais é a mesma coisa”, referindo-se ao fato de que, embora a globalização gere novos processos sociais e produtos, a lógica da

<sup>39</sup> Eu entendo o que você está sentindo, querida... Eu vivi em 2012, saindo de casa tranquila para visitar uma amiga em uma tarde de domingo, até então, tudo bem... Um cara (educado) me para, pensando que era um turista que queria uma informação, eu respondo... Eu respondi bastante irritada para ele que eu não comia desse pão!!! Fiquei tão chocada com o pedido e naturalidade do cara... como se isso fosse normal, lógico... Depois, alguns me disseram: você mora em uma das ruas das prostitutas e pelo teu tipo faz sentido... (FACEBOOK DE VANEZA, fevereiro de 2021).

dominação-exploração permanece entre os países e classes sociais, e nos limites de cada nação, continua a mesma.

Segundo Bourdieu (2002), o que se espera do comportamento feminino e masculino só pode ser compreendido conforme a análise de cada universo social específico. A vulnerabilidade da migrante percebida na sociedade de instalação, se mostra socialmente determinada segundo a categoria de gênero, produto de forças políticas, econômicas e culturais que influenciam vários eixos das suas identidades e conseqüentemente das suas vidas em sociedade.

Nos estudos sobre tráfico de mulheres para a Guiana Francesa, Silva (2021) relata que, a objetificação do corpo feminino é um dos fatores que fazem com que a mulher brasileira se encontre muitas vezes em situação de assédio e demais categorias de violência no contexto franco-brasileiro. Sendo essas, em sua maioria, brasileiras, adultas de 18 e 35 anos, negras e pardas, com baixa escolaridade e condição socioeconômica precária. Cabe ressaltar, que esses fatos não se atêm somente às migrantes brasileiras, mas também de outras nacionalidades, como dominicanas e haitianas, como relatado pelas interlocutoras da presente pesquisa.

Diversas sociedades, incluindo a ocidental, ainda hoje vivem baseadas em regimes patriarcais onde existe sentimento de posse e dominação por parte do homem e faz com que a mulher possa ser considerada “objeto de mercadoria” para o mesmo. A coisificação da mulher, ou seja, o ato de trata-la como um objeto, uma mercadoria, remete aos tempos de escravidão no mundo, quando a venda de seres humanos era considerada um ato legal e normal. Passados mais de um século do fim da escravidão, ainda hoje acontece, de forma velada, a venda de seres humanos através do tráfico de pessoas. (SILVA, 2021, p. 131).

Friso, no entanto, que não cabe nessa pesquisa o intuito de vitimizar a brasileira migrante na Guiana Francesa. Nesse sentido, Butler (2015) afirma ser preciso atentar-se às políticas institucionais e supranacionais de violência contra a mulher, as quais focam na violência sexual e raramente atentam-se às questões econômicas, “eles obrigam as mulheres a se identificar como vítimas, a valer-se do direito, negligenciando a afirmação que pode ser encontrada na afirmação cultural e política na luta contra a violência”. (ibid., 2015, p. 8).

Contudo, em sua análise sobre os feminismos pós-coloniais, Adriana Piscitelli (2013) argumenta que nesses, evidenciaram-se as críticas ao feminismo “ocidental”, onde se rejeitaram formulações produzidas no marco de interesses articulados em países do Norte. Um dos principais questionamentos centrava-se na produção da categoria de “mulher do terceiro mundo”, delineada na imagem de uma mulher padronizada, com escassa educação, limitada

pelas tradições, voltada para a domesticidade e vitimizada. “A influência dessas teorias também é perceptível na análise dos efeitos dos processos de transnacionalização, envolvendo deslocamentos através das fronteiras, nas identificações marcadas por gênero, raça, classe, sexualidade e nacionalidade”. (PISCITELLI, 2013, p. 380).

Os mercados do sexo contemporâneos constituem um importante tema de análise para a crítica pós-colonial. Essa crítica aborda aspectos como: o caráter transnacional desses mercados, produto de uma divisão internacional do trabalho, na qual pessoas, sobretudo mulheres, das regiões pobres do mundo conformam uma força de trabalho extremamente desprotegida; as noções de exotismo ancoradas no passado colonial que permeiam os movimentos de atravessar as fronteiras para consumir ou vender sexo; a subalternização dessas mulheres e suas possibilidades de agência/agency, e o caráter dos discursos feministas que analisam esses mercados. (ibid., 2013, p. 393).

As noções de exotismo ancoradas no passado colonial, se refletem na inquietação da mulher guianesa que se sentiu assediada (figura 13), na afirmação referente ao assédio relatado por ela “pelo teu tipo faz sentido”; referindo-se ao estereótipo físico da mulher comumente assediada, e na asseveração à mesma como algo normal ou naturalizado na sociedade residida por ela. O passado onde os movimentos coloniais atravessavam fronteiras para consumir ou vender sexo, debatido por Piscitelli (2013), ainda reverbera nos fluxos migratórios de mulheres no contexto sul-americano, fato esse relatado pelas interlocutoras da presente pesquisa.

#### 4.4 REDES DE CONTATOS

No que diz respeito ao seu ciclo social; familiares, amigos ou pessoas que se apoiam e se ajudam no dia a dia, Vaneza destaca prontamente o espaço virtual, pois, é através das redes virtuais que ela desenvolve a maioria de suas ações e interações pessoais.

A gente tá formando, faz 1 ano que a gente tem... que a gente tem vários grupos, né... a gente ajuda todo mundo, seja brasileiro dentro da Guiana... eu vou até o Suriname... tem até gente do Suriname que liga para mim pedindo socorro e a gente tenta se auto ajudar. Porque a gente não tem instituição, não tem política pública. E não tem organizações que ajudam realmente o brasileiro, compreendeu? (Videochamada, março de 2021).

Vaneza afirma estar criando o projeto de uma Organização Não-Governamental, com a finalidade de desenvolver o trabalho de ajuda a brasileiros em situação de vulnerabilidade

social, tendo em vista que, muitas vezes, as pessoas precisam somente de uma informação, de conhecer seus direitos. “Elas têm direitos, mas elas não sabem como ter acesso”.

Muitas das vezes tem organização que ajuda as pessoas, e eles não sabem, compreendeu? Só que a galera quer que a gente pegue pela mão e leve, eu digo “não vou te levar, eu te dou só a indicação, o resto tu faz. A gente atua como civil, eu falo que esse trabalho é um trabalho cívico. Eu não tenho organização, mas a gente se auto ajuda nós todos. Se ajuda quem quer, quem pode, se faz como pode. Aí a galera reclama também de mim: “ai, V....., cê não postou nada, tu não pediu ajuda pra menina que foi mordida”. Eu falei: “gente, eu não sou organização, eu não posso fazer isso. Mas como eu faço parte de várias outras organizações humanitárias, acontece de poder ajudar as outras pessoas. (Videochamada, março de 2021).

Vaneza administra vários grupos de WhatsApp compostos por brasileiros, denomina-se a “chata da galera”, pois, impõe restrições nas conversas desenvolvidas dentro deles, “não pode falar de pornografia, não pode fazer venda, não pode postar coisa ilegal, não pode fazer apologia ao garimpo, só pode falar de política e outras coisas”. Denomina-se exigente, e afirma que isso incomoda algumas pessoas nos grupos.

Então já tem outros grupos que já são derivados dessa iniciativa minha. Eu acho que é perfeito, porque a gente não pode ficar uma pessoa montando um monopólio de todo o caos que existe aqui dentro. Porque os brasileiros... eles tão de leste a oeste da Guiana francesa. É muita gente que não tem os direitos básicos conferidos. Eu faço ação cívica, eu faço todas as minhas ações na comunidade como ação cívica. Eu faço diferenciado das minhas ações associativas que não tem nada a ver, compreendeu? (Videochamada, março de 2021).

A manutenção de contatos e mobilização desses brasileiros os quais Vaneza tem ligação, se dá, principalmente, por meio desses grupos de WhatsApp.

A gente tem três grupos de WhatsApp. Os “brasileiros na Guiana francesa”, e dois grupos específicos de Saint Laurent, que é a fronteira com o Suriname. A cidade de Saint Laurent faz fronteira com o Suriname. Lá é outra realidade. Em seguida a gente tem a página<sup>40</sup> aonde eu coloco informação, tem um grupo aberto<sup>41</sup> aonde eles podem postar o que eles querem. Eu não modero o grupo. Eu tento deixar livre para todo mundo postar o que quer lá dentro. (Videochamada, março de 2021).

<sup>40</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/Brasileiros973>. Acesso em 13 de março de 2021.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/1252518198135314>. Acesso em 13 de março de 2021.

Vaneza fala também de um grupo fechado no Facebook,<sup>42</sup> só para mulheres brasileiras residentes na Guiana Francesa. Trata-se de um grupo privado, haja vista que, de acordo com ela, há um grande número de brasileiras em relações conflituosas, principalmente com ex-companheiros, em fim de relacionamento, em situação abusiva, e demais tipos de violência.

Em questão, eu estou com um B.O. de uma senhora que tá me ligando porque ela foi agredida. O cara, o ex-marido dela entrou dentro da casa. A mulher do cara agrediu ela com uma faca. Eles dois são vereadores, pessoas públicas, ameaçando publicamente uma outra. Expulsaram ela da casa e a polícia tava dando pressão nela porque eu falei para ela que ela não tem advogado, compreendeu? Aí eles ligam: “Vaneza, Vaneza, me ajuda. Eu digo: “mano, eu não posso falar contigo porque é um problema pessoal, tu tem que ir atrás de um advogado”, porque eles não sabem que tem que ir atrás de um advogado, tu imagina? Então tem vários “B.O”, muitos, muitos problemas. Mais ou menos seria isso, mas é uma maneira... foi essa maneira que eu achei de criar uma relação dentro dessa comunidade brasileira existente que até então é desprovida de direitos. Então tem que ter um consulado, porque esse aí então é só fachada. (Videochamada, março de 2021).

As redes de contatos de Vaneza é formada por maioria de mulheres brasileiras, todos os que estão nos grupos das redes virtuais, os quais ela administra, são brasileiros, e em sua grande maioria, mulheres. Ela enfatiza que também pede ajuda para algumas ONGs.

Eu trabalho dentro de uma ONG, numa rede que não tem nada a ver com essa parte de questão humanitária. Meu trabalho seria mais de denunciar certas situações ligadas a indígenas. Mas eu faço isso, assim, em off porque, tipo assim, é voluntário. Eu passo a maior parte do tempo assim. São os brasileiros, sempre nós tentamos nos ajudar, porque existe também um preconceito com o brasileiro. (Videochamada, março de 2021).

Essas redes de contato nas redes virtuais, são compostas por maioria feminina, “tem homens... eu conto uns 3, o resto é tudo mulher”. Vaneza relata que dedica um tempo considerável a essas redes de ajuda e apoio, e desenvolve ainda um desgaste emocional, pois, há pessoas que a ligam de madrugada exigindo ações que não a competem ou estão fora de suas possibilidades, “as pessoas, as vezes, te exigem... não devem exigir, mas as vezes, te exigem uma resposta concreta, entendeu? é complicado”.

Segundo Vaneza, as mulheres são as que mais se predispõem a ajudar. “Eu incentivo muitas pessoas a saírem do isolamento, tem muitas pessoas que tem muita capacidade de ir lá

---

<sup>42</sup> Grupo “União de Mulheres Migrantes”.

e fazer as coisas, e às vezes não têm coragem. Tem muitas pessoas humanitárias aqui dentro. Só precisam de um empurrãozinho”.

No Facebook, possui também sua página pessoal, e uma página pública denominada “Brasileiros na Guiana Francesa”; não-lucrativa e não institucional de informação sobre a Guiana Francesa para brasileiros, a qual possui atualmente mais de 16 mil seguidores. Sua vida “real” e “virtual” é interligada. Muitas de suas ações sociais se desenvolvem online, através das redes virtuais, e muitas das suas experiências offline, no meio “real”, são relatadas e levadas a diálogo no âmbito online.

#### 4.5 FAMÍLIA E RELAÇÕES TRANSNACIONAIS

Apesar de residir há mais de 20 anos em território francês, Vaneza mantém contato regular com os seus familiares que moram do lado brasileiro,<sup>43</sup> tanto nas vezes em que vem visitá-los no Brasil, e também através das redes virtuais. Além de visitas, Vaneza também os ajuda financeiramente, fato esse que será falado mais à frente. Sua base familiar na Guiana Francesa é formada por sua mãe, padrasto, cunhados e sobrinhos. Entretanto, mora sozinha, e às vezes recebe amigos e familiares em sua residência. “Sou totalmente independente. Sou a cabeça, até dentro de casa, pessoal entra na minha casa e vê todos os homens na cozinha, trabalhando. Aqui é diferente. Eu sempre tive o esforço de querer ser livre”. (Videochamada, março de 2021).

O pressuposto de que as pessoas viverão suas vidas em único país, com um conjunto de normas nacionais e socioculturais, com fronteiras impermeáveis, não é válido se considerarmos que as fronteiras entre países são diariamente atravessadas num fluxo grande e contínuo de pessoas, exemplo disso é a fronteira entre o Brasil e Guiana Francesa; *locus* da presente pesquisa.

Em pesquisas recentes, a estratégia do “vai e vem” (*aller/retour*) é utilizada cada vez mais com frequência por imigrantes brasileiros na fronteira norte do Brasil. O que antes era visto como insucesso migratório, uma indecisão entre ficar na Guiana Francesa ou retornar para o Brasil, hoje é uma prática vista com naturalidade, pois existe nesta estratégia um cálculo racional, levando em conta custo/benefício. A partir de um cálculo racional alguns imigrantes brasileiros assumiram de vez que pertencem as duas sociedades e que estar no Brasil ou na Guiana faz parte do mesmo processo migratório. Desta forma, é cada vez mais comum depoimentos de brasileiros que não se importam mais

---

<sup>43</sup> No Estado do Maranhão, e no Município de Oiapoque (AP).

de passar férias no Brasil ou mesmo passear na casa de familiares em períodos de curta duração. Esse fenômeno no Oiapoque é extremamente perceptível. Inclusive, observações feitas em campo atestam que alguns brasileiros que residem em Caiena, vão no fim de semana ao Oiapoque fazer compras, tomar cervejas e atrás de lazer. O que antes era exclusivo de turistas franceses/guianenses, nos últimos anos tem sido uma prática de imigrantes brasileiros com seus familiares. (MARTINS; SUPERTI; PINTO, 2015, p. 391).

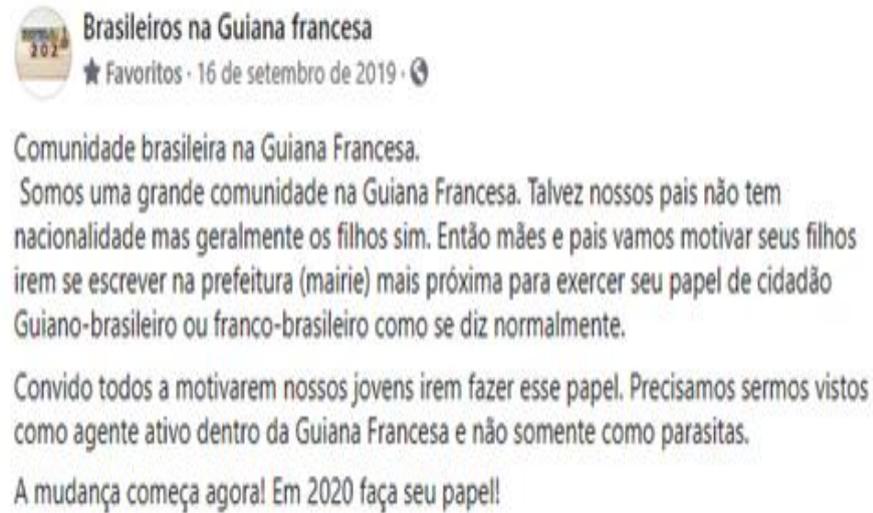
Vaneza, antes da pandemia do Covid-19, atravessava quase que diariamente as cidades fronteiriças de Saint-Georges e Oiapoque. Colaborando com a ideia de que, cada vez mais, pessoas pertencerão a duas ou mais sociedades, nessa constante mobilidade de ir e vir.

Em um apelo realizado em sua página pessoal no Facebook, minha interlocutora pede intervenção pública para ser cedida uma ambulância à comunidade brasileira de Vila Vitória; a qual faz fronteira com a Guiana Francesa. Em parte de sua publicação, Vaneza afirma: “enquanto não tiver ajuda concreta para Vila Vitória, podem me esquecer! Eu não quero ver meu povo morrer!” (Facebook de Vaneza, maio de 2020). Ao dizer “meu povo”, ela deixa claro seu sentimento de pertença também ao Brasil, apesar de ter migrado ainda criança e estar a maior parte da sua vida na Guiana Francesa.

Vaneza trabalha na Guiana Francesa, e com apoio de demais mulheres, desenvolve ações solidárias nas comunidades fronteiriças da região, tanto do lado francês (Saint-Georges), quanto brasileiro (Vila Vitória e Oiapoque). Seus interesses e opiniões políticas são expressadas em vários contextos. Suas redes virtuais, tanto pessoal, quanto a página pública que administra, é constantemente usada para cobrar melhorias sociais tanto para população brasileira que mora na Guiana Francesa, quanto para os que vivem no Brasil, mais precisamente, no município fronteiriço Oiapoque e distrito. Assim, apesar de habitar na Guiana Francesa, permanece ativa nos assuntos políticos e econômicos da sua terra natal.

Em setembro de 2019, na sua página pessoal no Facebook, posta o seguinte apelo: “Cidadania uma arma e convido os guiano ou franco-brasileiro a utilizarem. Os pais não podem, mas os filhos sim! Então vamos ser agente ativos e não parasitas. Vamos lá! Eu convido a comunidade guiano-brasileira se apoderar do seu direito de cidadão”.

**Figura 16:** Publicação de apelo aos brasileiros residentes na Guiana Francesa



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2019.

Vaneza mantém um tipo de ativismo político transnacional, já que, habitante da Guiana Francesa, se utiliza de suas redes virtuais para cobrar melhorias em diversas áreas da sociedade, tanto para os brasileiros residentes na Guiana Francesa, quanto para os que vivem em comunidades brasileiras fronteiriças, como mencionado acima.

Poder-se-ia falar, assim, de um **ativista diaspórico** com uma militância política marcada pela dispersão, que se produz, inclusive, de forma simultânea, em ao menos dois lugares, e que ainda que mantenha, em alguns casos como o africano, uma memória privilegiada sobre o lugar de origem e um território compartilhado, não está necessariamente pautada pela territorialidade do Estado-nação ou de uma região particular do mundo, mas por um projeto político e social específico, imbuído em várias territorialidades e em múltiplas espacialidades. No imaginário destes ativistas diaspóricos, estes projetos normalmente estão enquadrados na práxis de movimentos sociais transformadores, atos quotidianos de resistências ou práticas contestatórias que contribuem a gerar um imaginário alternativo sobre seu referente de conexão ou origem. (BRINGEL, 2020, p. 18, grifo meu).

Vaneza faz cobranças, não somente aos políticos guianenses, no que tange ao tratamento dado aos brasileiros, mas também se direciona diretamente aos políticos brasileiros, cobrando melhorias socioeconômicas nas comunidades brasileiras que fazem fronteira com a Guiana Francesa. Em publicação descrita abaixo, endereçada aos Senadores do Amapá, Davi Alcolumbre, Randolfé Rodrigues e Lucas Barreto, e ao Prefeito de Caiena François Ringuet, pede um meio mais acessível de contato dos brasileiros com o Consulado-Geral Do Brasil Cayenne.

Davi Alcolumbre, Randolfe Rodrigues, Lucas Barreto, Senador François Ringuet, Consulado-Geral Do Brasil Caiena. Os cidadãos estão precisando ter mais facilidade para conversar com o consulado-geral do Brasil em Caiena. Então venho (.....) publicamente pedir se for possível colocar um número WhatsApp para facilitar a comunicação com nossos compatriotas. Nem todo mundo tem condição de fazer quilômetros para obter uma informação no consulado. Agradecemos desde já por uma resposta publicamente para a comunidade brasileira na Guiana francesa! (Facebook de Vaneza, abril de 2019).

**Figura 17:** Comentários de brasileiros sobre o atendimento no consulado brasileiro na Guiana Francesa.



**Fonte:** Facebook de Vaneza, abril de 2019.

Em outra publicação no Facebook, Vaneza faz um apelo ao então Governador do Amapá, em nome das mães de crianças da comunidade de Vila Vitória (AP).

Waldez Góes  
 Excelentíssimo governador,  
 Hoje venho com um pedido bem especial, as mães da comunidade Vila Vitória estão preocupadas pois as crianças estão sem ir para escola. O ônibus da escola Nabuco não está vindo buscar. Nossa comunidade precisa muito desse ônibus, as mães não tem condições de pagar táxi para as crianças irem para escola. Devo lembrar vossa senhoria que a comunidade fica à 6km do Oiapoque. Nossas crianças não podem fazer toda essa estrada. Quando o senhor cansar de pagar ônibus, por obséquio faça um projeto de escola e colégio aqui para nossa comunidade sair dessa dependência. Quero lembrar que nossa comunidade faz fronteira direta com a Guiana Francesa e precisamos mudar a cara dela. Somos um ponto muito estratégicos para o comércio e outros trocas. Precisamos de um olhar carinhoso para mudar nossa realidade. Atualmente o nosso principal pedido seria normalizar a situação das crianças e estas poderem pegar o caminho da escola. Agradecemos desde já vossa senhoria por responder o pedido destas mães! #BrasileirosnaGuianaFrancesa #VilaVitoria. (FACEBOOK, outubro de 2019).

Esse ativismo transnacional vivenciado por Vaneza, em conjunto com demais mulheres brasileiras na Guiana Francesa, revela suas sociabilidades em prol de objetivos comuns. Elas estão ligadas pelo sentimento de pertencimento a mesma sociedade de origem, mesmo que estejam integradas no país de residência. Essa atuação não é exclusiva das brasileiras, em uma perspectiva comparada, há associação de haitianos na Guiana Francesa que priorizam ações efetivas em favor da localidade da qual vieram, mesmo sendo a longa distância.

No caso dos haitianos na Guiana, além de associações, também criaram rádios comunitárias para fins de comunicação, de educação', para *fe politik* (fazer política), além de transmitir elementos culturais haitianos através delas. Uma das primeiras é denominada Rádio Mosaíques. [...] Nessa lógica, eles vivem longe de seu Estado nação geograficamente, mas dele continuam sendo parte social, cultural, política e, sobretudo, economicamente. (JOSEPH, 2016, p. 48-49).

Ainda de acordo com Joseph (2016), o associativismo entre os migrantes haitianos na Guiana Francesa desempenha um papel importante na reafirmação dos laços sociais entre eles. Para além da dimensão política, a vida associativa desses migrantes se destaca no que tange às dimensões educativas, identitárias, culturais e da saúde.

#### 4.6 TRABALHO

Como citado anteriormente, Vaneza trabalha como *Chargé de Mission*, “sou totalmente independente, eu moro sozinha, tenho o meu apartamento, trabalho”. Como mulher migrante, não sentiu dificuldade para conseguir seu atual trabalho renumerado, pois, já trabalhava na área da educação nacional, onde sempre trabalhou, apenas mudou de área recentemente, porque já tinha afinidade com a questão humanitária; através de suas ações solidárias. “Quando as mulheres são de origem brasileira, as vezes acontece de ter preconceito, mas no meu trabalho eu não tive, mas tem que ser um pouco doída, senão a galera (guianense) pisa mesmo. Eu não tive esse problema porque eu era funcionária pública”. (Videochamada, março de 2021).

Sobre sua percepção a respeito da inserção de mulheres brasileiras no mercado de trabalho guianense, Vaneza afirma que o que “pesa” na Guiana Francesa, é que muitas migraram muito cedo, em uma época que a maioria não tinha acesso à educação. São as mulheres a quem a minha interlocutora chama de “primeira geração”, de 40 a 45 anos, afirma que muitas delas hoje passam pelo processo de “reeducação”, elas têm buscado adquirir formação e aprender a língua francesa, para tentar se inserir no mercado de trabalho. “O

processo pra ser independente passa pela educação, muitas têm que passar por todo esse percurso pra ter autonomia. A base da autonomia é a educação”. (Videochamada, março de 2021).

Segundo Vaneza, antigamente, via-se brasileira somente em restaurante, na cozinha, lavando e trabalhando como empregada doméstica, entretanto, hoje, tem-se professoras, médicas, padeiras, enfermeiras, entre outras profissões. De acordo com ela, a segunda e terceira geração já ascendeu a outros setores, “a gente já saiu daquela primeira imigração que era só mais trabalhos braçais. Hoje temos franco-brasileiras em outras áreas”.

Em sua análise sobre a questão migratória na França, Sayad (1998), argumenta que durante muito tempo, só existiam políticas tranquilizadoras em relação aos migrantes residentes nesse país, afirmando a necessidade do Estado em relação a eles, com base em questões econômicas a até demográficas.

O resultado disso tudo, foi que todos acabaram por acreditar que os imigrantes tinham o seu lugar durável, um lugar à margem, e inferior na hierarquia social, é verdade, mas duradouro; que ao reconhecer a utilidade econômica e social dos imigrantes, ou seja, as vantagens que eles forneciam para a economia que os utilizava, se queria agradecer-lhes (pelo menos verbalmente), ou ainda defender seus direitos (os que já foram adquiridos ou os que precisavam ser conquistados, como, por exemplo, o direito de “continuar imigrantes”); quer ao taxa-los de parasitas e ao estimar que não se deve nada a eles, se deplora o “custo social” elevado que sua presença impõe à sociedade. (SAYAD, 1998, p. 47).

Essa ascensão relatada por Vaneza, pode ser decorrente de ações políticas “tranquilizadoras” por parte do governo local, como discutido por Sayad (1998). A própria criação da base espacial em Kourou, na Guiana Francesa, já mencionada, é um exemplo disso. Naquele momento, a chegada de migrantes era tida como necessária para os almejos econômicos e infraestruturais na época, mas o que se viu posteriormente a concretização das aspirações guianenses, foram políticas excludentes e de aumento de barreiras à chegada de novos migrantes na região.

Vaneza em seus relatos, dá ênfase à questão educacional para ascender econômica e socialmente na Guiana Francesa, pois, segundo ela, os migrantes escolarizados são tratados de forma diferente na sociedade, com mais cordialidade.

Quase todos passam pela parte educacional pra conseguir um diploma básico, pra poder exercer um trabalho. E a nossa geração... eu digo que sou a segunda geração, porque a primeira é a minha mãe, né? que é uma imigração que é

baseada sobre aquela parte ilegal, aquela outra parte mais dura e tal... A minha imigração já é totalmente diferente, porque eu já chego num território onde eu já tenho uma casa, a minha mãe tem uma estabilidade, eu vou pra escola, eu tenho esse acesso educacional, então é diferente. Eu acho que na verdade é o processo correto, uma vez que você tem uma formação, você tem consciência, você é tratada diferente. (Videochamada, março de 2021).

Através do seu trabalho renumerado, Vaneza envia dinheiro para o Brasil, onde reside a maior parte de seus familiares, “é obrigado, porque eu que gero a minha família (risos), é eu que mando dinheiro pra minha vó, pro meu tio... sempre, na verdade”. Utiliza-se da transferência virtual,<sup>44</sup> pois, acha mais prático e as taxas são menores. Quando morava mais perto deles (geograficamente) afirma, “eu dava em dinheiro físico (...) por essas casas de câmbio, que ainda existe”. Geralmente o valor remetido é utilizado para questões básicas, “ou é pra alguma coisa que quebrou, ou pra comprar um remédio, pra fazer compra, nessa finalidade doméstica mesmo”. (Videochamada, março de 2021).

Paralelamente ao seu trabalho formal, Vaneza desenvolve o trabalho de ativismo social.

Como blogueira e ativista social na Guiana francesa eu tento ajudar como eu posso. Eu compartilho informação, mas não faço só isso, tem famílias que me pedem para procurar seus parentes desaparecidos. Quando é conhecido é só jogar na **rede**<sup>45</sup> que encontramos rápido. Porém são várias famílias que fazem o mesmo pedido ao mesmo tempo. Eu não dou conta. Então faço devagar. Esse trabalho é totalmente voluntário, não ganho nada, se não for dor de cabeça às vezes. Mas eu não faço só isso, também dou apoio moral às vezes e participo se for preciso para ajudar as famílias. Antes eu tinha mais tempo, mas agora eu estou com um projeto social que não me dar muito tempo para ficar 24/24 fazendo esse tipo de ação. Peço um pouco de compreensão das pessoas. Agora o povo que não precisa de mim, que não sabe dessas minhas ações, não compreendem porque ando cansada. Este período é marcado por muita violência nos garimpos. Então regularmente recebo notícias tristes de conterrâneos e compatriotas que foram violentamente assassinados no trabalho. Sim, eu digo trabalho, porque esses pais de famílias arriscam suas vidas para ir buscar o melhor para sua família. Então confesso que ando sobrecarregada de várias coisas. Vocês vão me dizer? Isso não é obrigação sua, mas como dizer não para uma família em desespero ou colegas? Eu não consigo. Mas confesso que essas notícias me abalam bastante. Isto não é tudo, você trabalha o dia todo. Faz estas ações que acabei de falar, ajuda e dar apoio moral para as pessoas quando precisa. Como você pode andar na rua sorridente? Como se a vida é linda? É QUASE IMPOSSIVEL. Vem uma pessoa que vive de aparência seca, falando que você tem que fazer aquilo ou aquilo! Você olha bem e para: "aquela vontade louca de gritar, vai se foder querida!" Pensa bem que eu tenho tempo para ficar escolhendo isso ou aquilo? Você faz o que mesmo? Mas o cansaço é maior e vem somente a vontade de

<sup>44</sup> A transferência online bancária se refere a uma solução de método de pagamento própria criada pelos principais bancos brasileiros para facilitar as transações de e-commerce.

<sup>45</sup> Refere-se às Redes Virtuais como, Facebook e WhatsApp.

chorar. Pronto, estou cansada. Faz parte, eu sou humana. (Facebook de Vaneza, dezembro de 2018, grifo meu).

**Figura 18:** Comentários no Facebook sobre a publicação relacionada ao seu ativismo social.



**Fonte:** Facebook de Vaneza, 2018.

De acordo com Stopani e Pampuro (2018), os migrantes utilizam-se das tecnologias diariamente para criarem espaços e redes de apoio para tornassem sujeitos autônomos de suas mobilidades. Também agem através delas, em busca de um conjunto de direitos que, ao mesmo tempo, desvinculados da procura por cidadania formal, visam residência, trabalho e outras redes de informação e apoio muitas vezes negadas na sociedade de instalação. As redes virtuais surgem, em simultâneo, como produto e como suporte às ações cotidianas com as quais as pessoas migrantes subordinadas reproduzem as condições de subsistência/permanência/continuação material e intangível de sua própria mobilidade social e geográfica.

#### 4.7 CONTEXTO PANDÊMICO

Em maio de 2020, Vaneza divulgou por meio da página “Brasileiros na Guiana Francesa”, a qual administra, a criação de um grupo no WhatsApp com o intuito de informar para os residentes e franco-brasileiros quanto a entrada na Guiana Francesa “de forma legal, pela ponte e respeitando o protocolo”, o objetivo foi “explicar o protocolo correto para as

peças que têm dúvidas”. Pois, devido ao decreto de fechamento terrestre e fluvial da fronteira franco-brasileira, muitos brasileiros em solo brasileiro e francês, ficaram preocupados, sem saber se poderiam retornar à Guiana Francesa, estando no Brasil, ou voltar ao Brasil, estando na Guiana Francesa.

**Figura 19:** Grupo no WhatsApp de informações aos residentes e franco-brasileiros quanto a entrada na Guiana Francesa.



**Fonte:** Página Brasileiros na Guiana Francesa no Facebook, 2020.

De acordo com Domeniconi e Silva (2020, p. 110), a pandemia do Covid-19 trouxe profundas mudanças entre os seres humanos e a natureza. Ela “surge em um momento na qual a circulação rápida, capilarizada e em uma dimensão planetária evidenciou fraturas em um mundo já muito permeado por contradições socioeconômicas”.

Essas contradições socioeconômicas tornaram-se evidentes com o avançar da pandemia no lado francês e brasileiro. O município de Oiapoque, que faz fronteira com a Guiana Francesa, passou por situação de calamidade pública, em decorrência da deficiente estrutura do seu sistema de saúde, chegando a receber ajuda internacional, por meio da Agência Regional de Saúde da Guiana Francesa (ARS).

Após pedido de ajuda internacional, feito pela Prefeitura Municipal de Oiapoque, através da Diretoria de Assuntos Internacionais, recebemos resposta positiva da Agência Regional de Saúde da Guiana Francesa-ARS que nos enviou suprimentos de Oxigênio, EPIS (máscaras, luvas, toucas, sapatilhas, etc...). Os suprimentos foram entregues ao Hospital Estadual de Oiapoque e a Secretaria Municipal de Saúde. Nossos agradecimentos a Prefeitura Regional da Guiana Francesa, ARS, Coletividade Territorial da

Guiana Francesa CTG, e as entidades de classes francesas, que tem contribuído neste momento de Pandemia do COVID-19, que estamos vivendo no município de Oiapoque e em todo o mundo, toda ajuda é bem-vinda. Esses materiais com certeza contribuem e já ajudam principalmente os profissionais que estão na linha de frente em nosso município lutando para salvar vidas. (FACEBOOK, PÁGINA BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA, 2020, online).

De acordo com Vaneza, no que tange à saúde na pandemia, o tratamento dado às pessoas migrantes e aos guianenses no Coletivo Ultramarino da França foi igualitário, foram desbloqueadas ajudas alimentares para todo mundo dentro da Guiana Francesa, incluindo brasileiras em situação indocumentada. Afirma ter acompanhado casos de pessoas brasileiras indocumentadas em Saint Laurent, que tiveram acesso à ajuda alimentar fornecida pelo Governo guianense, “não teve ‘diferenciamento’ entre os locais e as pessoas brasileiras. Todo mundo teve acesso”. (Videochamada, março de 2021).

Vaneza relata que todas as pessoas tiveram acesso à informação e serviços de saúde, as entidades competentes traduziram as normas e protocolos de segurança do francês para as línguas sociais, o português, o espanhol, o crioulo haitiano, “então eles tentaram normatizar as informações pra realidade local, pra que todo mundo ficasse informado. Na comunidade quando eu tenho tempo eu sempre faço tradução para as pessoas ficarem informadas, orientar e etc”. (Videochamada, março de 2021).

Durante a pandemia, Vaneza continuou mantendo contato com os familiares por meio das redes virtuais. Manteve-se trabalhando em casa, no chamado *Home Office*, e não parou seu trabalho de ajuda às pessoas, da forma que podia, principalmente fazendo ligação com organizações de ajuda social. Foi nesse momento em que se sentiu mais sobrecarregada.

Eu trabalhava mais, nesse tempo eu era professora ainda, então eu enviava os trabalhos pras crianças, as mães não respondiam, e nas horas vagas eu tentava ver o que tava acontecendo; traduzindo pra galera sobre os acontecimentos do Covid, pedindo pras pessoas respeitarem, fazendo uma ação cívica como eu sempre faço. (Videochamada, março de 2021).

Vaneza afirma que percebeu apoio mútuo entre os brasileiros na Guiana Francesa, relata o caso de uma senhora, de uns 70 anos, a qual a família dela estava toda na França, ela estava sozinha na Guiana Francesa, adoeceu e foi para o Centro de Covid sem acompanhante. Durante o trajeto ela falava ao telefone com Vaneza.

Ela ligou e ficou conversando comigo, ela me disse que estava se sentindo só e precisava só de um apoio psicológico, compreendeu? Então, tipo assim, um tipo de apoio, uma pessoa pra contar que ela tá fazendo teste, sentir que ela não tá só. Até esse tipo de coisa eu fiz, dei um pouco de psicóloga. (Videochamada, março de 2021).

Segundo Vaneza, as pessoas brasileiras “se autoajudaram”, muitas foram voluntárias, trabalhavam nas comunidades, nos bairros onde tem mais brasileiros. No início da pandemia, Vaneza estava no Oiapoque, atuando principalmente por meios virtuais em denúncias sobre a precariedade da assistência à saúde na comunidade de Vila Vitória (AP), e com demais voluntários compravam remédios, cestas básicas, etc. Enquanto estavam na comunidade brasileira, a fronteira fechou e todos corriam o risco de não entrar mais na Guiana Francesa.

Eu amo o Brasil, mas infelizmente eu dependo da Guiana Francesa, eu trabalho aqui, então eu tive que deixar minha família e voltar pra cá, compreendeu? Até então eu trabalhava na fronteira, de dia eu tava em São Jorge e de noite eu tava no Brasil, no Oiapoque. E com a pandemia eu tive que mudar o sistema, eu tive que escolher um lugar, eu tive que vir pra Guiana Francesa pra trabalhar, e deixar a minha família no Oiapoque. (Videochamada, março de 2021).

A maioria das pessoas que se dispunham a ajudar nessas ações sociais com Vaneza, eram mulheres. De acordo com Paula Nogueira<sup>46</sup> (2021), através das suas experiências na linha de frente no combate ao Covid-19, pôde perceber que as mulheres se tornaram protagonistas na área de ações sociais realizadas durante a pandemia no Brasil, se empenhando muito, fazendo vaquinhas, cestas básicas para distribuição a população vulnerável, etc. Não que a participação masculina seja nula, mas as mulheres se dispunham mais a ajudar voluntariamente nessa área, corroborando com o afirmado por Vaneza em relação à Guiana Francesa.

Em suma, esse capítulo pôde apresentar de modo mais aprofundado a história de vida de uma migrante brasileira na Guiana Francesa, cujas experiências e vivências, em todos os tópicos analisados, são entrelaçadas às redes virtuais. Fazendo-se assim, presente em todos os meios sociais construídos no país de instalação pela minha interlocutora, mas que ultrapassam as fronteiras geográficas, tendo assim, suas sociabilidades fomentadas por relações socioespaciais diretamente atravessadas pelas TICs.

---

<sup>46</sup> Médica plantonista da Unidade de Atendimento Avançado ao Covid em São José dos Pinhais, Líder e Referência na comunidade com ações sociais em auxílio a comunidade vulnerável.

No próximo capítulo, serão analisadas as sociabilidades desenvolvidas por Marta, brasileira migrante na Guiana Francesa, cujas vivências e experiências são passadas através de acontecimentos relatados exclusivamente em entrevista por meio digital (videochamada), os quais aconteceram, quase que tão somente, em sua vida “offline”, fora das redes virtuais.

## 5. MARTA: INTERAÇÕES SOCIOESPACIAIS

“A imigração é uma aventura na sua vida, precisa de muita força mesmo, largar tudo... é complicado, hein? Eu chorava muito no início, eu emagreci, chorava pela minha mãe”. (Marta, videochamada, abril de 2021).

Marta, 59 anos, se autoidentifica como parda, possui duas filhas, atualmente encontra-se em processo de divórcio; embora já não viva mais com o ex marido há muitos anos, e reside na cidade de Cayenne, na Guiana Francesa, mais precisamente no bairro Montabor. Ela mudou-se para a Guiana Francesa com 18 anos, e vive no referido local há mais de 30 anos.

O processo de migração de Marta diferenciase de Vaneza, pois, ela escolheu migrar para a Guiana Francesa, pensou que assim poderia proporcionar uma vida melhor para si e seus familiares. Marta não é muito ativa na rede virtual (Facebook), onde, após análise, percebe-se que raras são suas publicações. Suas vivências e experiências são passadas por acontecimentos relatados exclusivamente, em entrevista por meio digital (videochamada através do Facebook), os quais aconteceram em sua vida cotidiana “offline”.

### 5.1 PROJETO DE MIGRAÇÃO

Como mencionado no capítulo anterior, existem muitos caminhos e estratégias de migração que orientam as mulheres em suas mobilidades internacionais. No caso da Marta, trata-se de uma migração em um contexto familiar, pois, a mesma migrou para acompanhar o marido brasileiro, que já morava e trabalhava em Cayenne. O laço afetivo e financeiro envolveu o contexto da dinâmica migratória de Marta, como veremos mais adiante.

Cada vez mais, que há percursos migratórios individuais ou familiares cuja iniciativa cabe à mulher, partindo só, cuja situação e aspiração familiar é plural. De qualquer modo, mesmo que venham juntar-se aos seus maridos, só ou na companhia dos filhos, ou que venham a constituir família com um residente ou autóctone no país de acolhimento, estas mulheres assinam um projeto de vida para si e para a sua família. Ademais, as realidades estudadas mostram que, no quadro das migrações internacionais por causa econômica, é a família e não o indivíduo que é primordial quando se coloca a decisão de alguém partir só ou acompanhado por mais familiares. No quadro das migrações por causa econômica, normalmente e/imigram os indivíduos ou famílias que vivem precárias condições sociais de existência, e não os outros,

e até se escolhem os primeiros elementos a partir em função dos interesses, estratégias e projetos do grupo familiar. (LEANDRO; NOSSA; BOAVIDA, 2012, p. 5).

A família é um dos impulsionadores da migração. No contexto familiar, é usada para categorizar a mobilidade de pessoas que se deslocam a outro país devido a laços familiares novos ou estabelecidos, e abrange várias subcategorias. Como, por exemplo, reunificação com um membro da família já residente no país de instalação, ou um familiar que acompanha uma pessoa migrante.

Marta relata que era de família humilde, o pai era falecido e somente sua mãe trabalhava. Desde a infância e adolescência ajudava a mãe na criação dos irmãos menores, nos afazeres domésticos, e estudava; chegando a concluir o ensino médio em Macapá.

Eu costumo sempre dizer pra quem me pergunta “como foi sua adolescência?” eu não tive adolescência. Eu sou uma pessoa que sempre fui posta pra trabalhar cedo, a minha mãe trabalhava como agente de portaria em uma Escola, Augusto dos Anjos, no Bairro do Laguinho. Então eu era a mais velha dos irmãos, eu cuidava dos menores, dos meus irmãos, eu fazia comida, eu limpava a casa, eu lavava roupa, eu fazia tudo, nesse tempo não existia máquina de lavar, era lavado na escovinha, na mão, então eu passei muitos perrengues. Minha mãe era tudo, porque meu pai faleceu cedo, minha mãe ficou viúva, só ela cuidando da casa, eu tinha que ajudar. Muitas das vezes ela me levava pra escola, pra mim ajudar ela no trabalho, ela cedo começou a ter problema de saúde, aí eu ia, então eu não tive uma adolescência assim... claro, como família humilde eu não tive vaidade, não podia ter isso, não tinha passeio, não tinha nada. E outra, eu era da igreja, era muito católica na época, muito crente, eu vivia na igreja, todo sábado e domingo minha mãe dizia: “vamos pra igreja”, eu participava de catecismo, de tudo. Então minha adolescência foi isso. Eu não tive prazer de festa, passeio, não tive. Era estudo-casa, estudo-igreja, era isso. Não tive namorado, nem podia pensar em namorar, eu tinha que ajudar na casa, entende? (Videochamada, abril de 2021).

Marta, com 18 anos, conheceu seu então marido Rodolfo, na cidade de Macapá (AP); ele é natural de Rio de Janeiro (RJ), e havia migrado há alguns anos para a Guiana Francesa, onde se estabeleceu, conseguiu trabalho e residência fixa.

Como ele já tava com a vida formada aqui (Guiana Francesa), ele foi passear aí (Macapá), ele ficou hospedado na residência de uma vizinha minha, no bairro Jesus de Nazaré, a gente fazia festa junina, a rua era muito animada, os vizinhos faziam festinha no fim de semana, então ele participava, aí foi quando nós nos conhecemos e ele me propôs, ele disse: “olha, eu vou te avisar, vou te dizer a verdade, eu não pretendo morar aqui, não sou daqui, eu moro na Guiana Francesa, e se você quiser me acompanhar, você pode conhecer. (Videochamada, abril de 2021).

Quando a Marta conheceu o homem que viria se tornar seu marido, logo contou à sua família, pois, afirmou que precisava de conselhos a respeito de sua relação e sobre a possibilidade de migrar para a Guiana Francesa com ele. Naquela época, era comum, no seu meio social, o pensamento de que esse território francês era rico, oferecia muitas oportunidades a migrantes, e pagava bem, em Franco, moeda local na época. De acordo com Piscitelli (2016, p. 13), “a globalização oferece oportunidades para definir novas modalidades de relações e para redefinir espaços, significados e expressões de intimidade”.

Eu queria que o pessoal me aconselhasse, mas aí uns diziam: “olha, se tu não aproveitar agora, quando que tu vai aproveitar? Caiena todo mundo fala, boa vida, lá é um território francês, é rico, lá com certeza vai mudar a tua vida, tu vai melhorar...”, então foi por isso que eu vim pra cá, mas eu nunca me arrependi, sabe? Porque eu tive mesmo a vida melhor do que eu poderia ter em Macapá, eu acredito, não sei... se eu tivesse ficado ali talvez... Mas eu vim com aquele propósito de melhorar de vida, ajudar a minha mãe, bom... graças a Deus ajudei no que eu pude, hoje em dia ela não precisa tanto porque tem as minhas irmãs lá, tem uma que é bem empregada, outros que ajudam. (Videochamada, abril de 2021).

Como Marta já havia concluído o Ensino Médio, aceitou a proposta de migrar para a Guiana Francesa e rapidamente casou-se no Brasil com o seu então noivo, para mudar-se com ele. Segundo Piscitelli (2016), o “amor”, pode elencar-se com um dos elementos constitutivos do projeto migratório de mulheres, as quais enfrentam criativamente constrições e negociam regimes disciplinares em diferentes escalas no campo transnacional – de gênero, sexualidade, etnicidade, estado/nação, capital global. Nesse contexto, o casamento constituiria aspecto integral nas negociações das relações de poder em um lugar transnacional e também no processo de produção do sujeito transnacional.

Ele propôs casamento, mas casar no Brasil, aqui (Guiana Francesa) o casamento é bom e tudo, mas é um pouco demorado, e ele tava precisando, e eu também, porque a minha mãe disse: “Olha, filha minha tem que casar pra sair de casa, fazer as coisas direitinho, na lei”, aí disse isso pra ele, e ele aceitou porque ele tava precisando também, pra renovar o contrato na firma, na época ele trabalhava numa firma de coletivo de ônibus, veículos de transporte (...) Isso tudo foi com promessas de vida melhor, sonhos, né? jovens, né? quer melhora de vida. Eu disse: “bom, como eu sou de família humilde, muito humilde, eu vou mudar, eu vou fazer a família mudar”. Então eu cheguei aqui, eu achei uma vida muito boa, era Franco, não era Euro, era muito bom, era tudo baratinho, você podia comprar o que quisesse, ganhava bem e tudo. (Videochamada, abril de 2021).

De acordo com Lima e Togni (2012), a migração motivada por uma relação afetiva não é um fenômeno recente. Entretanto, dois aspectos em particular parecem ser relevantes: o aumento da mobilidade internacional e o intercâmbio cultural internacional. Apesar de Marta e Rodolfo serem migrantes do mesmo país de origem, eles possuíam diferenças culturais regionais; Marta era do Norte e Rodolfo, do Sudeste do Brasil. Ao chegarem na Guiana Francesa, depararam-se com uma nova cultura, uma outra forma de viver e se relacionar em sociedade, muito diferente das quais possuíam no Brasil.

Em uma perspectiva comparada com migrantes brasileiras nos Estados Unidos, Assis (2011), afirma que as categorizações dessas mulheres são negociadas por elas em seus relacionamentos afetivos, à imagem de sensualidade agregam-se as representações de mulher carinhosa, de boa esposa e mãe, o que confere certa vantagem às mulheres brasileiras no âmbito do matrimônio em caráter transnacional. No que se refere as motivações para migrar, os relatos revelam outro conjunto de fatores, não somente de ordem econômica, que parecem ter impacto na seletividade da migração, mencionado mais por mulheres do que por homens, como: fugir de problemas conjugais e da violência resultante desses; começar uma vida nova após o divórcio; buscar novos relacionamentos afetivos, buscar oportunidades para além da vida em suas cidades de origem.

## 5.2 PROCESSO DE INTEGRAÇÃO

As migrantes matrimoniais,<sup>47</sup> que se mudam de países menos desenvolvidos para países desenvolvidos, podem não conseguir se integrar totalmente em seus destinos e alcançar a igualdade nas esferas públicas com suas contrapartes locais. No entanto, elas também podem conseguir obter mobilidade ascendente e fazer contribuições às sociedades de origem e instalação, como no caso de Marta. Os dois contextos diferenciados podem fazer com que o retrato dessas migrantes muitas vezes seja impreciso.

Marta foi casada para a Guiana Francesa, e relata um processo de integração difícil no começo, pois, não sabia se comunicar através da língua local, não possuía amigos ou familiares próximos, e teve dificuldades de se adaptar a culinária francesa, bem diferente da brasileira, mais especificamente, do norte do Brasil.

---

<sup>47</sup> As migrantes matrimoniais são mulheres que “migram por amor”, ou seja, que têm um projeto pessoal e especialmente individualizado que não se vincula à existência de redes migratórias de suporte do tipo familiar ou comunitário. São mulheres que projetam uma migração cujo objetivo principal é a formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal país de destino. (LIMA e TOGNI, 2012, p. 136).

Aí já tava casada, não tinha emprego, sofri no início claro, como qualquer imigrante sofre, o problema da situação de não falar francês, o problema de culinária, convívio com as pessoas, porque você pra conviver... eu não tinha conhecido nenhum, família nenhuma, como até hoje, minha família é toda no Brasil, tenho duas netinhas, mas elas só falam francês, não falam português, a maior entende um pouco o português. Aí o marido disse: “óh, você tem que fazer curso, tudo... pra ampliar o conhecimento, fazer amizades, e posteriormente arrumar um trabalho”. Isso eu fiz, me matriculei, tudo... mas era horrível, eu sentia muita falta da mãe, dos irmãos, chorava dia e noite, porque ele saía pro trabalho e só chegava a noite. A situação no início é complicada, viu? Você tem que persistir mesmo pra poder continuar. Aí depois eu comecei, eu comecei a aprender, fui no francês, procurava ler muito, procurava muita revista, jornal, assistir programas, reportagens, eu comecei a me adaptar e pronto...melhorou, arrumei emprego na mesma firma do marido, fui levando, né? Voltei pro Brasil pra fazer faculdade em 2011, e até hoje penso em voltar pro Brasil, mas eu penso na situação, que eu vou ter que recomeçar do zero, sem emprego, sem nada lá, aí eu tenho que me fazer por aqui, tenho que continuar um pouco mais. Mas é difícil, o imigrante sofre, no início é duro, é duro porque você não conhece nada, você tem que se adaptar a cultura, a culinária, o francês é fácil falar, agora escrever que é difícil, com o tempo você vai se aprimorando, mas sofre, né? muitos desistem, outros persistem em uma vida melhor. (Videochamada, abril de 2021).

Atualmente, Marta afirma que já se acostumou ao clima, culinária e costumes franceses, visto que, habita há mais de 30 anos na Guiana Francesa e fala fluentemente a língua francesa. Esporadicamente vem a Macapá, onde fica por volta de 3 semanas e retorna para a Guiana.

Já estou acostumada, mas é difícil, acho que todo imigrante fala a mesma coisa, os que vem clandestino, sem papel, porque o papel aqui é *carte de séjour*, é como uma carteira de identidade, vence de 10 em 10 anos, tem umas que vencem de 5 em 5 anos, outras de 2, de 1 ano... a minha é de 10 em 10 anos. É difícil, viu? Pra estrangeiro é difícil conseguir, tem que ter muito relacionamento entre eles. Eu fiz o pedido de naturalização tem uns dois anos, foi rejeitado, não aceitaram porque é um processo longo, disseram que era pra eu renovar meus documentos, inclusive eles pedem tudo do Brasil, escolaridade, tudo que é papel do Brasil eles pedem, da família que eu convivi, minha família, eles pedem tudo. E eles não aceitaram, não sei porque, mas também não vou fazer mais pedido, vou ficar só na *carte de séjour*. E como a *carte de séjour* é uma carta forte, a mais forte que tem, é aceito renovação. Como já estou aqui há muito tempo, sou conhecida, tenho emprego, eles aceitam, mas pra muitos eles não aceitam. (Videochamada, abril de 2021).

Marta afirma não ter enfrentado dificuldades relacionadas a documentação, mais precisamente, a obtenção da *carte de séjour*, pois, era casada. Relata ainda que, muitas mulheres que pedem esse documento de permanência, são rejeitas por serem solteiras.

Aqui muitas vêm solteiras, aí eles não aceitam, eles não querem. É uma facilidade maior pra quem é casada, concubinada. Por que existe a concubinação aqui, você faz o papel que você vive com a pessoa no Brasil, aí vem aqui, traduz, tudo... leva na prefeitura, leva no consulado, pra registrar tudo. O Consulado ajuda muito, o que ele pode fazer pelo imigrante ele faz, o Consulado brasileiro. Mas tem muitas brasileiras que enfrentam muita dificuldade pra fazer o papel, e posteriormente pra arrumar um trabalho, porque o patrão pede, papel disso papel daquilo, se você imigrante não tem, fica difícil. Tem muito guianense, que eu conheço, que eles dizem o seguinte: que brasileiro vem pra cá pra roubar ou matar, a mulher vem pra se prostituir. Olha... tem muitas, tem um bairro aqui que se chama *Chicago*, esse bairro é só de prostituição, fumo, drogas, essas coisas. Então tu passa lá e tu vê muitas brasileiras novinhas, de 13, 14 anos se prostituindo. Por que? Porque não tem outra saída, tem que ganhar seu pão de cada dia. Então, pra muitas não é fácil, é difícil, muitas vêm se jogando do Oiapoque, ou vem de Macapá direto, vêm de canoa, chega aqui encontra dificuldade, porque pra fazer essa *carta de séjour*, eles têm que... eles pedem tudo na entrada do Brasil, passaporte visado, aí se não tiver como apresentar, como vai fazer uma *carta de séjour*? Tem muitas que persistem e se dão bem, que querem progredir, tem muitas brasileiras aqui, muitas bem empregadas, bem de vida. Parou mais, né? a migração parou mais, eu acho que pela pandemia, a pandemia diminuiu o fluxo de pessoas. (Videochamada, abril de 2021).

Segundo Marta, os guianenses são rígidos em relação à documentação, e que no caso de pessoas migrantes brasileiras, sempre é mais difícil, “sempre tem uma barreira para brasileiros”. Ao estar em órgãos públicos, como prefeitura, ela relata perceber uma discriminação por parte dos funcionários, mas afirma, “a gente tem que aceitar, nós estamos aqui e precisamos, precisamos renovar documentos, precisamos atualizar algum documento, então tem que passar por essa prefeitura, ela que faz a expedição geral de todos os documentos”.

Então ali você é obrigado a aceitar, se fulano falar alto com você, uma atendente ou até mesmo recepcionista, você tem que aceitar, abaixar a cabeça e aceitar, você é imigrante, no seu passaporte ou *carta de séjour* tá lá, bem grande “BRASILEIRA”. Então lá, abre o passaporte, apresenta *carta de séjour*, aí olha “ah, brasileira” e balança a cabeça (gesto negativo). Tem a discriminação, agora claro que no meio você encontra pessoas gentil, pessoas bondosas, de bom coração, que te tratam bem. Mas não resta dúvidas, o imigrante sempre passa por certas situações, sempre encontra uma barreira. Temos que aceitar, estamos aqui pra aceitar. Acho que é normal, né? a desconfiança com o imigrante, ele não conhece você, não sabe de onde você vem. (Videochamada, abril de 2021).

Marta afirma que esse tratamento dado aos brasileiros e brasileiras, pode estar sendo reforçado pela mídia guianense. Sobre as reportagens televisivas que acompanha, declara: “o Brasil que eles mostram aqui, eles não mostram reportagem da riqueza, eles só mostram a pobreza, só mostram os bandidos, só mostram as drogas”. Diz ser comum acompanhar nos

noticiários guianenses, notícias sobre as guerras de facções nas grandes comunidades do Brasil, sobre a pobreza e tragédias; como a de Brumadinho (MG) e enchentes no Acre. “Não mostram a beleza, a riqueza do Brasil, às vezes, no meio de uma reportagem eles mostram Ipanema, praia, Leblon, eles mostram, mas isso é raro e é curto, a reportagem”. (Videochamada, abril de 2021).

Há dois bairros de brasileiros em Cayenne, “Cabassou” e “Matinha”, que mantêm algumas tradições brasileiras, inclusive os mesmos organizam a Festa Junina anualmente, onde vendem comidas típicas, como o Vatapá e Maniçoba. Uma boa parte das pessoas brasileiras também realizam as celebrações religiosas existentes no Brasil, por exemplo, a Festa de Santos. Há celebrações das Igrejas católicas e evangélicas, as quais, Marta não participa, por questões pessoais.

### 5.3 QUESTÕES DE GÊNERO

O impacto das questões de gênero sobre as mulheres migrantes, é uma questão internacionalmente reconhecida, podendo acarretar diversos problemas no processo de socialização da mulher no país de instalação. As dificuldades no processo de integração dessas migrantes as tornam vulneráveis aos diversos tipos de violência de gênero. Marta recorda de um episódio de assédio que sofreu quando foi renovar sua primeira *carte de séjour* na Guiana francesa.

Eu fui pra renovar a minha primeira *carte de séjour*, tive que passar por um perito, não sei como se fala no Brasil, tive que passar tipo por um teste oral, pra ver se tu não cai sobre algo da tua vida, aí eu fui pra esse encontro, chegou lá era um francês do olho azul, forte, galante mesmo, aí ele abriu a porta, mandou eu sentar, aí ele disse assim “você é muito bonita”, eu fiquei assim... de pé atrás, porque você vai num setor público pra pessoa te achar bonita?, era um policial, tipo um detetive. Eu acho...e tem outras palavras que na hora do teste lá ele me direcionava, tipo “o que uma moça bonita tava fazendo na Guiana?”, “a Guiana não era pra jovem brasileira, que com o tempo eu ia me prostituir, se eu não conseguisse o que eu desejava, como as outras”, aí eu acho que isso foi tipo um assédio, sei lá. Aí ele ainda disse assim... me convidou pra jantar nesse dia, o meu encontro com ele foi de manhã, aí ainda disse assim “você pode me dar o número do seu contato?”, eu disse que não tinha, mas que meu marido tinha, que se ele quisesse eu passava o contato, ele disse “não, não quero do marido não, eu quero de ti”. Isso pra mim é um assédio, né? Eu acho que eu sofri esse assédio, no dia desse encontro pra renovar minha primeira *carte de séjour*. Nesse tempo existia esse tipo de detetive, pra saber da tua vida, saber se realmente tu ia ficar na Guiana, se

queria renovar o documento pra progredir, existia isso nessa época, agora não, não existe mais. (Videochamada, abril de 2021).

Marta ainda afirma que, para interagir com um homem guianês, é preciso manter uma postura de sobriedade e evitar sorrir, para que não seja mal interpretada ou assediada por ele. “O guianês homem, é super ‘pra frente’ com brasileira, seja qual setor que for atendida por guianês, se você sorrir pra ele, mostrar seu dente, você tá querendo ele, pra ele é segunda intenção, tem que chegar séria e sair séria. Eu aprendi isso com o tempo aqui”. Perguntada o porquê deles agirem assim com as brasileiras, Marta responde:

Porque eles têm aquele pensamento que a brasileira vem aqui pra se entregar, pra usar seu corpo a troco de dinheiro. Mesmo se você fizer uma amizade com uma guianesa mulher, e ela for casada, ela logo diz “não dá atenção pro meu marido”, “cuidado com a relação com meu marido”, porque elas conhecem o marido que elas têm. Mas com o tempo você aprende a lidar com isso, você sente quando um homem... você vai num setor público, se você vê uma cantada, você sente, mesmo no trânsito, ou supermercado. Mas é mais os guianeses que fazem isso, os brancos aqui te respeitam, os brancos são respeitosos, pouca comunicação com os guianeses é o melhor que tu faz, se é conhecido é só “ça va” e pronto, não dá papo. Eles são mais assim com brasileiras e dominicanas, porque são as duas raças, as duas origens, que fazem venda do seu corpo. Dominica então... elas querem combater as brasileiras, e as brasileiras com as dominicanas, aí fica nessa, uma quer ganhar, a outra também, elas vendem o corpo mesmo. Pra mim é um desrespeito, principalmente com as mais novas, quando tu tem uma certa idade, não existe muito mais, mas quando você é nova e chega aqui, não sabe de nada, tá precisando, e muitas vezes cai na lábia deles por precisão, muitas vezes não quer, mas cai por precisão mesmo. (Videochamada, abril de 2021).

Marta relata que existia antigamente, um grande número de mulheres migrando sozinhas para a Guiana Francesa, e que a principal motivação era relacionada a alguns benefícios sociais concedidos pelo Estado.

Existia a facilidade de você ter filho aqui e pegar uma renda do Estado, porque o Estado paga pro filho que nasce aqui, pro filho que estuda, e é boa a renda, hein! Então elas faziam isso, as brasileiras, deixava o marido, o filho lá, pegava filho aqui, pra poder registrar e pegar esse dinheiro, mas agora até isso tá difícil, porque nem registrando mais eles tão, só pra não conceder esse benefício, eles também cortaram muita gente, eles descobriam, botavam detetive atrás das brasileiras, visita surpresa na casa, pra saber se era verdade que elas moravam onde falavam, se pagavam imposto, água, luz...porque as vezes elas davam o endereço de uma amiga, não era nem endereço delas, aí eles cortavam o benefício.

*Pesquisadora: Mesmo se a criança nascer na Guiana?*

Sim, mesmo que a criança nascesse na Guiana, porque elas faziam isso pra pegar o benefício, e o marido tava lá com os outros filhos, lá no Oiapoque, Macapá, Belém, desses Estados mais próximos. Agora além de nascer aqui, a mãe tem que constar que ela tem a residência fixa, eles têm que ter certeza mesmo, pra mãe conseguir esse benefício, ou manter esse benefício. Aí as brasileiras pararam de ter filho, como as outras raças também. O Estado não ajuda ninguém que não tem documento. Tem um benefício que eles ajudam mãe solteira, chama RSA, mas a mãe solteira legalizada, e tem que comprovar que não tem homem, tem muitas que escondem que tem, mas lá debaixo da casa tem um homem escondido. (Videochamada, abril de 2021).

Marta conta que recebeu auxílio financeiro do Governo assim que chegou a Guiana Francesa, no tempo que ainda não era a *carte de séjour* que pediam, e sim o passaporte com visto, “eles viram minha precisão, disse que eu era nova aqui, e falei em português mesmo, porque não sabia falar o francês direito, tinha um lá que traduzia pra mim”, eles a pagaram até ela arrumar um trabalho, “... aí eles cortaram. Agora tá devagar, eles já ajudaram muito, agora não mais”. (Videochamada, abril de 2021).

#### 5.4 REDES DE CONTATOS

Assim que chegou a Guiana Francesa, Marta conta que precisou ser forte, pois, não possuía uma rede de contatos que pudesse se relacionar, não tinha amigos, familiares, relação de proximidade com vizinhos, tinha apenas o seu marido, “eu chorava muito no início, eu emagreci, chorava pela minha mãe”.

Eu não tive essa sorte aqui na época, eu moro aqui todo esse tempo e nunca tive vizinho brasileiro, morei em vários bairros já, só guianeses, peruanos, franceses, haitianos, inglês do Suriname, não tive brasileiros. Brasileiros eu conheço quando vou renovar um documento, eu faço amizade na hora, na fila; e Consulado, você vai no consulado e só tem brasileiro lá e você faz amizade. Você vai no supermercado e você vê brasileiro lá, você conversa, se conhece, troca número de contato, é assim. A gente sente falta, sente falta de um brasileiro, de conversar, amizade...Eu conheço uma que mora no... ela morava no São Jorge, ela mora agora no Sular, se não me engano, é bairro daqui de Caiena, ela mora muito longe, então ela não tem meio de transporte, a gente se encontra sim, muito raro, aí quando a gente se encontra a gente conversa muito, sobre família mesmo, mas é difícil, não tenho conhecido, não tenho amizades, não tenho família, é complicado, mas já me acostumei. (Videochamada, abril de 2021).

De acordo com Leandro, Nossa e Boavida (2012), no contexto migratório, a família ocupa um lugar fundamental na vida das pessoas migrantes, serve de amparo e proteção, particularmente em situações que podem provocar isolamento em virtude da marginalização e

estigmatização; o que é muito comum com brasileiras que migram para a Guiana Francesa de forma indocumentada e até documentada. Porém, isso não figurava a realidade de Marta, que se sentia sozinha a maior parte do tempo, já que possuía contato apenas com seu marido, que trabalhava de manhã e à tarde.

O bairro em que Marta mora, “Montabor”, fica distante dos bairros que têm muitos residentes brasileiros, entre os quais, ela cita “Matinha” e “Cabassou”, mas não costuma os frequentar. Apesar de ter duas conhecidas morando nesses bairros, não vai, pois, alega ser comum acontecerem muitas brigas, inclusive através do uso de arma branca entre brasileiros.

Marta mora sozinha atualmente, e só recebe a visita do seu atual namorado e das netas. Há alguns anos, possuía um contato mais próximo com uma comunidade de chineses que residem na Guiana Francesa. Isso, por sua filha mais nova ser casada, na época, com um migrante chinês, com quem possui duas filhas. Porém, após a separação conjugal de sua filha, ela mudou-se para a França. Dessa forma, Marta perdeu o contato frequente que tinha com ela, com o genro e os familiares dele, “mas geralmente, pouco me comunico com eles, porque eles só falam chinês, só escrevem chinês e eu não entendo”.

Marta utiliza com mais frequência a rede virtual “WhatsApp”, onde interage com familiares, colegas de trabalho, participa também de um único grupo de brasileiros, de vários setores da Guiana Francesa.

A finalidade do grupo é troca e venda de produtos brasileiros, o grupo é pra comércio, eles vão em Macapá, Oiapoque ou Belém, compram lá e vendem aqui, no euro, é vantagem porque ganha (gesto de dinheiro), mas aí é perigoso pra polícia, pra passar escondido e tudo. Eles vêm por canoa e passa por canoa. Mas vende, eles vendem muita carne, calabresa, charque, linguiça, eles vendem muito aqui, perfumes, natura, Avon, eles vendem muito. (Videochamada, abril de 2021).

Marta afirma que as mulheres participam mais ativamente nesse grupo, “tem homens, mas são mais devagar”. O grupo destina-se só a comércio, não havendo interações para amizade ou outros tipos de relações de contato.

Só é a venda mesmo, venda e troca de produtos brasileiros, não tem contato pra conversar. Já me fizeram convite pra participar de outros grupos com brasileiros também, mas eu não aceitei, tô só nesse grupo mesmo. (Videochamada, abril de 2021).

O contato mais próximo em relação à amizade, relatado por Marta, foi com uma brasileira que morava no Oiapoque antes de migrar para a Guiana Francesa, a qual apresenta brevemente sua história de migração.

Ela morava no Oiapoque, a família dela é de Macapá, ela morava no Oiapoque e fazia esse negócio também de diarista, emprego leve no Oiapoque, foi pra lá através de amizade, conheceu esse Senhor que mora no São Jorge, ele é brasileiro, só que ela não teve a sorte, ele enganou, ele disse assim “vamos que eu vou te dar uma vida boa pra Guiana francesa”, ela veio, ela ainda não tinha filho, ela veio e descobriu que ele era casado, quatro filhos, e a mulher, a verdadeira esposa, morava mais em Belém do que aqui na Guiana, aí ele se meteu com ela. Quando ela descobriu a verdade... como ela disse “eu já tava no fundo do poço, aí eu continuei”, e ela tá com ele até hoje, ele conseguiu se separar da esposa, mas a esposa fica jogando chaveco de Belém, fica fazendo armação, faz de tudo pra eles não viverem bem, e ela tá penando com ele. Eu disse “sabe o que foi isso? Tu desfez uma família, agora tu tá recebendo”, aí não consegue emprego, é insatisfeita na vida, não tem nem quase onde morar, porque quando eles brigam ele expulsa ela da casa e ela dorme na casa dos vizinhos. Dói meu coração de ver a situação dela, mas nem os documentos, até os documentos é difícil pra ela, e ela não fala bem o francês. Ela já disse que tá no fundo do poço e vai continuar pra ver até onde vai, porque ela disse que pro Oiapoque ela não vai, ela não volta, que o Oiapoque não tem o que ela merece, ela diz. É uma imigrante que sofre muito, viu? Mas é assim, muitas vêm de Oiapoque, elas fazem essa travessia com a cara e a coragem, nem todos tem a sorte de fazer uma boa imigração. (Videochamada, abril de 2021).

Marta conta que assim que chegou a Guiana Francesa, passou por muitas dificuldades para manter contato com sua família no Brasil, na época não tinha celular, então ela precisava emprestar um telefone fixo de uma vizinha para poder contactar sua família, e sua mãe precisava utilizar telefone de vizinhos, pois, não possuía também. “Agora não, né? agora tá mais fácil, tem o telefone celular, internet, tem muitos meios de se comunicar com a família no Brasil”. (Videochamada, abril de 2021).

## 5.5 FAMÍLIA E RELAÇÕES TRANSNACIONAIS

Yeung e Mu (2019) afirmam que, além da direção da migração, as trajetórias das mulheres que migram por questões matrimoniais, também se tornaram cada vez mais diversas, envolvendo uma combinação de migração reversa, de retorno e circular, devido às interações dinâmicas entre migrantes, cônjuges, sociedade de residência e instalação. A migração para/ou através do casamento, é uma das modalidades de migração. Também é altamente específica para o gênero: grande parte das pessoas migrantes matrimoniais são mulheres, em muitos casos,

a mulher se muda para a cidade de seu marido após o casamento, transferindo seu registro de residência. Muito raramente, o homem se muda para se juntar à noiva, geralmente pelo fato de ser quem possui a residência e emprego fixo, como no caso de Marta e Rodolfo.

Aí nós vivemos, viemos juntos até o ano 2000, aí nós nos separamos, eu inclusive estou com processo de divórcio aí em Macapá através de advogado, mas é difícil, ele mora ainda aqui na Guiana, eu acho, né? eu acredito que ele ainda é vivo, não sei. Não tenho certeza se ele ainda existe. Meu novo relacionamento é um francês, ele é de Nice/França, ele não é daqui, ele presta serviço aqui, é militar. (Videochamada, abril de 2021).

Além das voltas esporádicas para visitar a família no Brasil, Marta retornou a Macapá (AP) em 2009, onde ficou por três anos para cursar Faculdade de Letras/Francês, ao concluir, regressou para a Guiana Francesa. “Voltei pra cá, minha vida inteira tá sendo aqui. Como fui casada, tive duas filhas, Alice e Amanda, estou por aqui, mas penso em voltar pra Macapá, mas por enquanto ainda não”.

De acordo com Leandro, Nossa e Boavida (2012), pode-se afirmar que, em situações migratórias, a família torna-se frequentemente um “nicho de identidade”, devido a sua função educativa e de suporte social. A separação conjugal de Marta e a ida de sua filha para a França, fez com que ela pensasse em retornar a Macapá, onde possui familiares, porém, trata-se de uma questão ainda não decidida por ela.

## 5.6 TRABALHO

Atualmente, Marta trabalha como ajudante na secretaria de uma escola chinesa. Por ser formada no Brasil em Letras - (português/francês), é contratada como tradutora, mas não exerce essa profissão, “como eu não sei falar muito o inglês, eu trabalho, na ausência dela (Secretária Geral), como ela viaja muito, eu fico, mas não faço muita coisa não, porque eu não ‘pego’ o chinês, é difícil, eu sou mais uma ajudante, eu acredito”. Marta não teve dificuldades para conseguir esse atual emprego, pelo fato de tê-lo obtido através de indicação do ex marido de sua filha, “como ele é chinês, foi ele que me garantiu a vaga nessa escola”.

Eu trabalho meio turno, das 6 horas da manhã até o meio-dia, mas geralmente meio dia eu já tô em casa. Quando eu tenho que resolver alguma coisa eu saio mais cedo, mas é permitido, tudo falado, tudo assinado lá. Os chineses são muito corretos, eles querem ser muito corretos, aí você tem que tá “na linha” sempre, tudo organizado, tudo planejado. (Videochamada, abril de 2021).

Logo que chegou a Guiana Francesa, Marta relata a dificuldade de se estabelecer em um emprego. Isso, devido ao entrave relacionado à língua francesa, não a falava nem escrevia corretamente, e no trabalho era necessário “preencher isso, preencher aquilo, todo trabalho tem que passar pelo papel, se não souber o francês, se torna dificultoso”. Seu primeiro emprego foi em uma empresa de ônibus particulares, em que seu marido trabalhava.

Era ele que preenchia os papéis pra mim e eu assinava, porque eu não conseguia, trabalhava no escritório lá, eu não conseguia, com o tempo eu meti na cabeça que eu ia sair de lá. Lá é firma guianesa, era horrível o racismo lá, era horrível o racismo comigo lá, pra mim eu era muito discriminada, nesse emprego lá... mas o importante pra mim era o dinheiro. Eles faziam piadinha, quando tinha muitos que não tavam de serviço, em certo horário, aí os ônibus parado no estacionamento da firma, aí se juntavam aquele monte de motorista, tudo guianense, não existia outra raça, até hoje, é uma firma guianesa. Aí eles faziam piadinha, “olha a bonita, olha a bela brasileira... é tão bonita mas não sabe o francês”, “eu não sei porque que ela tá nesse cargo” eles falavam assim, eu entrava no escritório e chorava, mas eu não mostrava pro marido pra ele não fazer confusão com eles, porque eram tudo amigo, tudo colega. Eu chegava em casa eu chorava, chorava, pensava “vou sair desse trabalho”. Olha, até hoje, eu saí desse emprego e ele (ex-marido) não soube o porquê, eu dizia que não tava gostando, ele não soube e nunca vai saber porque eu nunca vou falar, se ele ainda é vivo, né? Era um racismo horrível porque eu não sabia escrever e falar o francês direito, falava pouquíssimo o francês, aí eles viram que eu tava lá porque meu ex marido que me colocou nessa posição. Era até uma posição alta, mas eu não quis mais, mas também eles nunca mais colocaram brasileira lá, só guianesa mesmo. (Videochamada, abril de 2021).

Entretanto, reproduzindo os padrões de desigualdade de gênero no país de instalação, vale ressaltar que, as mulheres migrantes tendem a encontrar trabalho em ocupações tradicionalmente dominadas por elas, como o serviço doméstico. As ligações entre trabalho doméstico e a migração internacional do trabalho feminino está bem estabelecida. A crescente demanda das famílias por serviços domésticos é considerada um dos principais gatilhos da feminização da migração laboral. Nesse sentido, Joseph e Joseph (2015, p. 28) ponderam:

Interessa observar que não há simplesmente uma divisão sexual do trabalho, mas uma articulação de divisões sexuais, sociais, étnicorraciais e internacionais do trabalho. A divisão sexual do trabalho parece ser um pouco rígida pelo fato de poder mascarar as suas outras divisões. Por exemplo, mesmo as mulheres exercendo serviços domésticos, entre elas ainda persiste a divisão de salários (classe), conteúdos raciais e nacionalidade de origem. Há uma hierarquia sociocultural, racial e nacional na divisão do trabalho.

Na percepção de Marta, a maioria das brasileiras que habitam na Guiana Francesa, atuam em serviços de limpeza: são diaristas, lavam e passam roupas, e algumas trabalham como

recepcionistas, em restaurantes, cozinhando, lavando louça e poucas como garçonetes. Acredita haver muito mais mulheres, do que homens, trabalhando como diaristas no mercado de trabalho na Guiana francesa. “Tem umas que trabalham em escritório. Existe três firmas aqui que se ocupam desse tipo de trabalho, de contratar pessoas pra esses empregos, aí as brasileiras se escrevem e vão fazer teste”. Essas empresas não são direcionadas somente a migrantes, mas a todos.

Tem muitas brasileiras que vão e conseguem passar no teste, além do teste oral em francês, eles fazem o teste na firma, ou no escritório, pra fazer limpeza, elas vão lá, fazem o teste, se tu passa aí já fica empregada, tem muitas que tem sorte, né? Essa moça que te falei que tenho contato com ela, que morava no São Jorge, ela não consegue, ela se inscreve, se inscreve... já fui com ela num setor pra inscrever, já fizemos o teste, fui com ela no escritório, porque eu queria que ela tivesse... como ela é diarista, ela pega pouco, e tem dia que ela nem paga nada, não é todo dia que tem trabalho, mas ela não consegue passar, eu não sei se é porque ela não consegue passar no teste ou porque ela não tem *carta de séjour* de 10 anos. (Videochamada, abril de 2021).

Segundo Marta, a *carte de séjour* é fundamental para a migrante conseguir um emprego formal.

É força que dá pro imigrante conseguir um emprego, se não tiver aí fica de diarista só “de boca”, não é nada assinado, não é compromisso, aí a patroa paga o quanto quiser, o quanto ela acha que deve pagar, porque ela (imigrante), não é fichada, nem nada. Essa carta de *séjour* de 10 anos ajuda muito, e esta moça minha conhecida, ela não consegue porque já tem sete anos que ela se inscreve na prefeitura pra pegar uma *carta de séjour* e todo ano eles dão uma carta só de um ano, e uma carta só de um ano nenhum patrão quer, aí fica difícil pra ela. Eu já pedi até pros chineses arrumarem alguma coisa pra ela, porque ela tem “precisão”, ela tem um esposo, filhos, mas o esposo não ajuda ela, mas os chineses não querem com *carta de séjour* de um ano. (Videochamada, abril de 2021).

Como já mencionado em capítulos anteriores, pode haver uma atenção crescente dada a alavancar a migração de trabalhadores para o crescimento econômico, o que não parece ser o caso das brasileiras na Guiana Francesa. A feminização da migração, no entanto, pode evidenciar a atenção ao potencial das mulheres migrantes trabalhadoras, de contribuir para o desenvolvimento no país de residência e instalação. Esse foco é em grande parte, a partir das contribuições financeiras feitas por remessas, embora seus salários sejam tipicamente mais baixos que o dos homens.

Marta envia remessas regularmente para o Brasil, pois, possui domicílio na cidade de Macapá (AP), com isso, precisa pagar Imposto Predial e Territorial Urbano (IPTU). Envia

dinheiro também para a sua mãe, que possui alguns problemas de saúde e precisa de um valor alto para consultas e exames, afirma que: “ela tem um cardiologista que só um exame é seiscentos, setecentos reais, aí a mamãe precisando me avisa que eu mando, envio o dinheiro, o euro tá até bacana, que ele subiu bem, aí o euro que você manda dá bem”.

Eu envio pra conta bancária da pessoa, paga aqui, paga uma taxa de cinco euros pra enviar. A minha filha me indicou um aplicativo de banco, que baixa e por lá dá pra fazer transferência, transfere de conta pra conta e paga uma taxa, mas ainda não tentei, ainda não baixei esse aplicativo. Envio dinheiro pro senhor que mora na minha casa, pra pagar o IPTU, mas ele não tem conta em banco, eu envio pra conta do marido da prima dele (risos), mas chega direitinho. (Videochamada, abril de 2021).

Isso corrobora com o que afirma o Fundo de Populações das Nações Unidas (2006), que pode haver diferenças nos usos das remessas de homens e mulheres. Desse modo, as migrantes tendem a remeter grande parte de seus salários para as necessidades diárias, em apoio à manutenção das famílias que ficam na cidade de origem, já os homens, remetem mais para investimentos, moradia, entre outros.

## 5.7 USOS DA INTERNET

Elenquei este tópico ao capítulo referente a Marta, o qual não consta no de Vaneza, com o propósito de obter uma perspectiva comparada dos usos das redes virtuais entre elas; mesmo que Marta não seja muito ativa nas redes virtuais quanto Vaneza, ela possui contas no Facebook, WhatsApp e Instagram. Discreta, faz raras publicações, todas são fotos suas ou com familiares. Suas movimentações mais recentes no Facebook foram em setembro de 2015, março de 2018, e setembro de 2020, ocasiões em que atualizou suas fotos de perfil e foto de capa e interagiu na sessão comentários com seus amigos e familiares, respondendo a elogios, ou outros assuntos.<sup>48</sup>

---

<sup>48</sup> Não houve transcrição, nem prints dos comentários de Marta e outros usuários do Facebook, a pedido da mesma, afim de resguardar sua privacidade.

**Figura 20:** Atualização de foto de perfil do Facebook de Marta



  Danilo Pastana e outras 45 pessoas 22 comentários

**Fonte:** Facebook de Marta, 2015.

**Figura 21:** Atualização da foto de perfil do Facebook de Marta



  Danilo Pastana e outras 45 pessoas 22 comentários

**Fonte:** Facebook de Marta, 2018.

**Figura 22:** Atualização da foto de capa do Facebook de Marta, com a foto de uma de suas netas.



**Fonte:** Facebook de Marta, 2018.

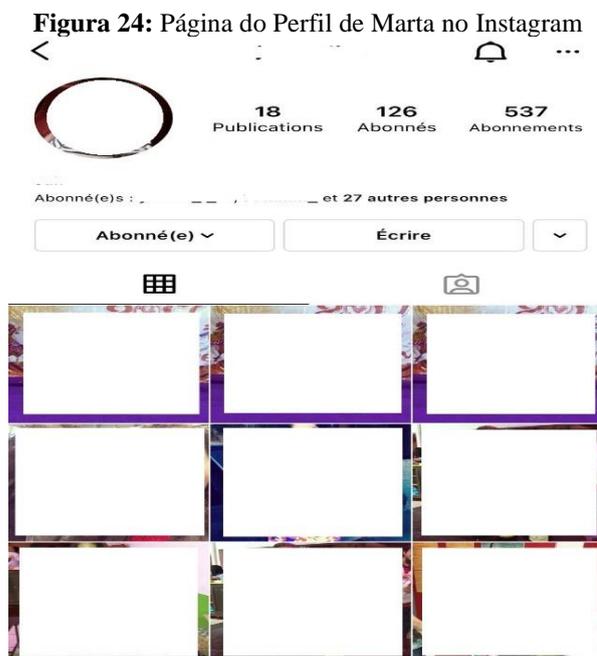
Após isso, encontram-se somente mensagens de amigos e familiares concedendo-lhe os parabéns na data de seu aniversário. Sua última movimentação na conta do Facebook, foi em setembro de 2020, ocasião em que atualizou novamente sua foto de perfil. O uso dessa rede virtual é mais para manter algum tipo de contato com amigos e familiares, com os quais não possui através do WhatsApp.

**Figura 23:** Atualização da foto de perfil do Facebook de Marta



**Fonte:** Facebook de Marta, 2020.

Marta possui também uma conta na rede social Instagram,<sup>49</sup> onde há algumas fotos publicadas, sozinha, com familiares e amigos. No entanto, sua última publicação foi em 19 de março de 2017, revelando assim, pouco uso dessa rede social também.



**Fonte:** Instagram de Marta, 2021.

Como dito anteriormente, Marta faz uso frequente da rede virtual WhatsApp, onde mantém frequentes interações com as pessoas que integram seu ciclo social na Guiana Francesa, mas também com os habitam geograficamente distantes, como seus familiares e amigos que moram no Brasil, e com sua filha que reside na França.

Marta utiliza-se do WhatsApp também para a compra de produtos brasileiros, vendidos no mesmo por comerciantes brasileiros, que muitas vezes, arriscam-se levando mercadorias que seriam legalmente proibidas de serem comercializados na Guiana Francesa, como “carnes, charque, cosméticos, entre outros”, o grupo é denominado “Achat, Vente, Échange”. No grupo também há guianenses, tanto vendendo quanto comprando produtos, por esse motivo, muitas vezes as conversas são em língua francesa.

<sup>49</sup> “É uma rede social que permite o compartilhamento de fotos e vídeos, bem como a integração com outros aplicativos. Entre as suas funcionalidades estão a aplicação de filtros, o *Boomerang*, os *Stories*, além das gravações e transmissões de vídeos ao vivo. Atualmente, o Instagram também é um dos principais veículos para a publicidade de empresas de todo o mundo. No Brasil, o Instagram é uma das redes sociais mais acessadas. Desde 2015, os brasileiros ocupam lugar de destaque nas estatísticas do aplicativo. Entre os usuários do Instagram, a participação dos brasileiros é maior que a média global”. (CANALTECH, 2021, online).

## 5.8 CONTEXTO PANDÊMICO

Em 19 de março de 2020, o Governador do Amapá, Waldez Góes, publica a portaria que regulamenta o fechamento terrestre e fluvial com a Guiana Francesa. Segundo as informações divulgadas pelo portal online do Governo do Amapá:

O presidente da República, Jair Bolsonaro, atendeu à solicitação do governador do Amapá, Waldez Góes, e autorizou o fechamento da fronteira com a Guiana Francesa – onde 11 casos do novo coronavírus (COVID-19) foram confirmados. No território ultramarino francês, a cidade de São Jorge faz fronteira com o município amapaense de Oiapoque, a 590 km de Macapá. Góes solicitou providências desde o dia 4 de março, quando fez o mesmo pedido ao Ministério da Defesa. Na ocasião a Guiana Francesa havia confirmado os primeiros casos. Na quarta-feira (18), o governador amapaense decidiu reiterar o pedido diretamente ao presidente Bolsonaro. Em resposta, o Planalto publicou nesta quinta-feira (19) a portaria que regulamenta o fechamento terrestre e fluvial com a Guiana Francesa. (PORTAL GOVERNO DO AMAPÁ, 2020, online).

Com isso, foi publicado no Diário Oficial da União a portaria n. 125, de 19 de março de 2020, que dispôs sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no Brasil, de estrangeiros oriundos dos países que relaciona, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – Anvisa, dentre eles, a Guiana Francesa.

Com o fechamento das fronteiras franco-brasileiras, as visitas esporádicas que Marta fazia a sua família em Macapá cessaram, porém, ela continuou mantendo contato constante com os mesmos, por meio do WhatsApp, “a pandemia pegou alguns da família, inclusive tive dois parentes que morreram, tenho uma tia muito mal, foi transferida pra Santana, duas irmãs minhas foram afetadas, mas já se restabeleceram”.

Durante a pandemia, Marta afirma que o acesso à informação relacionada a Covid-19 na Guiana Francesa, era somente através dos telejornais, e informações pelo grupo do WhatsApp, o qual participa. “Semana passada teve um confinamento aqui, eu só soube pelo grupo de WhatsApp, no grupo de venda dos brasileiros, repassaram lá o que a prefeitura tinha dito”. (Videochamada, abril de 2021).

Mas, assim... nós somos desinformados, é avisado na televisão, mas eu só ligo a noite, e o comunicado é em francês. Aí a informação existe pelos grupos. Minha rotina se manteve a mesma durante a pandemia, é só trabalhar e ir no supermercado. Só passeio que não pode mais, porque a polícia manda de volta pra casa. (Videochamada, abril de 2021).

De acordo com Vaz e Costa (2020), na América do Sul, o fechamento das fronteiras terrestres, fluviais e aéreas, ocorreu a partir dos primeiros casos confirmados no continente. Em face da clara perspectiva de ampla disseminação da COVID-19, a Guiana Francesa foi o primeiro a fazê-lo, seguido da Bolívia, depois do Brasil. Assim, em um período de 19 dias no mês de março, as fronteiras entre o Brasil e seus vizinhos haviam se fechado em todas as vias espaciais, exceto aéreas.

Em suma, ao analisar a história de vida de Marta, suas experiências e vivências, e com isso, sociabilidades desenvolvidas na Guiana Francesa, vê-se uma trajetória diferente da primeira interlocutora. Entretanto, há alguns pontos comuns, principalmente no que concerne as questões de gênero e suas formas de manter contatos sociais no contexto pandêmico.

No contexto da pandemia, Vaneza afirmou que todos os migrantes obtiveram acesso à informação, auxílios sociais, e serviços de saúde. Enquanto Marta, destacou dificuldades no acesso a informações, as quais, segundo ela, eram repassadas somente pelo telejornal, em língua francesa. Essas percepções diferentes, podem estar ligadas diretamente a regularidade de acesso aos diversos grupos no Facebook e WhatsApp, os quais Vaneza administra e participa, e Marta, não. Contudo, ainda que Marta prefira manter suas relações sociais no âmbito “offline”, ela não deixa de utilizar as redes virtuais, mesmo que em um grau muito menor que Vaneza.

No capítulo seguinte, busca-se analisar de que formas as histórias de vida relatadas e analisadas nos capítulos 3 e 4, dão base para se compreender as diferentes sociabilidades desenvolvidas pelas minhas interlocutoras, sejam eles socioespaciais ou simbólicos/virtuais.

## 6. MÚLTIPLAS FORMAS DE VIVER OS TERRITÓRIOS

Neste capítulo, far-se-á uma reflexão acerca das diferentes formas de viver os territórios, sejam eles socioespaciais ou simbólicos, a partir das experiências de duas migrantes brasileiras na Guiana Francesa, percorridas nos capítulos anteriores. Para isso, será feita uma diferenciação das convencionais redes sociais; constituídas por relações de diferentes naturezas, e das redes virtuais; tecidas num contexto de mundo globalizado, e como essas redes, vivenciadas de formas conexas, implicam em reconfigurações e/ou novas sociabilidades, no cenário migratório feminino franco-brasileiro.

### 6.1 REDES SOCIAIS

Precisa-se pensar no que se entende por redes sociais, um conceito que, para facilitar a diferenciação nesse trabalho, foi mantido distinto das conhecidas redes sociais (Facebook e WhatsApp, outras), destinadas a serviços online para a conexão entre pessoas. As redes sociais, a serem tratadas neste tópico, são grupos de pessoas conectadas entre si por relações de naturezas diferentes: trabalho, família, amigos, vizinhança, esportes, associação ou mero conhecimento. Vínculos esses, que podem transmitir confiança, apoio mútuo, poder, e assim por diante.

As redes sociais também são um recurso importante para quem se move: incluem relacionamentos entre migrantes, futuros migrantes, ou pessoas que retornaram ao país de residência. Elas contribuem para a construção da imaginação, relacionada ao processo de migração e ao país de instalação. Fornecem informações antes da partida e facilitam a decisão sobre e para onde migrar.

As redes sociais podem ser compreendidas, então, como o conjunto de pessoas, organizações ou instituições sociais que estão conectadas por algum tipo de relação, podendo inclusive se sobrepor inúmeras vezes dentro de um sistema de relações. As redes migratórias seriam, então, uma espécie de rede social, precedida por outras redes que se adaptam ao objetivo de migrar, como as relações de parentesco, amizade, trabalho, etc. (MATOS; BRAGA, 2014, p. 5 apud. SOARES; FAZITO, 2002).

A maioria dos migrantes se deslocam com um objetivo específico, para Massey et. al. (1993), geralmente é em busca de melhoras em seu *status* ou bem-estar da família, na

construção de uma casa, no pagamento da escola, na compra de terras, na aquisição de bens de consumo. Além disso, a disjunção nos padrões de vida entre sociedades desenvolvidas e em desenvolvimento, significa que mesmo os baixos salários no exterior, parecem ser generosos para os padrões de muitas comunidades locais. Ainda segundo os autores, as redes de migrantes são conjuntos de laços interpessoais que conectam migrantes, ex-migrantes e não migrantes nas áreas de residência e instalação, através de laços de parentesco, amizade e origem comunitária compartilhada. As conexões de rede constituem uma forma de capital social, que as pessoas podem utilizar para obter acesso a empregos no país de instalação.

Corroborando com esse conceito, Abad (2001) afirma que, as existências desses laços aumentam a probabilidade de migração. Segundo o autor, existem vários aspectos que a teoria das redes sociais analisa, entre eles: a função dessas redes na estruturação de decisões individuais e familiares para migrar, e na promoção e direcionamento do fluxo total de migrantes; o importante papel da família na chegada e integração no país de instalação, com a consequente redução de custos e riscos; a transmissão de informações; as relações antes e depois da migração; a transformação do registro migratório; e a capacidade da rede de se perpetuar temporalmente, às vezes se tornando independente dos motivos que as efetivaram.

A “transmissão de informação”, foi primordial no processo migratório de Vaneza, pois, a informação da oportunidade de migração para obtenção de emprego, com ganhos possivelmente maiores que no Brasil, chegou à sua mãe através de um amigo, o qual já havia migrado para a Guiana Francesa, estava trabalhando nesse país, e retornou ao Brasil brevemente, com o objetivo de realizar benfeitorias na sua casa.

No caso de Marta, houve também uma clara influência familiar na sua decisão de migrar, que por consequência, estava ligada ao seu casamento com um migrante brasileiro residente na Guiana Francesa. No entanto, com o passar dos anos, essa migração “matrimonial” ou por motivos de matrimônio, se tornou independente das razões que as efetivaram, pois, Marta separou-se do então esposo, todavia, permaneceu em uma migração independente, trabalhando, morando sozinha e constituindo um novo relacionamento amoroso.

Nos estágios iniciais de chegada, as redes sociais permitem que o migrante tenha pontos de referência: pessoas que falam sua mesma língua; que provêm de um contexto cultural semelhante; que forneçam potencialmente uma primeira acomodação; que facilitem contatos na procura de emprego; e tenha as ferramentas para resolver problemas do cotidiano, como, lidar com aspectos burocráticos de documentação ou acessar serviços.

A mãe de Vaneza se utilizou dessas redes assim que chegou a Guiana Francesa, através delas, obteve uma menor dificuldade para se integrar, obter emprego e estabelecer residência. Mesmo com todas as dificuldades que a migração implica, Vaneza chegou em um território em que seu processo de integração se tornou mais fluido, devido a essas redes já existentes, através de laços familiares, de amizade, entre outros.

Nesse contexto, é importante ressaltar que, de acordo com Guizardi et. al. (2018), as mulheres têm assumido protagonismo nos processos migratórios internacionais. A invisibilidade feminina é especialmente controversa em contextos sul-americanos, devido ao papel relevante das mulheres nos grupos de migrantes de diferentes países. São elas que começam o processo migratório internacional, que mobilizará suas comunidades de origem, atuando como os pontos nodais das redes sociais que tendem a se transnacionalizar progressivamente, como no caso da mãe de Vaneza.

No entanto, para Marta, o processo de integração foi mais difícil, pois, a mesma afirma que no seu contexto de ida e chegada à Guiana Francesa, não possuía uma rede social composta por pessoas de referência; além do seu então esposo, que tivesse a mesma nacionalidade que a sua, morasse próximo ou pudesse desenvolver amizade. Marta migrou com 18 anos, uma jovem já escolarizada até o ensino médio, então, seu processo de conhecer e se adaptar ao país de instalação, de se comunicar com os moradores locais, foi mais difícil, se comparado a Vaneza, que chegou com uma rede social estabelecida.

Em uma perspectiva comparada, de acordo com Joseph (2019), na mobilidade haitiana, a relação entre as pessoas que partem e ficam é estremecida permanentemente em movimento, pois, a mobilidade molda como se dá essas relações. Nessa análise, esse é um fato esse central e elemento constitutivo das suas sociabilidades, assim como a ajuda financeira aos familiares que ficam é algo essencial para que a migração seja “de sucesso”, valorizando assim, o significado da sociabilidade e da mobilidade por questões socioeconômicas. Assim, como grande parte dos haitianos possuem a passagem só de ida, visando permanência no país de instalação, Marta também migrou somente com passagem e visto de entrada, objetivando residência e ajuda econômica aos seus familiares que ficaram no Brasil.

Além da integração natural influenciada pelo sentimento de pertencimento ao mesmo país de origem, que se manifesta principalmente nas festas anuais; como no caso da Festa Junina realizada na Guiana Francesa pela comunidade brasileira. Há também outras formas de interações, “tanto quanto o parentesco e a amizade, ocorrem de forma eventual em todos os

espaços na vida do migrante, mas são reforçados e se desenvolvem com maior regularidade nas organizações voluntárias”. (FUSCO, 2001, p. 24).

Mesmo em tempos de dificuldade, as redes sociais, no contexto migratório, destacam seu potencial, favorecendo os processos de ajuda mútua ao longo do processo. Tais redes, não são estáticas: elas evoluem com o tempo, também seguindo o movimento de migração real. Esses processos de ajuda mútua e solidariedade, veremos mais adiante, no tópico sobre redes virtuais.

De acordo com Martins, Superti e Pinto (2015), se ao chegar ao país de destino o migrante já possuir uma rede de pessoas que possam se relacionar, sejam eles amigos, familiares ou colegas, os riscos de uma migração sem sucesso, se minimizam. Assim, seria estabelecida uma relação de confiança nas fontes de informação sobre as formas de estabelecimento e integração na sociedade de instalação.

Entretanto, as redes sociais podem se fortalecer e enfraquecer temporalmente. Nesse sentido, Hagan (1998) destaca que essas redes têm potencial de mudar para diferentes segmentos da comunidade do migrante e, com isso, ter efeitos díspares no processo de integração ao país de instalação. Martins, Superti e Pinto (2015), afirmam que, no caso dos migrantes brasileiros na Guiana Francesa, eles se utilizam dessas redes sociais para diminuir as tensões iniciais da chegada, a solidariedade é o que as sustentam e fortalecem.

Outrossim, esses laços também podem ser permeados por conflitos, como afirma Vaneza: “... aqui ninguém ajuda ninguém, a única pessoa que ainda serve, que ainda tá ajudando é eu, todo mundo sai correndo de problema”, ao se referir a atos de solidariedade entre brasileiros.

De forma curiosa, inúmeros depoimentos de brasileiros em Caiena atestam essas situações de falta de solidariedade. Uma das frases mais repetidas nas entrevistas feitas num documentário sobre a vida dos brasileiros na Guiana Francesa foi esta: “os brasileiros são uma classe muito desunida aqui”. (PINTO, 2012, p. 64).

Em vários momentos das entrevistas, Vaneza e Marta relataram também, episódios de conflitos nas interações sociais entre brasileiras e guianenses. Sobre isso, Silva (2015) afirma que, para compreender essas tensões vividas, deve-se lembrar que as sociedades crioulas foram historicamente construídas em uma relação de subordinação aos países colonizadores que as viram nascer. Dessa forma, essa relação, feita de conflitos e desentendimentos, continua sendo decisiva nas formas de se relacionar nas sociedades contemporâneas.

Marcadas por histórias violentas, as sociedades crioulas têm dificuldade de se fortalecer, tanto política quanto economicamente e nos campos culturais. Os guianenses não fogem dessa realidade porque o sistema socioeconômico construído marcou profundamente as bases de sua organização social e o contexto em que uma sociedade poderia se desenvolver em sintonia com os desenvolvimentos contemporâneos em nível internacional. Assim, nessas bases, as relações intercomunitárias foram forjadas na Guiana, onde os sinais de continuidade histórica em termos de relações sociais, culturais e econômicas assimétricas estão claramente presentes, particularmente nas instituições e órgãos responsáveis pelo acolhimento, apoio e integração dos migrantes. (SILVA, 2015, p. 176).

Sobre as motivações da migração de brasileiras para a Guiana francesa, tem-se uma forte percepção de que a maioria delas, sejam por motivos socioeconômicos. Entretanto, deve-se observar que muitos projetos migratórios são constituídos através de laços originados nas mais diferentes áreas da vida dessas migrantes, isso inclui, por exemplo, as migrações familiares, matrimoniais, por motivos de missões religiosas, entre outras, que podem inclusive estarem ligadas umas às outras.

Considerar o comportamento de outros não somente no sentido de considerações formais das transações de mercado, mas no sentido de expectativas substantivas ligadas à sociabilidade. Devido à virtude da cooperação em grupos humanos – de famílias a igrejas e associações – indivíduos adquirem um quadro de privilégios e obrigações que simultaneamente amplia e restringe as possibilidades de cada um. As vantagens proporcionadas pela intensa utilização desses laços sociais no contexto migratório influenciam de tal modo as opções do migrante, que os fatores estritamente econômicos e individuais deixam de ser exclusivos na explicação do fenômeno. [...] Em sua maioria, os potenciais migrantes não adquirem a informação necessária para sua decisão através de análises científicas ou dados sobre diferenças salariais e condições de mercado de trabalho, mas através de estruturas de comunicação de seu próprio âmbito de vida. Ou seja, a informação sobre as possibilidades de trabalho, condições de vida e aspectos jurídicos nas regiões de destino é adquirida quase exclusivamente através de relações pessoais de confiança, nas quais a família tem enorme influência. (FUSCO, 2001, p. 16-18).

Esse foi o caso de Marta, que migrou para acompanhar seu marido e também para oportunizar uma condição financeira melhor para si e para seus familiares que ficaram no Brasil. Como dito, a sua decisão de migrar foi fortemente influenciada pela sua família, e não teria sido possível sem o estabelecimento do laço afetivo com um brasileiro que residia na Guiana francesa e estava de passagem pelo Brasil. Pois, até então, a possibilidade de migrar não fazia parte dos seus horizontes de possibilidades.

Em seu trabalho “As mulheres voam com seus maridos: A experiência da diáspora palestina e as relações de gênero”, Denise Jardim (2009) explica que os arranjos matrimoniais não estão necessariamente, ligados a submissão feminina, mas pode ser algo pensado pelas mulheres (mães e filhas) como parte de um delicado debate sobre as possibilidades emancipatórias – ora valorizando a própria emancipação da filha, ora se casando, como parte de um caminho de sucesso feminino, que englobaria também não só a relação matrimonial, mas as demais áreas da vida da mulher. Considerações essas, perceptíveis na história de migração de Marta.

Marta não possuía uma rede de pessoas; amigos, familiares ou colegas, que mitigassem o seu processo de integração em solo francês, e o seu deslocamento a Guiana Francesa, só se deu de forma confortável e documentada, através do seu esposo, o responsável pela parte “burocrática” desse processo, através da obtenção de passaporte com visto.

Contudo, segundo Silva (2015), emergem duas percepções distintas de integração social da mulher brasileira na Guiana Francesa: por um lado, um sentimento dominante de integração, favorecido por um perfil socioprofissional valorizador, que coopera seu desenvolvimento pessoal. Por outro lado, um sentimento da não integração, pelos estereótipos negativos sobre a comunidade de brasileiras, isso também pelo fato de, muitas vezes, elas serem percebidas como “a estrangeira”<sup>50</sup> pela sociedade de instalação, e pela estigmatização, em especial no caso de brasileiras e dominicanas, ainda muito associadas a prostituição.

## 6.2 REDES VIRTUAIS

Tempo e espaço são pontos relevantes no mundo constantemente conectado de hoje. De acordo com Castells (1999), as funções e os processos dominantes na era da informação, organizam-se cada vez mais em torno de redes, as quais constituem a nova morfologia social de nossas sociedades. Embora a organização social em redes já exista desde outros tempos e espaços, as TICs fornecem bases materiais para a sua expansão, penetrante em toda estrutura social.

Essas redes, então, são desenvolvidas no ambiente virtual, mediadas por tecnologias como, a internet e aparelhos eletrônicos. Apesar de serem desenvolvidas em um ambiente não físico, promovem relações e aproximações por afinidades eletivas, instaurando e reproduzindo

---

<sup>50</sup> Questão discutida por Giralda Seyferth, em “Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda que no campo político”. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008.

no ambiente virtual, vínculos desde superficiais a fortes e duradouros. Produzindo assim, uma “sociabilidade baseada em aspirações convergentes”. (MORAES, 2007, p. 3).

De acordo com Peruzzo (2013), as redes virtuais (Facebook, WhatsApp, entre outras) se constituem em canais de informação, em ambientes comunicacionais, em pontos de encontro, enfim, em redes e, às vezes, até em comunidades virtuais. Facilitando então, os relacionamentos (entre os que estão conectados), a articulação entre as pessoas, e ações conjugadas (acertos de dia, local e hora para encontros presenciais). Rheingold (2004) e Sá (2001), definem comunidades virtuais como uma rede de relacionamentos habilitados por ferramentas digitais, cujas agregações sociais emergem na internet, formando teias de relações sociais.

Vaneza, é uma migrante brasileira em constante conexão com outras pessoas, principalmente mulheres, na Guiana Francesa e no Brasil. Grande parte dos seus relacionamentos, articulações e ações, são desenvolvidas por meio, a partir, e/ou combinação com as redes virtuais. Com isso, pode-se dizer que o seu perfil pessoal no Facebook, Grupo administrado e a Página criada por ela, constituem-se em redes de sociabilidades, individual e comunitárias. (WELLMAN, 2002; CASTELLS, 2003).

Nesse sentido, os perfis pessoais e páginas criadas e administradas por uma pessoa, podem ser compreendidas como elementos identitários dela, seriam extensões da própria percepção que ela tem de si, da sociedade em que habita, habitou ou se mobiliza. (RECUERO, 2006).

#### VIREI UMA VOZ?

Ando me questionando se realmente virei uma voz dentro da comunidade brasileira na Guiana francesa.

Tenho que explicar um pouco sobre isso: o meu número de telefone é acessível e muitos têm, recebo pedido de ajuda ou informação de toda parte da Guiana francesa, Brasil e Europa. Algumas vezes tento explicar que nem tudo posso resolver, mas indico as pessoas como devem fazer ou peço ajuda para outras pessoas que sei que poderão indicar.

Hoje às 06h, recebo um pedido de ajuda: "Você pode me ajudar?", eu respondo: "tem muita coisa que não é da minha competência e quando eu não sei eu peço ajuda." A senhora deveria ter uns 67 ANOS, então eu estou sozinha na Guiana francesa, não tenho família, estou fraca e fiz o teste do COVID-19 e ainda não tive resultado. Não estou me sentindo bem, como faço? Nesse caso, a senhora vai ver o seu médico e peça para ir até o hospital de campanha. Mas eu não lembro onde ele foi instalado. Mas antes tente se acalmar, sei que não é fácil! A senhora tem que tentar. Ela foi para o médico, foi até o hospital de campanha, recebeu o resultado do exame que ela tinha feito, deu negativo. Ela ficou no hospital porque na angústia não estava mais nem comendo de tanto medo. Ela ficou em relação comigo via WhatsApp, ela me contou que ainda está no hospital.

Na verdade, ela precisava de uma palavra amiga e alguém para reconfortar o seu medo. Não tendo ninguém para dar esse apoio, ela ligou para mim. Se isso a deixou feliz é o mais importante. Sei que os nossos idosos muitos estão com medo dessa doença. Eu compreendo perfeitamente.

Isto é uma ação de humanismo, onde você ajuda o outro só com uma palavra amiga. (Facebook de Vaneza, julho de 2020).

A partir desse relato, podemos compreender a maneira como as sociabilidades e identidades são percebidas e desenvolvidas no contexto das redes virtuais. Abaixo, segue o conteúdo de uma publicação em que Vaneza reflete a questão da xenofobia e machismo, vivenciada por ela: “Eu sou super delicada. Queria jogar a pedra na cara da pessoa: “olha a brasileira independente. É igual o povo que diz: porra você fala? Isso não é preconceito?” (Facebook de Vaneza, dezembro de 2020).

De acordo com Doring (2002), as páginas pessoais na internet, não podem mais ser entendidas como uma entidade homogênea e estática, mas como uma estrutura dinâmica e múltipla, composta de vários aspectos próprios. A pessoa desenvolve nesses espaços, percepções de si, que constituem as vozes de um diálogo interno, combinado com aspectos próprios que compreendem todo o conteúdo relacionado a si e aos processos que atuam sobre ela, com “sub-identidades”. Ainda segundo o autor, a página pessoal está sempre "em construção", pode ser regularmente atualizada para refletir as últimas auto concepções de quem a administra, como pode-se perceber na publicação abaixo:

Hoje foi um daqueles dias, deveria ter ficado dormindo: 1: email desativado até 10h. 2: agressão via WhatsApp. 3: comunicado de imprensa preconceituoso falando dos brasileiros da Guiana Francesa. 4: Nada deu certo. Uma droga! Uma praga tudo isso! (Facebook de Vaneza, dezembro de 2020).

Na sessão de comentários dessa publicação, percebe-se alguns relatos de brasileiras, que também relataram incômodo na forma como a comunidade brasileira é vista pelos guianenses, e como isso se aguçou no contexto pandêmico da covid-19.

**Figura 25:** Comentários de brasileiras na publicação de Vaneza.

**Fonte:** Facebook de Vaneza, dezembro de 2020.

É importante destacar que, mesmo que Marta, não se mantenha tão ativa nas redes virtuais quanto Vaneza, ainda assim, ela as utiliza, de formas diferenciadas. Marta não utiliza do Facebook e WhatsApp como extensão de si, das suas vivências, experiências, e da sua forma de ser/estar no mundo. Mas, principalmente, como uma forma de se manter em comunicação de forma rápida e funcional, com familiares e amigos que moram distantes, no Brasil ou França; para participar de um único grupo, de compra e venda; e para contatos profissionais.

No Facebook, as publicações de Marta são raras, apenas algumas fotos publicadas muito esporadicamente, aparenta ser uma forma de atualizar os que compõem a sua rede virtual, de como está, responder comentários, ou conversar com aqueles que não tem contato por meio do WhatsApp; principal rede virtual de sua utilização. Marta afirma ser muito ocupada, e que nos seus períodos de folga prefere manter-se offline, para interagir com suas netas e namorado, residentes na Guiana Francesa.

### 6.2.1 GRUPO PRIVADO “UNIÃO DE MULHERES MIGRANTES”

De acordo com Elahajji (2007), num mundo globalizado, a estruturação organizacional da sociedade em redes, apoiada nas Novas Tecnologias de Informação e de Comunicação

(NTICs), favorece a multiplicidade de sensibilidades e subjetividades transnacionais, que ultrapassam as fronteiras espaciais e prescindem de toda ancoragem formal no mapa estatal oficial.

Hoje, com o barateamento e a popularização das tecnologias de comunicação e, ao mesmo tempo a sua sofisticação, ampliação de seu campo de ação, aumento de sua acessibilidade, facilitação de seu manuseio e sua definitiva universalização, se pode notar que praticamente todas essas comunidades dispõem de um impressionante arsenal de meios de comunicação comunitária – tanto local como transnacional. Salto tanto quantitativo como qualitativo que reinventou, por completo, a prática de comunicação comunitária cultural e deu um impulso decisivo na reorganização das comunidades étnicas, seu “reavivamento”, seu religamento à sociedade e cultura de origem e sua inserção na nova dimensão transnacional. (ELHAJJI, 2012, p. 36).

O grupo privado destinado somente às mulheres brasileiras na Guiana Francesa, pode refletir também, o que Cogo (2012) chama de diáspora migratória, a qual não desempenha somente papel de suporte facilitador no país de instalação, mas também favorece e ativa processos de elaboração identitária, que conduzem à própria existência de uma diáspora.

Neste sentido, as redes virtuais, mais especificamente, o grupo “União de Mulheres Migrantes”, pode operar, no contexto das fronteiras simbólicas/virtuais, através do fortalecimento e desejo de vinculação umas às outras, possibilitando a construção e compartilhamento de imaginários simbólicos comuns entre essas mulheres, “em um tempo em que as diásporas são fluidas, móveis, flutuantes, contemporâneas e em permanente via de constituição”. (COGO, 2012, p. 48).

Como dito anteriormente, o grupo em questão é destinado somente às mulheres brasileiras que habitam na Guiana Francesa. Além da nacionalidade em comum, existe uma forte ligação em termos de gênero, tanto pelo fato de homens serem proibidos de participar do grupo, quanto pelo conteúdo das publicações realizadas pelas integrantes.

Parte das publicações encontradas no Grupo são relativas a informações e alerta sobre abuso e violência contra mulher e sobre feminismo, não especificamente à mulher migrante, mas de forma geral. Tais publicações trazem temáticas como: relacionamento abusivo, violência doméstica, abuso sexual contra criança, entre outros. Como podemos ver no trecho abaixo, publicado no grupo:

Mulheres que criticam outras mulheres são inimigas do feminismo. Frustradas pela discriminação de gênero, o assédio e os padrões absurdos de beleza, as mulheres canalizam sua raiva contra outras mulheres. É mais fácil julgar uma

colega que lutar contra o patriarcado. Mas o feminismo não vai evoluir se não pararmos de enxergar nossas diferenças como pontos de conflito. (MARIA, julho de 2020).

Há também relatos de violências e abusos. Algumas mulheres vislumbram o quanto a migração pode impactar diferentemente homens e mulheres, alegando que, por serem migrantes brasileiras, muitas vezes são associadas a prostituição. Também sentem que sofrem preconceito pela sua condição de migrante e por não saberem fluentemente a língua francesa. Abaixo, algumas de suas publicações a respeito:

Não podemos pagar todas, por besteiras de certas! Isso é injusto! Devemos expressar nosso desacordo com tudo isso! Não podemos aceitar! Somos muito trabalhadoras e não podemos aceitar que nos diminuam a simples prostitutas! (ADM 2, dezembro de 2020).

Somos humilhadas, eu mesma tenho trauma de ir a certos órgãos públicos. (JOANA, dezembro de 2020).

Eu muitas vezes fui humilhada por não saber falar bem o francês, mas nunca me deixei abater, caminhei, porque quem anda com Deus anda com tudo, eu tenho muita fé em Deus, muita mesmo, não me deixa abalar por nada, sigo em frente. (ELEN, dezembro de 2020).

Faz alguns dias que ando recebendo de uns homens escrotos. Os safados dizem assim: oi, estou atrás de uma mulher para fazer programa! Porque você me liga para fazer essa pergunta? É porque soube que você tem um grupo de mulher. Depois eu mando se lascar e ameaço de denunciar jogar o número na net. Confesso que ando extremamente irritada com essa brincadeira de mau gosto. (ADM 2, janeiro de 2021).

Observa-se ainda, algumas publicações relativas à tentativa de mulheres, de se unir a outras, visando tentar mudar realidades compartilhadas por elas. Cabe destacar, o trabalho realizado por essas mulheres, principalmente pela Vaneza, que é “Adm 2” do presente grupo, a qual vem desenvolvendo um importante papel de liderança nas redes virtuais, e em meio aos migrantes brasileiros na Guiana Francesa.

Essas mulheres agem como líderes nas suas comunidades, principalmente durante as crises. Um exemplo foi a construção de esforços em busca de soluções concretas para a comunidade migrante, como pode-se ver abaixo na criação de uma “petição online pela Abertura da fronteira Amapá-Guiana francesa”, criada por Vaneza.

PETIÇÃO ONLINE PELA ABERTURA DA FRONTEIRA AMAPÁ - GUIANA FRANCESA.

440 assinaram.

Excelentíssimo Presidente Jair Messias Bolsonaro, Estamos há 2009 KM de Brasília no município de Oiapoque, fronteira com a cidade de Saint-Georges de l'Oyapock (Guiana francesa). Após a solicitação do governador do Amapá para o fechamento da fronteira, foi promulgado na portaria 125 (19/05/20), incluindo a faixa com a Guiana francesa no extremo norte do país. Hoje os brasileiros radicados solicitam uma abertura programada em conjunto com a Guiana francesa. O Amapá é um ponto de apoio muito importante para os brasileiros radicados na Guiana francesa. Devido o número reduzido de funcionários no consulado-geral em Caiena e a forte demanda para renovação de passaportes. O consulado-geral de Caiena necessitada de mais funcionários para apoiar o trabalho. Atualmente funciona em sub-efetivo devido a PANDEMIA. Os brasileiros necessitam na medida do possível (respeitando um protocolo se possível) ir fazer sua documentação no Brasil. É uma solução para não sobre carregar o consulado-geral que não vai conseguir suprir as necessidades da comunidade brasileira. O cidadão precisa estar legalizado no país. Esperamos assim, excelentíssimo Prédidente que vossa excelência possa responder nossa solicitação. #NINGUEMFICAPARATRÁS (ADM 2, junho de 2020).<sup>51</sup>

Algumas publicações são relativas a pedidos de informações, em geral, pertinentes a realidade local das mulheres na Guiana Francesa, como, perguntas sobre lugares para arrendar apartamentos; agências de emprego; inscrição de filhos nas escolas, entre outros.

Cria-se no grupo, algumas redes de solidariedade entre essas mulheres, que não se limitam as brasileiras que residem na Guiana Francesa, mas chegam também às mulheres; principalmente mães solas, habitantes das localidades fronteiriças, como Vila Vitória e Oiapoque. Essas ações fortalecem-se nos grupos de WhatsApp, como relatado por Vaneza.

Ontem no grupo 1 brasileiros na Guiana Francesa ajudamos a Mariana. Ela estava na rua depois da separação com o seu esposo. Eu ajudava ela há 6 meses. Sei da sua luta! Ela passou uma noite me pedindo ajuda. Alguns de vocês sabem o que aconteceu comigo e o quanto eu fiquei chateada. Então tinha dito que não ia fazer, mas vendo o desespero dela. Comecei a fazer a campanha e conseguimos 420reais. O dinheiro foi direto para conta dela. Nada veio na minha mão. Então eu prefiro quando as coisas acontecem assim. Obrigada a todas! Espero que poderemos ajudar as mulheres da nossa comunidade. (ADM2, junho de 2020).

Temos uma mãe de família precisando de ajuda, ela tem três crianças de 1 anos, 07 anos e 11 anos. O marido dela está hospitalizado ela se encontra em dificuldade. Então temos uma conta bancaria e vamos ajudar como podemos: 3e, 4e ou 5e para ajudar essa família. Sabemos que hoje todos nós passamos por dificuldades, mas se cada um ajudar um pouco poderemos ajudar essa família. É só você acessar o botão WhatsApp, vou lhe repassar o RIB para

<sup>51</sup>Disponível

em:

[https://secure.avaaz.org/community\\_petitions/po/abertura da fronteira amapaguiana francesa abertura da fr\\_onteira amapa guiana francesa /](https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/abertura_da_fronteira_amapaguiana_francesa_abertura_da_fr_onteira_amapa_guiana_francesa/). Acesso em 13 de maio de 2021.

fazerem o depósito. Depois vocês mandam o print. Vamos ser solidários, hoje pode ser ela, mas quem sabe amanhã pode ser um de nós. (ADM 2, julho de 2020).

O #Mutirão(virtual)#nãoPara, continuamos precisando da sua ajuda! 200 crianças. Pacote 📦 que vamos deixar na casa delas: hot dog, suco, pipoca, lembrancinhas. Contamos com sua ajuda! +594 XXX XXXXXX (WhatsApp)

**Figura 26:** Mutirão virtual para natal solidário de crianças em Vila Vitória (AP)



**Fonte:** Grupo Privado “União de Mulheres Migrantes”, 2020.

#### #MUTIRÃO MÃE SOLTEIRA

Fralda. Produtos para bebês. Vamos lá ajudar! 📦🙏. Nunca sabemos o dia de amanhã! (ADM2, dezembro de 2020).

Após análise de conteúdo, das publicações e interações existentes no grupo, pode-se perceber que o mesmo propicia, principalmente, um espaço virtual de encontro entre as mulheres brasileiras que residem na Guiana Francesa. Tal afirmação é possível através da análise dos dados obtidos nesse grupo, as publicações com os maiores números de interações; seja por curtidas, reações ou comentários, acontecem através dos relatos de experiências vividas por essas mulheres na Guiana Francesa, os quais a ampla maioria se identifica de alguma forma. O grupo é atualizado com publicações diariamente.

Há também um forte compartilhamento de ações solidárias, que visam ajudar não somente as mulheres ou crianças habitantes da Guiana Francesa, mas também, da comunidade e município fronteiriço; Vila Vitória e Oiapoque. Essas ações são compartilhadas no grupo privado de mulheres, mas suas articulações são desenvolvidas principalmente através dos referidos grupos de WhatsApp, mencionados pela minha primeira interlocutora, e realizadas nos lugares designados.

O que se observa são os entrelaçamentos dos meios de sociabilidades, das interações desenvolvidas por essas mulheres, as quais não se limitam somente aos lugares físicos, mas também no ambiente virtual, através das redes virtuais. Essas interações ou conexões, ultrapassam as fronteiras territoriais, se evidenciando e desenvolvendo também entre fronteiras simbólicas e/ou virtuais.

### 6.2.2 PÁGINA “BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA”

Administrada exclusivamente pela primeira interlocutora, Vaneza, a página “Brasileiros na Guiana Francesa” é pública, e descrita no Facebook como um meio de difundir informações essenciais de cunho administrativo, podendo atuar como ponto de encontro para brasileiros, ajudar os “compatriotas” de forma geral, e como um facilitador de trocas de informações entre brasileiros que residem na Guiana Francesa.

**Figura 27:** Página Inicial “Brasileiros na Guiana Francesa”.



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2021.

Ao clicar em “avaliações”, pode-se ter um feedback dos usuários da Página, sobre a satisfação com as publicações, ou uma opinião geral sobre as ações da página. Conforme a avaliação dos seus seguidores, a mesma possui avaliação de nota 4,8 de um total de 5, com base na opinião de 39 pessoas, até março de 2021.

Abaixo, seguem alguns dos comentários deixados pelos seguidores da Página, com as respectivas datas de publicação, em ordem aleatória, assim como se encontra nela. Os comentários são deixados através da seguinte pergunta “Você recomenda a Página Brasileiros na Guiana francesa?”. Para a não identificação dos seguidores, utilizo a letra H, quando o comentário foi feito por um homem, e M quando feito por uma mulher.<sup>52</sup>

- H – “Recomendo, bem informativa, realidade”. 15/04/2020  
 H – “Ótima bem informativa, atualidades”. 16/11/2019  
 M – “Bom, gostei mt do lugar e oportunidades de trabalho tbm”. 13/11/2019  
 M – “Eu gostei e recomendo; mas queria informações de trabalho na área da beleza como esta....alguém manda ai ok?”. 16/03/2019.  
 M – “Esse grupo foi uma ótima ideia assim podemos ajudar uns aos outros... V... minha vizinha parabéns vc tem tudo pra ir longe”. 04/04/2019.  
 M – “Sou brasileira e tenho amigos lá e tenho interesse em conhecer a Guiana”. 15/12/2018  
 H – “Um Lugar bom e apreciável, eu gostei do povo Guianense, venha conhecer a Guiana. 26/05/2020  
 H – “Integração entre os irmãos é muito importante”. 22/01/2020  
 M – “Quero ajuda de vcs pois estou a procura de um cunhado meu q a anos não dar notícias e não temos nenhum meio de conseguir notícias dele. ele se chama Antônio castro do vale. Desde já grato pela ajuda...ele é cearense, mas, é naturalizado ae. trabalha em garimpo e não temos notícias nem se está morto, ou preso, ou em garimpo clandestino só sei q estamos desesperados...nos ajude e seremos gratos...”. 12/07/2019  
 M – Um bom veículo de integração entre brasileiros na Guiana francesa”. 11/11/2018  
 H – “Confiável, pela organização do grupo”. 8/8/2019  
 M - “HERMES SOUSA SILVA ANO 1979. Filho de ZULEIDE. Procuo ele, saiu de Marabá Pará a Guiana francesa, não visto mais, ele é meu pai, ajudem me como puderem alguém conhece ele, ele é baixo cor: claro. e ele era ã sei ainda si é de CAIENA aí na Guiana francesa”. 18/02/2019  
 H – “É muito legal que mostra todas as informações sobre a Guiana Francesa. Aliás eu gostaria de saber se atualmente vale a pena alguém tentar uma vida melhor na Guina Francesa? Tenho vontade de morar aí”. 30/07/2019  
 H – “Podemos nos comunicar, tirar dúvidas e ficar por dentro das atualidades aki na guyana”. 25/01/2019.  
 H – “Bom pra interagir entre as comunidades. Brasil & Guyana Francesa”. 30/07/2019  
 M- “Através deste grupo eu sou informada todos os dias os acontecimentos, eu visito está página inúmeras vezes por dia”. 09/07/2020  
 H - “porque tenho amigos aí e estou a procura dele”. 13/05/2020  
 H – “Sim pous podemos interagir com nossos conhecidos”. 02/09/2019  
 M - “Essa página é de suma importância para quem tem parentes ou amigos que trabalham nos garimpos”. 17/11/2018.

<sup>52</sup>Disponível em: [https://www.facebook.com/Brasileiros973/reviews/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Brasileiros973/reviews/?ref=page_internal). Acesso em 13 de março de 2021.

M – “Informação, entretenimento uma forma muito útil para manter nos brasileiro que moramos na Guiana Francesa, estamos por dentro de tudo que rola em Nossa comunidade”. 20/07/2019.

H – “Informações que nos ajuda a aproximar Brasileiros de franceses”. 25/12/2020

H – “A Guiana Francesa é um paraíso, é o meu sonho morar trabalhar estudar e construir uma família em Cayenne”. 14/03/2019

M – “Porque aqui ficamos informado de tudo”. 03/09/2019

H – “Uma página q realmente trata de assuntos relacionados aos imigrantes brasileiros q vivem na Guiana Francesa. Divulga fatos importantes e de interesse da comunidade. Parabéns a fundadora!”. 12/06/2019

M – “Quero fazer uma nova amizade com o grupo!”. 002/04/2020

H – “Informações sobre trabalho né notícias atualizadas”. 22/09/2018

M – “Que todos sejam solidários uns ao outro”. 03/12/2018.

M – “Importante para saber notícias”. 25/11/2018

PG. CONSULADO-GERAL DO BRASIL CAIENA - “Página para contato com a comunidade brasileira na Guiana Francesa”. 18/06/2019.

Em entrevista, Vaneza afirma que criou o grupo há 7 anos, pois, percebeu uma falta de comunicação e troca de informações entre a comunidade brasileira na Guiana Francesa, para além dos meios tradicionais, como: telefone, televisão, cartas e interações presenciais.

Quando eu cheguei na fronteira, eu senti que não tinha comunicação aqui dentro, as pessoas não sabiam de nada, e nessa época as redes sociais ainda não tinham chegado aqui, sendo que eu cresci nas redes sociais, eu cresci com o facebook, o facebook no meu tempo em 2007, 2008, era só estudante que tinha, era uma coisa só pra estudante e depois aquilo democratizou geral, aí todo mundo tava no Facebook, e aqui ninguém usava. Eu pensei “cara, não tem comunicação aqui dentro, vou fazer uma página” aí eu fiz a página, (...) foi uma iniciativa minha. (Videochamada, março de 2021).

Perguntada sobre o objetivo da Página, afirma ser “informar, chocar, sensibilizar e se autoajudar”. Mostrar a realidade local, pois, segundo ela, existe uma idealização sobre a migração para a Guiana Francesa.

Eu já encontrei muitas pessoas que diziam que vinham pra Guiana Francesa, que ia ser maravilhoso, já vi gente sendo exploradas e não sabiam nem que era o Euro a moeda daqui. Então existe muita exploração. Então é explicar pras pessoas que exploração tem limites, e o exemplo é, você passa 50 anos trabalhando ilegal, você não contribui nem com a Guiana Francesa, nem com o Brasil, e quando você não tiver mais força de trabalhar? Aonde que você vai? A gente ajuda muitos casos de pessoas que voltam pra casa, pra perto da família quando estão no fim da vida, e muitas vezes já estão vivendo com dificuldade, entendeu? Meu objetivo maior é sensibilizar sobre imigração, dizer “óh, aconteceu isso, é difícil, não é fácil, você não chega e tem voz, consegue as coisas, tem todo um processo, você tem que ganhar seu espaço e é complicado”. Tirar a idealização da imigração, a imigração da cidade é

totalmente diferente da imigração do garimpo, nós temos imigrações de formas distintas, eu sou uma imigração da cidade, já sou a similar da realidade local, e a imigração do garimpo é uma outra realidade, então eu tento mostrar o que acontece aqui dentro pras pessoas verem, compreendeu? E mostrar a realidade local, que não é tão gloriosa como as pessoas pensam. (Videochamada, março de 2021).

Como administradora da Página, Veneza afirma que deleta muitas pessoas por não gostar que falem palavras de baixo calão, e atualmente conta com um amigo como coadministrador, apesar de ele não ser ativo na página; em caso de deletarem o perfil pessoal dela, ele se encarrega de adiciona-la como administradora novamente.

Eu já perdi a minha conta pessoal uma vez, me bloquearam no Facebook pelas minhas militâncias, e antigamente meu facebook era maior do que esse que tenho. Então sou eu que administro, sou eu que faço as montagens, eu que posto, eu que faço a tradução. Eu tento organizar o pessoal, tento organizar alimentação (para doações), tipo assim, eu tento fazer tudo, mas eu também incentivo as pessoas a tomarem iniciativa. Se você pesquisar grupos da Guiana, você vai ver que tem várias páginas hoje de brasileiros na Guiana, são pessoas que eu conheço e que tentaram fazer também essa iniciativa, e eu acho maravilhoso porque cria um laço no circuito de informação. Mas eu sempre digo, aonde eu tiver, tem uma norma, uma coisa que eu também não gosto é do preconceito que nós podemos ter as vezes com os guianenses, por exemplo, se o brasileiro veio pra cá (Guiana Francesa) não é da culpa dele (Guianense), é da sua culpa porque você veio pra cá, então você tem que se adaptar à realidade local, “ah, mas eu senti que sofro preconceito”, se você não quer sentir preconceito então você tenta se adaptar, tenta interagir, tenta trabalhar nas organizações, tenta ser voluntário, e você vai ver que você não vai sofrer nenhum problema. Agora se você fica no seu conforto e só sabe criticar isoladamente e não tenta dialogar, aí você vai se sentir sempre rejeitado. Então eu não me sinto, eu digo pra eles (brasileiros), que eles têm que me aceitar com minha dupla nacionalidade, que eu não vou ter vergonha de ser brasileira, não tenho vergonha de errar, eu não tenho vergonha de tentar unir essas duas realidades. (Videochamada, março de 2021).

Como Vaneza afirmou que já foi bloqueada no Facebook, perguntou-se a justificativa dada pela rede virtual para isso ser feito, segundo ela, nesse tempo ela não usava o seu nome pessoal, “eu usava um *pseudonyme*, e eles me denunciaram como se fosse uma conta *fake*. Eles queriam que eu declarasse a minha identidade”. Perguntada sobre o motivo de usar um pseudônimo, afirmou que naquele tempo do Facebook todo mundo tinha isso, era da sua realidade local.

Então aquilo (*pseudonyme*) ficou, não tinha necessidade de escrever como Vaneza, entendeu? Aí foi depois que me bloquearam, eles devem calcular quantas pessoas vão na tua página e clicam em denúncia, então foi assim que

aconteceu. Foi aí que eu criei essa nova Página. Daí a visualização cresceu muito. Eu ajudo também a encontrar pessoas desaparecidas, teve um caso muito interessante de uma família que entrou em contato comigo, “eu tô procurando meu pai, faz 42 anos que nunca mais vi meu pai” eu falei “sério mesmo?” Eu tava sem esperança de conseguir, eu falei “manda a tua história, teu número, eu vou colocar na página”. E ela mandou uma foto e tudo e aí eu encontrei o pai dela, a gente encontrou a família dela, o mais incrível da história é que o pai dela estava internado, o pai dela estava entre a vida e a morte, eu encontrei o pai dela um dia antes dele morrer, ele já tava quase perdendo o conhecimento já, enfim, é um exemplo, eu já encontrei várias pessoas, mas essa é história que me marcou bastante. A gente tenta se autoajudar, é o pessoal que se autoajuda. O pessoal vai fazendo print, vai mandando, vai se autoajudando. E eu vejo que ela cresceu bastante nesse nível de visualizações, de impacto, na verdade, principalmente durante a pandemia. Um exemplo foi o Oiapoque, o Oiapoque tava sem recurso, e eu tenho uma ligação muito grande com o município do Oiapoque, então eu comecei a fazer campanha virtual, e bombardear de postagens e vi que isso mexeu bastante com a bancada do Amapá, que em seguida reviu a situação e foi lá, e desbloquearam os recursos. Então tem coisas positivas que a gente faz através dessa página. (Videochamada, março de 2021).

Ao analisar as postagens da Página, percebe-se que outra rede virtual bastante utilizada pelas brasileiras na Guiana Francesa, são os grupos de WhatsApp, neles, elas interagem através de conversas informais, trocas de informações, fomento de redes de contato e solidariedade, entre outros. “Temos um grupo Zap: <https://chat.whatsapp.com/XX>. Uma forma de me conhecer e saber assuntos que estamos conversando no grupo. Agora quero saber: ‘É ruim ajudar o próximo?’ Eu não peço dinheiro e se um dia alguém fizer isso não sou eu”. (PÁGINA BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA, 2019).

**Figura 28:** Comentários em postagem falando sobre o objetivo da Página no Facebook e grupos de WhatsApp.



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2019.

No dia 13 de julho de 2019, a referida Página, compartilhou um alerta à comunidade brasileira que habita na Guiana Francesa e em Macapá, nele comunicava-se a informação de que um senhor de Saint-Georges estava perdido na cidade de Macapá. Essa informação já estava circulando entre os grupos de WhatsApp. Foi então, deixado o número para contato caso alguém o reconhecesse através da foto.

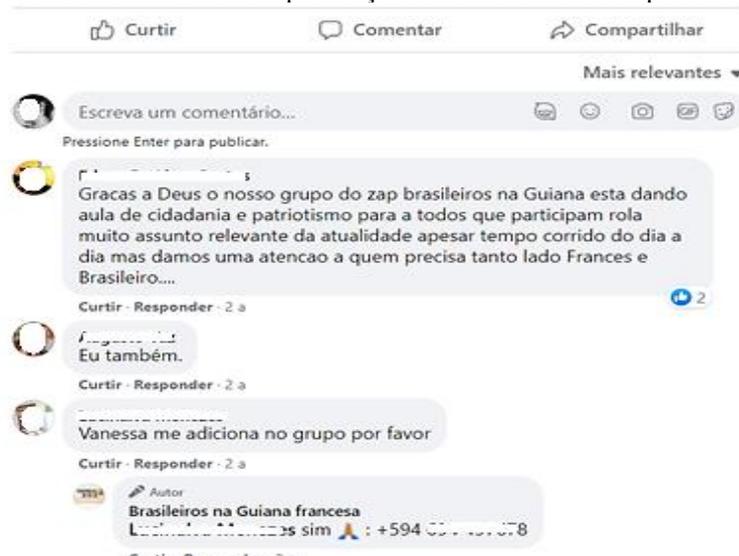
**Figura 29:** Busca por senhor perdido na cidade de Macapá



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2019.

Segundo publicação feita ainda no mesmo dia sobre o caso, através do grupo de WhatsApp da Página, conseguiu-se encontrar a família desse senhor. “Obrigada turma! Assim vamos conseguir e fazer a diferença”, afirmou Vaneza.

**Figura 30:** Comentários sobre a publicação do senhor encontrado pelos familiares



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2019.

Outras ações como essa, são frequentemente percebidas ao longo das publicações feitas na Página, como no caso do senhor Francisco:

Dia 04 de Agosto recebemos um pedido para entrar no grupo WhatsApp #BrasileirosnaGuianaFrancesa, a senhora #Rejane da Conceição nos informou que o senhor Francisco tinha sofrido um início de AVC estava internado em Caiena. Nesse momento encontramos o serviço que ele estava internado com ajuda da enfermeira #Carol. Em seguida encontramos uma madrinha #Rose que foi visitá-lo e repassar informação para sua família. Antes de tudo isso a família foi procurada pela Rejane no Maranhão. Depois de 17 anos a família recebia notícia do senhor Francisco. Após esse contato via WhatsApp com os filhos. Deveríamos encontrar uma solução para enviá-lo para casa. Com ajuda da #Cleide entrou em contato com o consulado relatando a história. A Rose foi conversar com as pessoas do consulado sendo que a Cleide já tinha adiantado o assunto. Eles ajudaram dando uma permissão para ele viajar. Rose foi pedir uma autorização para viajar para os médicos. A rose seguiu o seu Francisco do início ao fim. Ontem à filha do seu Francisco declara: “o meu presente foi encontrar o meu pai”. Ontem mesmo seu Francisco foi para casa de ambulância. Ele foi acompanhado pela Missionaria Ana uma senhora que desenvolve um trabalho aqui na Guiana Francesa há 7 anos. Não podemos esquecer da comunidade brasileira no Suriname que ajudaram a comprar a passagem do senhor Francisco. Quero lembrar que não somos uma organização, somos cidadãos simples cidadão e cada dia fazemos a diferença. (FACEBOOK, PÁGINA BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA, 2019).

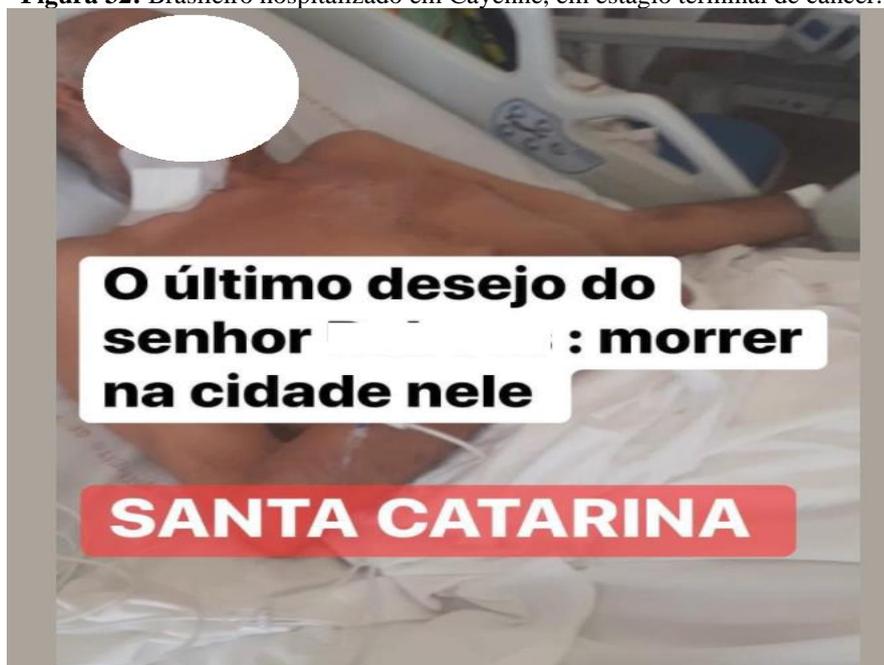
**Figura 31:** Reencontro do senhor Francisco e seus familiares após 17 anos.



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2019.

Há também, através da Página e dos grupos de WhatsApp ligados a mesma, outras ações, como: sopão solidário para pessoas carentes da cidade de Cayenne; campanhas solidárias para comprar passagens de retorno ao Brasil, para brasileiros em situação de vulnerabilidade social; arrecadação de doações para mães solo, brasileiras em situação de pobreza, tanto na Guiana Francesa, quanto no Brasil; pedido de ajuda a pessoas hospitalizadas sem condições de arcar com custos de fraldas e medicações, por exemplo; vaquinhas solidárias para comprar passagens àqueles que se encontram em estágio de doença terminal, e desejam passar seus últimos dias de vida perto de seus familiares, como podemos ver na imagem abaixo:

**Figura 32:** Brasileiro hospitalizado em Cayenne, em estágio terminal de câncer.



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2021.

Um caso trágico, que também mobilizou a Página, ocorreu na noite do dia 28 de agosto de 2021, um acidente envolvendo 20 brasileiros e brasileiras, na foz do rio *Approuague*, no cabo *Pointe Béhague*, na Guiana Francesa. Nesse dia, 17 passageiros e três tripulantes saíram da cidade de Oiapoque, com destino as cidades de Cayenne e Kourou, na Guiana Francesa. Segundo publicado no Jornal Diário do Amapá, um dos pilotos da embarcação teria feito uma parada em Vila Vitória, distrito de Oiapoque, onde mais cinco pessoas embarcaram, eles seguiram para o lado francês durante a noite, para tentar escapar da fiscalização marítima, mas no cabo *Béhague*, a embarcação afundou durante uma tempestade.

Ainda segundo o jornal, as autoridades francesas afirmaram que as correntes marítimas do oceano atlântico dividiram os naufragos em pelo menos três grupos e a descoberta do acidente só foi possível na terça-feira (31), quando um barco de pesca avistou uma mulher agarrada a uma boia, próximo ao canal de acesso ao porto de Kourou. Na matéria jornalística, o Delegado Charles Correa, da Polícia Civil de Oiapoque, que auxilia as autoridades francesas na investigação, afirma estar colaborando para elucidar os fatos. “Nesses meus 11 anos de fronteira já acompanhei muitas, mas essa foi a maior tragédia. Em 2018 acompanhei outro naufrágio na mesma região, onde 18 haitianos morreram.”

**Figura 33:** Busca por brasileiros desaparecidos em naufrágio.



**Fonte:** Jornal Diário do Amapá, 2021.

Logo após a notícia se espalhar pelos meios de comunicação, principalmente via WhatsApp através de compartilhamentos. Vaneza, através da Página “Brasileiros na Guiana Francesa”, passou a atualizar seus seguidores com informações a respeito da fatalidade ocorrida.

Estamos vivendo a maior tragédia ligado a imigração ilegal em nossa zona. Desde quarta-feira as famílias começaram entrar em contato em busca de notícias. Rapidamente informamos o nosso consulado-geral, além de tentar obter informações concretas para aliviar a angustia. A zona de busca é muito grande, entre REGINA/KOUROU segundo as informações repassada no jornal MO NEWS. Ontem a polícia francesa declarou o resgate de 5 sobreviventes e 1 corpo. O *prefet* (governador) ordenou anteontem parar as buscas. Atualmente resta só os amigos e pescadores de Saint-Georges que estão ainda na busca de sobreviventes. Apesar de nossos compatriotas estarem em situação irregular, são pessoas pais e mães de família. Nossos brasileiros da Guiana francesa tentamos nos interessar nas pessoas humanas. Sabemos que esse tipo de acidente pode acontecer com qualquer um de nós e precisamos também do apoio do Amapá. Precisamos de um acordo de cooperação para esses momentos difíceis para que os resgate do Brasil possam também ajudar. (FACEBOOK, PÁGINA BRASILEIROS NA GUIANA FRANCESA, 2021).

**Figura 34:** Busca por informações sobre desaparecidos no naufrágio.



Fonte: Facebook, Página Brasileiros na Guiana Francesa, 2021.

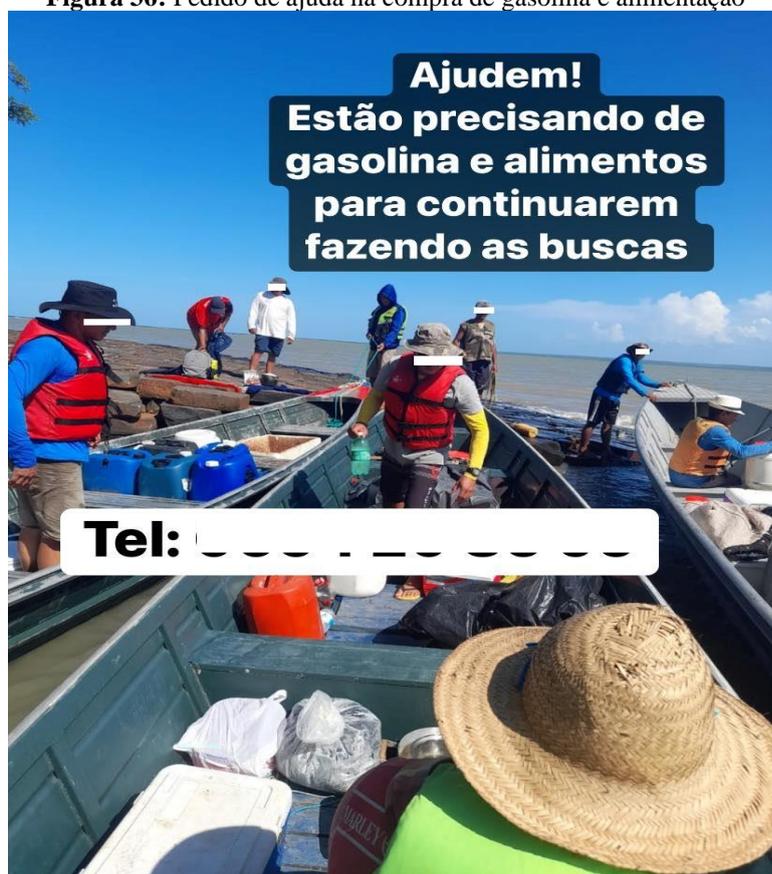
**Figura 35:** Desaparecidos no naufrágio do dia 28 de agosto de 2021



Fonte: Facebook, Página Brasileiros da Guiana Francesa, 2021.

Passou-se então, a ser publicado diariamente, atualizações de informações, e fotos enviadas por familiares e amigos, de brasileiros e brasileiras possivelmente vitimados nessa tragédia. O objetivo era, através do compartilhamento com o maior número de pessoas possíveis, através das redes virtuais, familiares e amigos (re)encontrassem, reconhecessem ou obtivessem informações das pessoas, até então, desaparecidas. Durante análise das publicações ao longo do mês de setembro de 2021, percebeu-se o grande número de compartilhamento de informações entre brasileiros residentes na Guiana Francesa e no Brasil; chegando às centenas de compartilhamentos através do Facebook. (Figuras 32 e 33).

**Figura 36:** Pedido de ajuda na compra de gasolina e alimentação



**Fonte:** Facebook, Página Brasileiros da Guiana Francesa, 2021.

Observou-se, atos de solidariedade, através de catraieiros pescadores residentes em Oiapoque e distrito; que se disponibilizaram para continuar as buscas paradas pelas autoridades francesas, e de pessoas que se mobilizavam através do grupo de WhatsApp da Página, para ajudá-los na compra de gasolina e alimentação.

## 6.5 NOVAS SOCIABILIDADES?

Segundo Martins, Superti e Pinto (2015), a busca por trabalho, por melhorias socioeconômicas de vida, continua no cerne das dinâmicas migratórias na fronteira franco-brasileira, no entanto, as estratégias de sobrevivência dos migrantes brasileiros, vão muito além “dos contextos formais, da burocracia e das leis: por isso, novas formas de sociabilidades são inventadas, redescobertas e redefinidas diariamente”. (ibid., 2015, p. 393).

Pode-se dizer, que, no âmbito da globalização e do avanço tecnológico, cada vez mais essas sociabilidades, têm se dado através das redes virtuais, como se viu anteriormente. As migrantes brasileiras em estudo, têm se utilizado das tecnologias de informação e comunicação, para desenvolver laços ligados por uma mesma sociedade de origem, para ações de solidariedade e manutenção de conexões, sejam elas virtuais ou presenciais; online ou offline, com pessoas do seu ciclo social na Guiana francesa, e/ou do Brasil. Castells (2003, p. 130-131) pontua:

A sociabilidade baseada no lugar foi de fato uma fonte importante de apoio e interação social, tanto em sociedades agrícolas quanto nos primeiros estágios da era industrial — com a ressalva adicional de que essa sociabilidade era fundada não só em vizinhanças, mas em locais de trabalho. Essa forma de comunidade territorialmente definida não desapareceu do mundo em geral, mas certamente desempenha papel pequeno na estruturação de relações sociais para a maioria da população em sociedades desenvolvidas. [...] Talvez o passo analítico necessário para se compreender as novas formas de interação social na era da Internet seja tomar por base uma redefinição de comunidade, dando menos ênfase a seu componente cultural, dando mais ênfase a seu papel de apoio a indivíduos e famílias, e desvinculando sua existência social de um tipo único de suporte material.

Os perfis pessoais de Vaneza e Marta no Facebook e WhatsApp, a Página “Brasileiros na Guiana Francesa” e o Grupo Privado “União de Mulheres Migrantes”, compõem as redes globalizadas, nelas, essas mulheres trazem para suas interações online “bagagens como gênero, estágio geracional, meio cultural, *status* socioeconômico e conexões offline com outros”. (WELLMAN; GULIA, 1999, p. 3).

Neste sentido, o conceito de “comunidades”, passa a ser entendido não apenas como grupos densamente unidos em espaços geográficos próximos, mas também como redes de parentes, amigos e colegas de trabalho que não necessariamente moram nos mesmos bairros, cidade ou país. A comunidade pode se estender muito além da vizinhança, para membros de comunidades desenvolvidas por meio das redes virtuais, abrangendo grandes distâncias de

forma quase que instantânea, e assim, fornecendo companheirismo, suporte social, informação, solidariedade, e um sentimento de pertença. (WELLMAN; GULIA, 1999).

De acordo com Castells (2001, p. 130), a noção de “comunidades virtuais”, proposta pelos pioneiros da interação social na Internet, “chamava a atenção para o surgimento de novos suportes tecnológicos para a sociabilidade, diferentes de formas anteriores de interação, mas não necessariamente inferiores a elas”.

Como citado anteriormente, no Facebook, pode-se encontrar com alguns grupos destinados a brasileiros e brasileiras que residem na Guiana Francesa, dentre eles, o “União de mulheres migrantes”, objeto de análise no presente trabalho. São grupos, em tese, formados por pessoas que partilham dos mesmos interesses e realidades. Nesses grupos online, através de pesquisa observacional, percebe-se muitas trocas de informações entre seus integrantes; interações relacionadas a comércio; propaganda de serviços; procura de parentes ou amigos que migraram há muitos anos para a Guiana Francesa e geralmente a família no Brasil não tem mais contato; pessoas em busca de relacionamento afetivo com outros brasileiros ou brasileiras; divulgação de festas ou celebrações; e até convites para os integrantes do grupo se conhecerem presencialmente.

Esses grupos são espécies de comunidades virtuais, com isso, pode-se dizer que “comunidades são redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um senso de integração e identidade social”. (WELLMAN, 2001, p. 1). De acordo com Castells (2001, p. 132), as novas formas de socialidade, surgiram com a substituição de comunidades espaciais, por redes e comunidades virtuais, como formas fundamentais de sociabilidade no mundo globalizado.

As formas de sociabilidade traduzem uma identificação, em certo grau, dos membros da coletividade com o todo que se fundem ou anulam, parcialmente, para serem membros do todo. [...] Na nova geração de Internet, enquanto plataforma social da economia digital, o ciberespaço assume-se como a materialização da globalização em novas modalidades de sociabilidade. (AMARAL, 2016, p. 39-41).

De acordo com reportagem publicada no Jornal El País Brasil (2021, online),<sup>53</sup> a globalização tem cristalizado fenômenos que até recentemente eram inimagináveis, um exemplo é a sensação brasileira do TikTok,<sup>54</sup> a indígena Cunhaporanga Tatuyo, de 22 anos e seis milhões de seguidores nessa rede virtual de vídeos curtos. Cunhaporanga conta seu cotidiano numa aldeia da Amazônia, “seus relatos diários incluem insetos, pinturas no rosto e colares de pena, além de um celular que se conecta à internet no meio da floresta”. Diariamente, por meio dessa rede virtual, ela socializa com milhares de pessoas, de vários lugares do mundo, fenômeno inimaginável antes do avanço tecnológico e das NTICs. Ainda segundo a reportagem, esse fenômeno tem se percebido de forma cada vez maior entre o povo indígena seja para publicar seu dia a dia, seja para utilizar das redes virtuais como espaço de reivindicações políticas e sociais,<sup>55</sup> a exemplo da minha primeira interlocutora.

Contudo, constata-se que, o próprio contexto pandêmico da Covid-19, com restrições de deslocamento, *lockdown*, isolamento social, fomentou o uso das redes virtuais, muitas vezes, como única forma de interação até com pessoas que moram geograficamente perto uma das outras. Com o fechamento de fronteiras terrestres, fluviais e aéreas entre países, esse seria o principal recurso para manter comunicações e laços, sejam eles familiares, de amizade, de trabalho, entre outros. Ainda que, laços e relações formados por meios das redes sociais, possam ser recriadas por meio das redes virtuais, e vice-versa, novas sociabilidades podem surgir no ciberespaço, como, por exemplo, no caso da Página e Grupo Privado no Facebook, analisados na presente pesquisa.

---

<sup>53</sup> Já faz tempo que os indígenas do Brasil chegaram à conclusão de que as redes são um lugar em que precisam marcar presença; um espaço ideal para lutar. Durante o mês, por exemplo, dedicaram-se a protestar pessoalmente em Brasília, mas não deixaram de fazer o mesmo no Facebook, Instagram, Twitter e TikTok contra uma tentativa judicial de reduzir seu direito a reivindicar terras habitadas por seus antepassados. Entre os mobilizados está Karibuxi (54.000 seguidores no Twitter), uma ativista indígena de 27 anos. “As pessoas têm uma visão muito racista dos indígenas, como se não pudessemos usar a tecnologia”, diz por telefone essa jornalista que nasceu e vive em São Paulo, mas pertencente ao povo Kariri de Alagoas. (JORNAL EL PAÍS BRASIL, 2021, online).

<sup>54</sup> Aplicativo de celular para criar e compartilhar vídeos curtos.

<sup>55</sup> O protagonismo indígena vem optando por uma estratégia de “des-invisibilização”, valendo-se da dinâmica das ocupações e da apropriação das novas tecnologias. Como ocorreu em outubro de 2012, quando, após receberem uma liminar lhes negando o direito a permanecer em suas terras, os Guarani de Pyelito Kue divulgaram uma carta na qual se dispunham a morrer mas não a sair de suas terras. Esse fato foi amplamente divulgado, gerando uma grande mobilização na internet, que levou milhares de pessoas a escolherem seu lado, divulgando a hashtag “#somos todos Guarani-Kaiowá” ou acrescentando o sobrenome Guarani-Kaiowá a seus nomes nos perfis das principais redes sociais. (CAPIBERIBE; BONILLA, 2015, p. 306).

## CONCLUSÃO

A atual pesquisa teve o objetivo de analisar as sociabilidades de migrantes brasileiras na Guiana Francesa, a partir de suas vivências e experiências através das redes virtuais e socioespaciais. Dessa forma, apresentaram-se diferentes formas com que as migrantes brasileiras vêm desenvolvendo e reconfigurando suas sociabilidades na Guiana Francesa, seja fortalecendo os laços existentes nas redes sociais que fazem parte, seja por meios virtuais já mencionados, os quais, cada dia mais, ganham mais adeptos.

Quanto a questão norteadora da presente pesquisa, buscava-se responder se as interações sociais online e offline de migrantes brasileiras na Guiana Francesa têm implicado em reconfigurações das suas sociabilidades. Assim, no âmbito offline, pode-se afirmar que as redes sociais ainda se configuram como um dos principais instrumentos de socialização dessas mulheres na Guiana Francesa, propiciando um processo de migração menos difícil no período de deslocamento e integração no país de instalação. No âmbito online, o avanço tecnológico e aumento da utilização de smartphones ligados a internet, provocam um crescente uso das redes virtuais, possibilitado a essas migrantes, espaços virtuais de sociabilidade, onde podem fortalecer laços já existentes ou criar redes de amizade, apoio, solidariedade, e também uma maior facilidade e agilidade na divulgação e compartilhamento de informações relacionadas as suas realidades e necessidades, na região fronteira em estudo.

A mudança conceitual do significado de “Fronteiras”; que deixaram de ser entendidas como meras linhas geográficas ou demarcações geopolíticas, permitiram que novas formas de pensar e analisar os fenômenos relacionados as mesmas, pudessem ser concebidas de modo mais amplo, abarcando questões sociais, culturais, econômicas, políticas e simbólicas. Esse contexto, propicia a compreensão de novos fenômenos ligados as fronteiras, que também impactam as formas de ser e estar do habitante ou migrante das regiões fronteiriças. O advento da globalização, mudou e muda os estudos fronteiriços, evoluindo, não descartando, novas formas de concebe-las, a exemplo da análise das fronteiras virtuais, as quais se consideram linhas tênues entre o real e o virtual, e se desenvolvem em um chamado espaço virtual ou ciberespaço.

A feminização da migração é uma dimensão central dos deslocamentos internacionais, que se constitui também no contexto da globalização. A mulher migrante na contemporaneidade, assume um papel protagonista no seu processo de migração e estabelecimento nos países de instalação. As interlocutoras da presente pesquisa, se apresentam

como, e afirmam observar um número crescente de mulheres brasileiras como migrantes principais, aquelas que migram no âmbito de um projeto individual; familiar, como, por exemplo, sendo a primeira da família a migrar e se estabelecer na Guiana Francesa, para posteriormente levar os que ficaram Brasil; no âmbito socioeconômico; matrimonial, entre outros.

Considerando que as mobilidades dos indivíduos no espaço acontecem num contexto de contínua transformação social e tecnológica, as atuais migrações internacionais não podem mais ser compreendidas somente através do deslocamento geográfico e interação socioespacial no território de instalação. Assim, tem-se que uma sociedade globalizada, fomenta reconfigurações da sociabilidade de mulheres brasileiras, no contexto migratório, permeado cada vez mais por novas tecnologias de informação e comunicação, desenvolvendo novas formas de ser e estar de sociedade. A lógica espacial chamada “espaço de fluxos”, a desterritorialização da sociedade, promovem uma transformação do espaço-tempo em espaço-velocidade, impactando diretamente as formas de interações sociais do migrante.

Vaneza, a primeira interlocutora, afirma que cresceu, no que, nesse trabalho, definiu-se como redes virtuais, no entanto, o seu processo migratório e de integração na Guiana Francesa contou com um grande suporte das redes sociais já estabelecidas por sua mãe, a qual foi a primeira da família a migrar. Através do seu contexto de sua vida, atravessado pela utilização das redes virtuais, Vaneza conseguiu, por meio da criação da Página no Facebook “Brasileiros na Guiana Francesa”, ampliar o circuito de trocas de informações e comunicações entre brasileiras e brasileiros, não só os residentes na Guiana Francesa, mas também com familiares no Brasil e os que, no Brasil, buscavam mais informações sobre a migração para esse departamento francês.

Essas redes virtuais foram se ampliando e incluindo novas plataformas além do Facebook, a exemplo do WhatsApp; através da criação de três grupos no mesmo. Atualmente, o trabalho de ativismo social e político de Vaneza, compartilhado nessas redes virtuais com milhares de brasileiros na Guiana Francesa, ajuda muitos através da criação de laços de solidariedade, amizade, integração e comunicação. O trabalho desenvolvido por Vaneza, precisa ser cada vez mais conhecido e reconhecido, não somente pela sociedade civil, mas também pelos estudiosos, principalmente, dessa região fronteiriça.

A segunda interlocutora, Marta, passou inicialmente por um difícil processo de integração na Guiana Francesa, ao chegar, ela não possuía o suporte de redes sociais que lhe ajudassem naquele momento, contava somente com a ajuda e apoio do marido, com isso, relatou

diversas dificuldades de adaptação e comunicação com sua família, a qual residia no Brasil. Somente no decorrer do tempo foi criando redes sociais, ligadas a ampliação de sua família, desenvolvidas no ambiente de trabalho, e com mulheres que conhecia no afazer de suas tarefas cotidianas.

Cabe destacar aqui, a diferença geracional de Marta e Vaneza. Se ao migrar, Marta já contasse com a existência e utilização das redes virtuais mencionadas nessa pesquisa, seu processo de migração seria mais confortável, visto que, mesmo longe geograficamente, contaria com apoio emocional da família, através de contatos regulares por mensagens instantâneas e/ou videochamadas.

Diferentemente de Vaneza, Marta não possui um forte envolvimento nas redes virtuais, apesar de possuir acesso a várias, as utiliza principalmente como meio de comunicação. Isso, no entanto, não exclui a possibilidade que ela crie laços a partir das redes virtuais as quais faz pouco uso, porquanto, até mesmo em um grupo destinado somente à compra e venda de produtos, relações puramente comerciais podem evoluir para uma amizade, em contexto presencial, por exemplo.

A partir dos contatos e entrevistas com as interlocutoras, da observação participante e análise de conteúdo de dados coletados no grupo privado “União de Mulheres Migrantes” e Página “Brasileiros na Guiana Francesa”, ambos no Facebook, perceberam-se diferentes formas de viver os territórios; sejam eles espaciais ou virtuais, a partir das experiências e interações dessas migrantes brasileiras na Guiana Francesa, nos referidos espaços virtuais.

No grupo privado “União de Mulheres Migrantes”, como é destinado exclusivamente a mulheres, elas sentem-se à vontade para desabafar, expor suas dores, experiências e vivências na Guiana Francesa. Mesmo que em um ambiente virtual, cria-se ali um lugar de alteridade, onde são realizadas trocas de conselhos, apoio mútuo e redes de solidariedade. Por seu um grupo novo, pode-se dizer que se trata de um espaço em evolução, porém, onde a cada dia são desenvolvidas e fortalecidas interações no sentido de comunidade.

A Página “Brasileiros na Guiana Francesa”, apesar de não ser destinada somente a mulheres, é administrada por uma, que quase cotidianamente “alimenta” a página com diversas informações relevantes para os que habitam na Guiana Francesa ou na região franco-brasileira. Não somente isso, também produz *lives* para desenvolver um diálogo com os demais brasileiros, organiza ações de solidariedade, articula-se politicamente em prol dos brasileiros residentes na Guiana Francesa e regiões fronteiriças. Cabe aqui, destacar o papel protagonista da mulher no contexto migratório, não somente através de uma migração autônoma, mas como um agente de

mudanças e mobilização num ativismo transnacional. “As identidades sociais e de gênero das mulheres migrantes são modificadas e (re)inventadas diariamente, nas dificuldades, e nas novas situações e relações na sua nova comunidade de pertencimento”. (RODRIGUES; VASCONCELOS, 2010, p.328).

Cabe ressaltar, que esse trabalho não teve a intenção de desconsiderar uma rede por outra, redes sociais por virtuais, ou vice-versa, mas tratar de diferentes redes; sociais e virtuais. No entanto, com o advento da globalização e evolução da tecnologia e das TICs, as redes virtuais têm ganhado cada vez mais destaque nas sociabilidades de migrantes no país de instalação, e na manutenção de comunicação e demais laços com a sociedade de origem, como foi evidenciado pelas minhas interlocutoras.

Com isso, tem-se que as TICs permitem a migração de várias maneiras; principalmente oferecendo uma rica fonte de conhecimento e informações sobre os países de instalação. As redes virtuais não são apenas novos canais de comunicação no contexto migratório, mas também podem facilitar a migração, a manutenção de laços com a família e amigos do país de origem, e a construção de novos laços no país de instalação, criando assim, novas formas de sociabilidade.

Apesar de algumas limitações, que decorrem da ‘exclusão digital’ e da baixa confiabilidade dos laços virtuais, muitas mulheres têm se utilizado dessas redes para construir e/ou manter conexões na Guiana Francesa, fomentar ajuda, amizade e redes de solidariedade entre migrantes brasileiras, principalmente através de grupos online em redes virtuais, como no Facebook e WhatsApp.

Ao falar em conexões online, deve-se atentar para a questão da democratização do acesso à tecnologia por meio das migrantes brasileiras na Guiana Francesa, pois, as minhas interlocutoras, possuem os meios necessários de acesso às redes virtuais, como smartphones, notebooks, e internet Wi-fi<sup>56</sup> e 4G<sup>57</sup>. No entanto, muitas mulheres que habitam essa região fronteiriça, que migraram ou pretendem migrar para a Guiana Francesa, podem estar em condição socioeconômica desfavorável, que as impeçam de ingressar nessas redes virtuais criadas e fomentadas com o avanço das TICs, nesses casos, as redes sociais desempenham um fator muito mais importante, tanto no processo migratório, quanto na sociabilidade delas, na Guiana Francesa.

---

<sup>56</sup> Wi-Fi é uma abreviação de "Wireless Fidelity". Wi-fi, ou wireless é uma tecnologia de comunicação que não faz uso de cabos, e geralmente é transmitida através de frequências de rádio, infravermelhos, etc.

<sup>57</sup> 4G é um tipo de conexão com a internet móvel. As siglas fazem referência à quarta geração de telefonia móvel.

No entanto, pode-se dizer que ainda há mulheres migrantes que preferem se manter distantes, mas não desassociadas, dessas conexões ou laços desenvolvidos nas redes virtuais. Geralmente, podem se limitar ao uso mais frequente de apenas um meio de comunicação online, comumente o WhatsApp, como no caso de Marta, que justificou preferir aproveitar seu tempo livre, fora do trabalho, de maneira offline.

Contudo, o produto final desse trabalho se constituiu numa dissertação que demonstrou as reconfigurações das sociabilidades de migrantes brasileiras na Guiana Francesa, através das conexões estabelecidas no âmbito online e offline de suas vidas. Destaca-se ainda, a falta de acesso a informações que instruem os brasileiros e brasileiras residentes nesse departamento francês, em como acessar direitos básicos, como saúde e regularização documental, como destacado pelas interlocutoras, especialmente por Vaneza.

Desse modo, sugere-se a futuros trabalhos, a possível aplicabilidade de produtos técnicos ou tecnológicos que incluam, ou se utilizem das redes virtuais (Facebook, WhatsApp), as quais mostraram ser importantes ferramentas de compartilhamento de informações entre migrantes brasileiros (as) na Guiana Francesa. Isso, através da produção de áudios e cartilhas bilíngues, e até mesmo e-books ilustrativos, que compilem todos os dados informativos necessários que o migrante brasileiro(a) necessite em seu processo de chegada e instalação em território francês. Bem como, o façam em parceria com os próprios residentes brasileiros na Guiana Francesa, que conhecem de forma prática e aprofundada suas necessidades.

## REFERÊNCIAS

ABAD, Rocío. El papel de las redes migratorias en las migraciones a corta y media distancia. Scripta Nova. **Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Universidad de Barcelona, nº 94, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-94-11.htm>. Acesso em: 20 de agosto de 2019.

ALBUQUERQUE, José. “**Imigração em territórios fronteiriços**”. In: VI Congresso Português de Sociologia. **Mundos Sociais: saberes e práticas**, 26 a 28 de junho de 2008. Universidade Nova de Lisboa Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Disponível em: <http://docplayer.com.br/11113754-Imigracao-em-territorios-fronteiricos.html> Acesso em 14 de agosto de 2020.

\_\_\_\_\_. **Migrações em territórios fronteiriços: a experiência cotidiana entre legislações nacionais, fronteiriças e regionais**. In: 38º Encontro Anual da Anpocs. Caxambu, MG, 27 a 31 de outubro de 2014.

ALMEIDA, Cristina. **Prostituição, tráfico de mulheres, suicídios e estupro se tornam rotina na fronteira do Brasil com a França**. [abr.2018]. Entrevistador: Luiz Melo, Macapá, 2018. Online. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/politica/prostituicao-trafico-de-mulheres-suicidios-e-estupro-se-tornam-rotina-na-fronteira-do-brasil-com-a-franca/>.

AMARAL, Inês. **Redes Sociais na Internet: Sociabilidades Emergentes**. Covilhã: LabCom, 2016.

ARAÚJO, Osvaldina. **Fronteiras em movimento e intercâmbios econômico-sexuais: dinâmica de mobilidade de brasileiras no Suriname, trânsitos na Guiana e na Guiana Francesa**. 2017. 480 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

ARRUZZA, Cinzia; BHATTACHARYA, Tithi; FRASER, Nancy. **Feminismo para os 99%: Um Manifesto**. Tradução de Heci Candiani. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

CAPIBERIBE, Artionka; BONILLA, Oiara. A ocupação do Congresso: contra o quê lutam os índios? **Estudos Avançados**, v. 29, n. 83, (p. 293-313), 2015.

ASSIS, Gláucia. Entre dois lugares: as experiências afetivas de mulheres imigrantes brasileiras nos Estados Unidos. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, Jose Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Coleção Encontros, 2011.

AUDEBERT, Cédric; ROBIN, Nelly. L'externalization des frontières des “Nords” dans les eaux des “Suds”: l'exemple des dispositifs frontaliers américains et européens visant au contrôle de l'emigration caribéenne et subsaharienne. **Cultures et Conflits**, nº 73, (p. 35-52), 2009.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n.11, (p. 89-117), maio/ago, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTH, Daiani; COGO, Denise. Redes Sociais e usos da internet por migrantes brasileiros na Espanha. **O público e o privado**, nº 14, Jul./Dez. 2009.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor líquido: Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

\_\_\_\_\_. **Globalização: as consequências humanas**. Tradução de Marcus Penchel Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

BECKER, Howard. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. São Paulo, Zahar, 2008.

BITTAR, Eduardo. Regulação do ciberespaço, fronteiras virtuais e liberdade: desafios globais e atuais. **Revista de Economia e Direito**, v. 17, n. 1, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kuhner. 2º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

\_\_\_\_\_. A ilusão biográfica. In: FERREIRA; AMADO (coord.). **Usos & abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996. (p.183- 191).

BOYER, Florence. Le projet migratoire des migrants touaregs de la zone de Bankilaré: la pauvreté désavouée. **Wiener Zeitschrift für kritische Afrikastudien**, n.8, (p.47-67), 2005.

BRANCO, Isadora. A integração sociocultural de imigrantes: um estudo de caso de subjetividades envolvidas no Coral Hamaca (DF). **Revista Brasileira da Pesquisa Sócio Histórico-Cultural e da Atividade**, v. 2, n. 1, 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Comunidade Brasileira na Guiana Francesa: Estimativas Referentes ao ano de 2020**. Departamento Consular: 2021. Disponível em: <https://www.gov.br/mre/pt-br/assuntos/portal-consular/arquivos/ComunidadeBrasileira2020.pdf/view> Acesso em 26 de outubro de 2021.

BRASIL. Diário Oficial da União. **Portaria n. 125, de 19 de março de 2020**. Dispõe sobre a restrição excepcional e temporária de entrada no País de estrangeiros oriundos dos países que relaciona, conforme recomendação da Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-125-de-19-de-marco-de-2020-248881224>. Acesso em 19 de junho de 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução n. 510, de 7 de abril de 2016**. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, 24 maio 2016.

BRINGEL, Breno. Ativismo Transnacional, o estudo dos movimentos sociais e as novas geografias pós-coloniais. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE**, v. 16, n. 2, (p. 185-215), 2020.

BRUNING, Felipe. Jovens dão mais valor à internet que a namoro, moradia e carro. **Folha de São Paulo**. 21 de set. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mercado/978270-jovens-dao-mais-valor-a-internet-que-a-namoro-moradia-e-carro.shtml>>.

BURASLAN, Marcelus. **A condição Fronteira Brasil-França: dos Tratados de Limites à Fronteira-Rede**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Federal do Amapá, Macapá, 160f. 2017.

BUTLER, Judith. Muito além da diversidade de gêneros: Dossiê Judith Butler. São Paulo: **Revista Brasileira de Cultura**, n.205, 2015.

CASAS, Laura. **Femmes, actrices des mouvements migratoires. Femmes en mouvement, genre, migrations et nouvelle division internationale du travail**. Genève: Unesco, 2004. (p.165-193).

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet. Reflexões sobre a Internet, os Negócios e a Sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **Sociedade em rede – a era da informação: Economia, Sociedade e Cultura**. Tradução de Roneide Venâncio Majer. 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade em Rede**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

\_\_\_\_\_. A Network Theory of Power. **International Journal of Communication**, n.5, v.7, (773–787), 2011.

\_\_\_\_\_. **Redes de Indignação e Esperança: Movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2013.

CHEVALIER, Yves. La biographie et son usage en sociologie. *In: Revue française de science politique*, 29<sup>e</sup> année, n.1, 1979.

COGO, Denise. Cidadania comunicativa das migrações transnacionais: usos de mídias e mobilização social de latino-americanos. *In: Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

COLLINS, Patricia. **Black Feminist Thought**. New York: Routledge, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. São Paulo: Boitempo, 2016. [1981].

DE GENOVA, Nicholas; ROY, Ananya. Practices of Illegalisation. **Antipode**, v. 52, n. 2, (p.352–364), 2020.

DIAS, Aldeci. Novas dinâmicas dos Direitos Humanos como resultado da cooperação franco-brasileira (Amapá – Guiana Francesa), a partir da ótica da Ponte Binacional. Macapá. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, v.7, n.1, (p. 39-48), Jan./jun. 2014.

DONATO, Katharine; GABACCIA, Donna. **Gender and International Migration**. New York: Russell Sage Foundation. 2015.

DOMENECH, Eduardo; DIAS, Gustavo. Regimes de fronteira e “ilegalidade” migrante na América Latina e no Caribe. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 22, n. 55, set-dez. (p. 40-73), 2020.

\_\_\_\_\_. Las políticas de migración en Sudamérica: elementos para el análisis crítico del control migratorio y fronterizo. **Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política**, v. 8, n. 1, jan./jun. 2017.

DOMENICONI, Joice; SILVA, Gutemberg. Imigrantes internacionais no Estado do Amapá e a pandemia de Covid-19. *In: Impactos da Pandemia de Covi-19 nas migrações internacionais no Brasil*. Campinas: Núcleo de Estudos da População Elza Berquó, 2020.

DORFMAN, Adriana; FRANÇA, Arthur. **Panorama, percurso e possível agenda para os estudos fronteiriços brasileiros**. Anuário Umbral das Brasileiras, 2014.

DÖRING, Nicola. Personal Home Pages on the Web: A Review of Research. **Journal of Computer Mediated Communication**, v. 6, 2002.

ELHAJJI, Mohammed. **Papel da comunicação comunitária cultural na construção de espaços identitários transnacionais**. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação – NP Comunicação para a Cidadania, Santos, 2007.

\_\_\_\_\_. Mapas subjetivos de um mundo em movimento: Migrações, mídia étnica e identidades transnacionais. **Revista Electrónica Internacional de Economía Política de las Tecnologías de la Información y la Comunicación** - v. 13, nº 2, May./Ago., 2011.

\_\_\_\_\_. Rio de Janeiro – Montreal: Conexões transnacionais / Ruídos interculturais. *In: Diásporas, migrações, tecnologias da comunicação e identidades transnacionais*. Bellaterra: Institut de la Comunicació, Universitat Autònoma de Barcelona, 2012.

FIGUEIREDO, Patrick. **Para uma antropologia da fronteira: muros, redes e passagens em Ceuta e Melilla**. 91f. Dissertação (Mestrado) – Mestrado em Antropologia Social e Cultural, Universidade de Lisboa, 2010.

FILHO. Synesio. **As Fronteiras do Brasil**. Brasília: FUNAG, 2013.

FOUCHER, Michel. Tipología de las fronteras contemporáneas. *In: Las fronteras del istmo. Fronteras y sociedades entre el sur de Mexico y America Central*. Centro de Estudios Mexicanos e Centroamericanos - CEMCA. OpenEdition Books, 2005. Disponível em:<<https://books.openedition.org/cemca/655?lang=es#tocfrom1n1>>.

FRANCO, Augusto. **Escola de Redes: Novas visões sobre a sociedade, o desenvolvimento, a Internet, a política e o mundo globalizado**. Curitiba: Escola de Redes, 2008.

FUSCO, Wilson. **Redes sociais na migração internacional: o caso de Governador Valadares /**

**Fusco.** Campinas: UNICAMP - Núcleo de Estudos de População, 2001.

GIBSON, William. **Neuromancer**. Tradução de Maya Sangawa e Silvio Alexandre. São Paulo: Aleph, 1991.

GILLESPIE, Marie; OSSEIRAN, Margie. Syrian Refugees and the Digital Passage to Europe: Smartphone Infrastructures and Affordances. **Social Media and Society**, (p.1-12), 2018.

GORTÁZAR, Naiara. Da Amazônia profunda ao sucesso explosivo no TikTok. **El País Brasil**, São Paulo, 20 de set. de 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-09-21/da-amazonia-profunda-ao-sucesso-explosivo-no-tiktok.html> Acesso em: 27 de setembro de 2021.

GUIZARDI, Menara; et. al. **Transnacionales o Transfronterizas? Repensando las experiencias migratorias familiares en zonas de frontera**. Projeto FONDECYT, 2018. Disponível em: [http://www.muieresyfronteras.com/wpcontent/uploads/2019/07/Transnacionales\\_o\\_transfronterizas\\_Repe.pdf](http://www.muieresyfronteras.com/wpcontent/uploads/2019/07/Transnacionales_o_transfronterizas_Repe.pdf). Acesso em: 25 de maio de 2021.

HAGAN, Jacqueline. Social Networks, Gender, and Immigrant Incorporation: Resources and Constraints. **American Sociological Review**, v. 63, 1998,

HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. **Mana**, Rio de Janeiro, v.3, n.1, Apr. 1997.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e Pensamento Feminista: as contradições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. **Meditações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 97-128, jul/dez, 2015.

HERZOG, Erich. No to network blocks e to digital isolation. **Economiasuisse**, v.7, 2018.

HONDAGNEU, Pierrette. **Gendered Transitions: Mexican Experiences of Immigration**, Berkeley and Los Angeles. University of California Press, 1994.

LAGROU, Elsje; BELAUNDE, Luisa. Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss com Eduardo Viveiros de Castro. **Sociologia & antropologia**, v.1, (p. 9-33), 2011.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

\_\_\_\_\_. **A Conexão Planetária**. São Paulo: Editora 34, 2001.

L'INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES (INSEE). **Atlas des Populations Immigrees en Guyane**, 2006.

INSTITUT NATIONAL DE LA STATISTIQUE ET DES ÉTUDES ÉCONOMIQUES. **Statistiques Locales**, 2019. Disponível em: [https://statistiques-locales.insee.fr/#bbox=-128033,5191804,12835,7610&c=indicator&i=pop\\_legales.popmun&s=2017&selcodgeo=97302&view=map1](https://statistiques-locales.insee.fr/#bbox=-128033,5191804,12835,7610&c=indicator&i=pop_legales.popmun&s=2017&selcodgeo=97302&view=map1) Acesso em: 7 de janeiro de 2020.

JARDIM, Denise. “As mulheres voam com seus maridos”: A experiência da diáspora palestina e as relações de gênero. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 31, (p. 189-217), jan./jun., 2009.

JOSEPH, Handerson; JOSEPH, Rose-Myrlië. As relações de gênero, de classe e de raça: mulheres migrantes haitianas na França e no Brasil. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, v. 9, n. 2, 2015,

JOSEPH, Handerson. Criando associações: migrantes haitianos na Guiana Francesa e no Brasil. *In: Cadernos de Debates Refúgio, Migrações e Cidadania*. Brasília, v.11, n.11, (p.43-64), 2016.

\_\_\_\_\_. Diáspora. Sentidos Sociais e Mobilidades Haitianas. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 43, (p. 51-78), jan./jun. 2015.

\_\_\_\_\_. Diáspora. *In: NEIBURG, Federico (Org.) Conversas etnográficas haitianas*. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2019.

\_\_\_\_\_. O sistema migratório haitiano nas guianas: para além das fronteiras. **Diálogos**, Maringá, v. 24, n. 2, (p. 228-258), mai./ago. 2020.

KAHMANN, Andrea; ALÓS, Anselmo. Nação, Fronteira e Tradição: problematizações teóricas no contexto dos estudos literários. **Itinerários**, Araraquara, n. 41, (p.15-35), jul./dez. 2015.

KOZINETS, Robert. **Netnografia [recurso eletrônico]:** realizando pesquisa etnográfica online. Tradução de Daniel Bueno; Porto Alegre: Penso, 2014.

LAGROU, Elsje; BELAUNDE, Luisa. Do mito grego ao mito ameríndio: uma entrevista sobre Lévi-Strauss com Eduardo Viveiros de Castro. *In: Sociologia & Antropologia*. Rio de Janeiro: Revista do PPGSA, v. 01, n° 02, 2011.

LEANDRO, Maria; NOSSA, Paulo; BOAVIDA, Maria. Na encruzilhada da família e do gênero em contexto migratório. **Configurações [Online]**, 2012. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/421> Acesso em: 04 de janeiro de 2020.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Maria; TOGNI, Paula. Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero. **Ipotesi**, Juiz de Fora, v.16, n.1, (p. 135-144), jan./jun. 2012.

LUGONES, Maria. Coloniality and Gender. **Tabula Rasa**. Bogotá, n.9, jul./dec. 2008.

MCCANN, Hannah et. al. **O Livro do Feminismo**. Trad. Ana Rodrigues. 1ªed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2019.

MCKENZIE, Roderick. **The neighbourhood. A study of local life in the city of Columbus, Ohio.** Chicago: University of Chicago Press, 1923.

MARINUCCI, Roberto. Feminização das Migrações. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, v.15, n.29, (p.5-22), 2007.

MARTINS, Carmentilla. Migração Internacional nos Quadros da Cooperação Transfronteiriça Franco-Brasileira. In: Encontro Anual da Anpocs. 36., 2012. **Anais online...** São Paulo: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. Disponível em: <http://www.anpocs.com/index.php/papers-36-encontro/gt-2/gt22-2/8089-a-migracao-internacional-nos-quadros-da-cooperacao-transfronteiriça-franco-brasileira/file>. Acesso em: 17 de abril de 2017.

MARTINS, Carmentilla. **Relações Bilaterais Brasil-França: a nova perspectiva brasileira para a fronteira Amapá-Guiana Francesa no contexto global.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Nacional de Brasília. Brasília, 2008.

MARTINS, Carmentilla; SUPERTI, Eliane; PINTO, Manoel. Migração e mobilidade de brasileiros através e além da fronteira Brasil-Guiana Francesa: novas sociabilidades. **Tomo**, n.27, jul/dez. 2015.

MARTINS, José. **Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano.** 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MARTINS, Rui. Fronteira, referencialidade e visibilidade. **Estudos Ibero-Americanos-PUCRS**, edição especial, n. 1, Porto Alegre, (p. 7-19), 2000.

MASSEY, Douglas; et. al. Theories of International Migration: A Review and Appraisal. **Population and Development Review**, n. 3, set. 1993.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. **Redes Sociais, Redes Territoriais e Migrações.** Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambú - MG – Brasil, de 20- 24 de Set. de 2004.

MÁRQUEZ, Lara. **Migração, cidadania e democracia: um contraste dos fenômenos no Brasil e no Uruguai.** Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2019.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.21, (p. 41-65), jan./jun. 2004.

MIGNOLO, Walter. **Historias locais/disenos globales: colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo.** Madrid: Akal, 2003.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. **Brasileiros na Guiana Francesa.** 2019. Disponível em: <http://www.portalconsular.itamaraty.gov.br/seu-destino/guiana-francesa#comunidade-brasileira-e-principais-destinos> Acesso em: 3 de janeiro de 2020.

MORAES, Dênis. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Revista de Economía Política de las Tecnologías de la Información y Comunicación**, v.4, n. 2, may./ago. 2007.

NOGUEIRA, Paula. **O Protagonismo das mulheres no combate a Covid-19 no Brasil**. In: V Encontro de Pesquisa por.de.sobre Mulheres (Online). Curitiba: Youtube, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=AdK6Z5z0c\\_c](https://www.youtube.com/watch?v=AdK6Z5z0c_c)

ODGERS, Olga. “Ser móveis: la construcción de la identidad fronteriza a partir del acceso a la movilidad”. (p.138-151), 2011.

OLIVEIRA, Márcia. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia contemporânea**. 340f. Tese (Doutorado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2014.

\_\_\_\_\_. Feminização das Migrações nas Fronteiras da Amazônia. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress. **Anais Eletrônicos...** Florianópolis, 2017.

OLIVEIRA, Tadeu; CAVALCANTI, Leonardo; MACEDO, Marília. **Dados Consolidados da Imigração no Brasil 2020**. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança Pública/ Departamento de Migrações, DF: OBMigra, 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Divisão de População do Departamento de Economia e Assuntos Sociais. **Inventário de Migração Internacional**. 2019.

PARK, Robert. Human Migration and the Marginal Man. **American Journal of Sociology**, v.33, (p. 881-893), 1928.

Pelo menos 4 brasileiros foram resgatados com vida em naufrágio na Guiana Francesa, diz polícia. **Jornal Diário do Amapá**. Macapá, 4 de set. de 2021. Disponível em: <https://www.diariodoamapa.com.br/cadernos/policia/pelo-menos-4-brasileiros-foram-resgatados-com-vida-em-naufragio-na-guiana-francesa-diz-policia/>. Acesso em: 19 de setembro de 2021

PERES, Roberta. “Presença boliviana na construção de Corumbá – Mato Grosso do Sul: espaço de fronteira em perspectiva histórica”. In: BAENINGER, Rosana (Org.). **Imigração Boliviana no Brasil**. Campinas: Núcleo de Estudos de População-Nepo/Unicamp; Fapesp; CNPq; Unfpa, 2012.

PERUZZO, Cicilia. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **MATRIZES**, nº 2, jul./dez. 2013.

PESAVENTO, Sandra. Além das fronteiras. In: **Fronteiras culturais – Brasil, Uruguai, Argentina**. São Paulo: Ateliê editorial, 2002. (p.35- 39).

PICITELLI, Adriana. Atravessando fronteiras: teorias pós-coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercados do sexo no Brasil. **Contemporânea**, v. 3, n. 2 (p. 377-404), jul./dez. 2013.

\_\_\_\_\_. Economias sexuais, amor e tráfico de pessoas – novas questões conceituais. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.47, 2016.

PINTO, Manoel. **O Fetiche do Emprego: um estudo sobre as relações de trabalho de brasileiros na Guiana Francesa**. Belém: NAEA, 2012.

PIPER, Nicola. **Gender and Migration**. Geneva: Global Commission on International Migration. 2005.

POLLO, Mario. Imagens da mídia de massa, fenômeno de desterritorialização e migração. **NPG Vintage**, v.25, 2006.

PORTES, Alejandro; RUMBAUT, Rubén. **Legacies: The Story of the Immigrant Second Generation**. University of California Press: Russell Sage Foundation, 2001.

PREVIDI, Gianni. **#Social.Media.Mente. Per un marketing umanistico**. Florença: Phasar Edizioni, 2014.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RECUERO, Raquel. Webrings: as redes de sociabilidade e os weblogs. **Revista Sessões do Imaginário – Cinema, Cibercultura e Tecnologias da Imagem**, v. 9 n. 11, 2004.

RHEINGOLD, Howard. **Digital Communities Award Jury Statement**. 2004.

RIHOUX, Jean-Pol. **Le pont sur l'Oyapock, entre la France et le Brésil**. 09 novembre 2017. Disponível em: <https://www.vivre-au-bresil.com/le-pont-entre-la-france-et-le-bresil-le-pont-de-trop/> Acesso em: 18 de dezembro de 2019.

RODRIGUES, Francilene; VASCONCELOS, Iana. Migração, gênero e empoderamento das migrantes na pan-amazônia. **Textos&Debates**, Boa Vista, n.18, (p. 251-268), jan./jun. 2010.

ROSÁRIO, Lívia. **Interseccionalidade e Fronteira: mulheres negras migrantes na Amazônia Franco – Amapaense**. 156 f. Dissertação (Mestrado) – Fundação Universidade Federal do Amapá, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Fronteira, Macapá, 2019.

ROSA, Gabriel; SANTOS, Benedito; FALEIROS, Paula. Opacidade das fronteiras entre real e virtual na perspectiva dos usuários do Facebook. **Revista de Psicologia da Universidade de São Paulo**, v. 27, n. 2, 2016.

SÁ, Simone. **Utopias comunais em rede: discutindo a noção de comunidade virtual**. In: X Encontro anual da Compós, GT Comunicação e Sociabilidade, 2001, Brasília. Anais. Brasília: Compós, 2001.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado, violência**. 2ªed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2011.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; Tradução de Cristina Murachco. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1998.

\_\_\_\_\_. O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. **Travessia – Revista do Migrante**, número especial, 2000.

SCHILLER, Nina; BASCH, Linda; BLANC-SZANTON, Cristina. Transnationalism: A New Analytic Framework for Understanding Migration. **Annals...** New York Academy of Sciences, (p.1-24), 1992.

SEGATA, Jean; RIFIOTIS, Theophilos (Orgs.). **Políticas etnográficas no campo da cibercultura [recurso eletrônico]**. Brasília: ABA, 2016.

SEYFERTH, Giralda. **Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008.

SILVA, Brigida. Immigration de jeunes femmes brésiliennes en Guyane française. Entre catégorisations ethno-nationales et stratégies d'intégration dans les « espaces d'intégrabilité » de la société d'accueil. **Cahiers internationales de sociolinguistique**, v.2, n° 8, 2015.

SILVA, Edielson; JOSEPH, Handerson. Migrações e Mobilidades Venezuelanas: Fronteira Guiana francesa – Amapá. In: COTINGUIBA, Marília; Et. al. (org.). **Mobilidade Humana Na Pan-Amazônia: Implicações Teóricas e Experiências Empíricas**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2020.

SILVA, Gutemberg. **A Cooperação Transfronteiriça entre Brasil e França: Ensaio e Perspectivas neste século XXI**. 2013. 246f. Tese (Doutorado em ciências) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

SILVA, Jose. A Cidade de Oiapoque e as Relações Transnacionais na Fronteira Amapá - Guiana francesa. **História Revista**, Goiânia, v.10, n.2, (p.273-298), jul./dez. 2005.

SILVA, Lidiane. **A Internet - a geração de um novo espaço antropológico**. Aveiro: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 1999.

SILVA, Ruane. **Tráfico Internacional de Mulheres nas Fronteiras Franco-Amapaense**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso, (Curso de Relações Internacionais) - Universidade Federal do Amapá, 38f, Macapá, 2018.

\_\_\_\_\_. Tráfico Internacional de Mulheres nas Fronteiras Franco-Amapaenses. **Revista Zabelê – PPGANT -UFPI**, Teresina, v. 2, n. 1, (p.124-138), 2021.

SIQUEIRA, Sueli. Imigração e retorno na perspectiva de gênero. In: PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Gláucia Oliveira de; OLIVAR, Jose Miguel Nieto (Org.). **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Campinas: Coleção Encontros, 2011.

SIMMEL, Georg. A natureza sociológica do conflito; a competição; conflito e estrutura de grupo; sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. *In*: MORAIS FILHO, E. (Org.). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões fundamentais de sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradutor Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SOARES, Christianni; OLIVEIRA, Betiana; PINTO, Manoel. Trabalhadores brasileiros na Guiana Francesa: entre a invisibilidade e o desemprego. **PRACS: Revista de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, n. 4, (p.129-142), dez. 2011.

STOPANI, Antonio; PAMPURO, Marta. Despite Citizenship. Migrant autonomies and right to the city. The EX MOI squat in Turin. **REMHU - Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana**, Brasília, v. 26, n. 52, (p.55-74), abr. 2018.

TOMA, Sonara; VAUSE, Sophie. **The role of kin and friends in male and female international mobility from Senegal and DR Congo**. MAFE Working Paper, n° 13, 2011.

UNITED NATIONS FUND FOR POPULATION ACTIVITIES. **The UNFPA State of the World Population**. New York: UNFPA: 2006.

UNITED NATIONS. **World Migration: Costs and Benefits of International Migration**. Geneva: IOM, 2005.

VAZ, Alcides; COSTA, Maurício. **A Segurança das Fronteiras Brasileiras na Pandemia da Covid-19**. Grupo de Estudos e Pesquisas em Segurança Internacional: Instituto de Relações Internacionais, Universidade de Brasília, 2020. Disponível em: [http://www.gepsi.unb.br/index.php?option=com\\_content&view=article&layout=edit&id=75&Itemid=599](http://www.gepsi.unb.br/index.php?option=com_content&view=article&layout=edit&id=75&Itemid=599). Acesso em: 13 de agosto de 2021.

VERGÈS, Françoise. **Um feminismo decolonial**. Tradução de Jamille Pinheiro Dias e Raquel Camargo. São Paulo: Editora Ubu, 2020.

VENTRE, Daniel. O dilema da fronteira virtual: Quando os Estados se tornam construtores de ciberfronteiras. **Revista de Estudos de Conflitos e Controles Sociais**. Rio de Janeiro: Edição Especial, n. 3, 2019.

WELLMAN, Barry; GULIA, Milena. **Net Surfers don't Ride Alone: Virtual Communities as Communities**. New York: Routledge, 1999.

WELLMAN, Barry. Designing the Internet for a networked society. **Commun**, v.5, (p.91-96), 2002.

\_\_\_\_\_. Physical Place and Cyberplace: The Rise of Personalized Networking. **International Journal of Urban and Regional Research**, Oxford, v. 25, n. 2, (p. 227-252), 2001.

ZAMBERLAM, Jurandir. **O processo migratório no Brasil e os desafios da mobilidade humana na globalização**. Porto Alegre: Pallotti, 2004.

YEUNG, Wei-Jun; MU, Zheng: Migration and marriage in Asian contexts. **Journal of Ethnic and Migration Studies**. 2019.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**  
 (Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado "CONEXÕES ONLINE E OFFLINE: RECONFIGURAÇÕES DA SOCIABILIDADE DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA". O objetivo dessa pesquisa é analisar as reconfigurações das sociabilidades de migrantes brasileiras na Guiana Francesa, a partir de suas vivências e experiências através das redes virtuais e socioespaciais, mais especificamente, visa estudar o cenário migratório feminino para Guiana Francesa; investigar as interfaces entre sociabilidade e migração na contemporaneidade; e analisar as vivências e experiências de migrantes brasileiras, desde a saída do Brasil até a chegada e estabelecimento na Guiana Francesa, com o intuito de mapear os meios de sociabilidade desenvolvidos pelas migrantes brasileiras na Guiana Francesa

Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de entrevista, previamente agendada a sua conveniência. A entrevista será realizada por videochamada, e mediada por tecnologias de informação e comunicação, como; internet, notebook e smartphone. E através de redes virtuais, como, Facebook e WhatsApp.

Cabe ressaltar que, essa pesquisa está de acordo com todas as normas éticas necessárias para pesquisas em ambientes virtuais. A Resolução 510/16 enfatiza que a missão do Sistema CEP/CONEP é a proteção devida aos participantes das pesquisas, considerando que ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas.

A ética na pesquisa de dados é muito importante, se uma pessoa posta de forma pública, entende-se a não necessidade de se obter prévia autorização, uma vez que a clara finalidade da pessoa é se expressar publicamente sobre algo, entretanto, isso não inclui dados pessoais de alcance da Lei Geral de Proteção de Dados, Lei de número 13.709, de 14 de agosto de 2018, como: respeito à privacidade; a autodeterminação informativa; a liberdade de expressão, de informação, de comunicação e de opinião; a inviolabilidade da intimidade, da honra e da imagem; os direitos humanos, o livre desenvolvimento da personalidade, a dignidade e o exercício da cidadania pelas pessoas naturais.

Esta pesquisa se atenta para o Ofício Circular 2/2021-CONEP, de 24/02/2021 para pesquisa em ambiente virtual, em relação aos procedimentos que envolvem contato através de meio virtual ou telefônicos com os participantes de pesquisa. Com isso, uma vez concluída a coleta de dados, será realizado download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". O mesmo cuidado será seguido para os registros deste consentimento livre e esclarecido que sejam gravações de vídeo ou áudio.

Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá para o fomento de estudos sobre migração feminina na contemporaneidade, desenvolvidas no âmbito migratório de um mundo globalizado, no contexto franco-brasileiro. Socialmente, essa pesquisa pode auxiliar na criação de políticas públicas e produtos tecnológicos de atenção à mulher em condição migratória, principalmente as que migram de forma indocumentada e vivem de forma socialmente vulnerável no país de destino.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

Os riscos da sua participação nesta pesquisa são invasão de privacidade; medo de não saber responder ou de ser identificado; estresse; cansaço ou vergonha ao responder às perguntas; responder a questões sensíveis, tais como, violência e sexualidade. Em virtude de as informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia; liberdade de participação, integridade do participante, preservação dos dados, privacidade e sigilo.

Os benefícios da pesquisa são: auxiliar na criação de políticas públicas e produtos tecnológicos de atenção à mulher em condição migratória, em especial no contexto franco-brasileiro.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº486/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: +55 96 991284075 ou +55 96 991119963. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu \_\_\_\_\_(nome por extenso)  
declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada  
"\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_".

Macapá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

Ruane Cláudia Queiroz Silva  
Assinatura do Pesquisador  
Ruane Cláudia Queiroz Silva  
Universidade Federal do Amapá  
Cel: (96) 99128-4975  
e-mail: ruane.claudia@hotmail.com

\_\_\_\_\_  
Assinatura do participante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E PUBLICAÇÕES DA REDE VIRTUAL  
 FACEBOOK**

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador do documento de identificação nº. \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av./Rua \_\_\_\_\_, nº. \_\_\_\_\_, cidade de \_\_\_\_\_/Guiana Francesa. Estou ciente que os dados coletados serão utilizados na pesquisa intitulada “CONEXÕES *ONLINE* E *OFFLINE*: RECONFIGURAÇÕES DA SOCIABILIDADE DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA”. Diante disso, **AUTORIZO** o uso do meu nome, imagem e publicações, postadas de forma pública e/ou privada na rede virtual **FACEBOOK**; através de meu Perfil Pessoal (<https://www.facebook.com/vaneza.ferreira.142>) e Página “Brasileiros na Guiana Francesa” (<https://www.facebook.com/Brasileiros973>), por mim administrada. **AUTORIZO** também sua reprodução através de publicações e apresentações científicas da presente pesquisa. Essa autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em todo território nacional, das seguintes formas: (I) dissertação; (II) artigo científico; (III) meios tecnológicos (vídeos, slides, entre outros); apresentações científicas (palestras, seminários, cursos, congressos, e demais comunicações orais). **Ressalta-se que:**

1. Os nomes e fotos dos usuários do Facebook, cujas interações sejam realizadas nas publicações no Facebook Pessoal e Página, serão mantidos anônimos, com a devida utilização de tarjas para encobrir nomes e rostos.
2. Essa pesquisa está de acordo com todas as normas éticas necessárias para pesquisas em ambientes virtuais. A Resolução 510/16 enfatiza que a missão do Sistema CEP/CONEP é a proteção devida aos participantes das pesquisas, considerando que ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas.
3. As imagens, publicações e demais informações coletadas, não incluem dados pessoais de alcance da Lei Geral de Proteção de Dados, Lei de número 13.709, de 14 de agosto de 2018. O



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

tratamento de dados pessoais somente poderá ser realizado nas seguintes hipóteses: I - mediante o fornecimento de consentimento pelo titular; IV - para a realização de estudos por órgão de pesquisa. §3º O tratamento de dados pessoais cujo acesso é público deve considerar a finalidade, a boa-fé e o interesse público que justificaram sua disponibilização. §4º É dispensada a exigência do consentimento previsto no caput deste artigo para os dados tornados manifestamente públicos pelo titular, resguardados os direitos do titular e os princípios previstos nesta Lei. §5º O controlador que obteve o consentimento referido no inciso I do caput

deste artigo que necessitar comunicar ou compartilhar dados pessoais com outros controladores deverá obter consentimento específico do titular para esse fim, ressalvadas as hipóteses de dispensa do consentimento previstas nesta Lei. §6º A eventual dispensa da exigência do consentimento não desobriga os agentes de tratamento das demais obrigações previstas nesta Lei, especialmente da observância dos princípios gerais e da garantia dos direitos do titular.

4. Essa pesquisa se atenta para o **Ofício Circular 2/2021-CONEP, de 24/02/2021** para pesquisa em ambiente virtual, em relação aos procedimentos que envolvem contato através de meio virtual ou telefônicos com os participantes de pesquisa. Com isso, uma vez concluída a coleta de dados, será realizado download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". O mesmo cuidado será seguido para os registros deste consentimento livre e esclarecido que sejam gravações de vídeo ou áudio.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e publicações, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Macapá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura da Pesquisadora  
 Ruane Cláudia Queiroz Silva  
 Universidade Federal do Amapá  
 Programa de Pós-graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF)  
 Cel: +55 (96) 99128-4975  
 e-mail: [ruane.claudia@hotmail.com](mailto:ruane.claudia@hotmail.com)

---

Assinatura do participante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS E PUBLICAÇÕES DA REDE VIRTUAL  
 FACEBOOK**

Eu, \_\_\_\_\_, nacionalidade \_\_\_\_\_, estado civil \_\_\_\_\_, portador do documento de identificação nº \_\_\_\_\_, inscrito no CPF sob nº \_\_\_\_\_, residente à Av./Rua \_\_\_\_\_, nº \_\_\_\_\_, cidade de \_\_\_\_\_/Guiana Francesa. Estou ciente que os dados coletados serão utilizados na pesquisa intitulada “CONEXÕES *ONLINE* E *OFFLINE*: RECONFIGURAÇÕES DA SOCIABILIDADE DE MIGRANTES BRASILEIRAS NA GUIANA FRANCESA”.

Diante disso, **AUTORIZO** o uso de imagem e publicações, postadas de forma pública e/ou privada na rede virtual FACEBOOK; através de meu Perfil Pessoal, sendo reproduzidas de **FORMA ANÔNIMA**, sem que seja possível quaisquer tipos de identificação do participante da pesquisa, bem como de outros usuários do Facebook. (fotos e nomes serão cobertos).

**AUTORIZO** também sua reprodução através de publicações e apresentações científicas. Essa autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso acima mencionado em todo território nacional, das seguintes formas: (I) dissertação; (II) artigo científico; (III) meios tecnológicos (vídeos, slides, entre outros); apresentações científicas (palestras, seminários, cursos, congressos, e demais comunicações orais). **Ressalta-se que:**

1. Essa pesquisa está de acordo com todas as normas éticas necessárias para pesquisas em ambientes virtuais. A Resolução 510/16 enfatiza que a missão do Sistema CEP/CONEP é a proteção devida aos participantes das pesquisas, considerando que ética em pesquisa implica o respeito pela dignidade humana e a proteção devida aos participantes das pesquisas.
2. As imagens, publicações e demais informações coletadas, não incluem dados pessoais de alcance da Lei Geral de Proteção de Dados, Lei de número 13.709, de 14 de agosto de 2018. O tratamento de dados pessoais somente poderá ser realizado nas seguintes hipóteses: I - mediante



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ**

o fornecimento de consentimento pelo titular; IV - para a realização de estudos por órgão de pesquisa. §3º O tratamento de dados pessoais cujo acesso é público deve considerar a finalidade, a boa-fé e o interesse público que justificaram sua disponibilização. §4º É dispensada a exigência do consentimento previsto no caput deste artigo para os dados tomados manifestamente públicos pelo titular, resguardados os direitos do titular e os princípios previstos nesta Lei. §5º O controlador que obteve o consentimento referido no inciso I do caput

deste artigo que necessitar comunicar ou compartilhar dados pessoais com outros controladores deverá obter consentimento específico do titular para esse fim, ressalvadas as hipóteses de dispensa do consentimento previstas nesta Lei. §6º A eventual dispensa da exigência do consentimento não desobriga os agentes de tratamento das demais obrigações previstas nesta Lei, especialmente da observância dos princípios gerais e da garantia dos direitos do titular.

3. Essa pesquisa se atenta para o **Ofício Circular 2/2021-CONEP, de 24/02/2021** para pesquisa em ambiente virtual, em relação aos procedimentos que envolvem contato através de meio virtual ou telefônicos com os participantes de pesquisa. Com isso, uma vez concluída a coleta de dados, será realizado download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". O mesmo cuidado será seguido para os registros deste consentimento livre e esclarecido que sejam gravações de vídeo ou áudio.

Fica ainda autorizada, de livre e espontânea vontade, para os mesmos fins, a cessão de direitos da veiculação das imagens e publicações, não recebendo para tanto qualquer tipo de remuneração. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Macapá, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_.

---

Assinatura da Pesquisadora  
 Ruane Cláudia Queiroz Silva  
 Universidade Federal do Amapá  
 Programa de Pós-graduação em Estudos de Fronteira (PPGEF)  
 Cel: +55 (96) 99128-4975  
 e-mail: ruane.claudia@hotmail.com

---

Assinatura do participante